

Telma Bessa Sales
Sophia Agata

SOBRAL E PATRIMÔNIO INDUSTRIAL:

outros olhares,
outras memórias,
outras histórias

Editora
**SER
TÃO
CULT**



Telma Bessa Sales

É graduada em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1997), com mestrado (2000) e doutorado (2006) em História pela mesma instituição e pós doutorado na Universidade de Évora – Portugal (2015). Tem experiência na área de História, com ênfase em História Social, atuando principalmente nos seguintes temas: Brasil, experiências sociais, memória, cultura, história oral, reestruturação produtiva e patrimônio industrial. Fez estágio na Universidade La Sapienza (Roma) sob orientação do professor Alessandro Portelli. É membro do Conselho Internacional de Monumentos e Sítios no Ceará (ICOMOS-CE), do Conselho Municipal de Patrimônio de Sobral, da Associação Nacional de História (ANPUH), é membro da Associação Brasileira de História Oral e professora associada do curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) desde 2011.



Sophia Agata

Graduanda em História pela Universidade Estadual Vale do Acaraú. Bolsista de Iniciação Científica e Extensão. Pesquisadora de história oral, Patrimônio Industrial, Material e Cultural. Diretora do documentário “Olhares Plurais em Jijoca de Jericoacoara”. Membro do grupo de estudos em história oral, registrado no CNPq. Atuou na organização da Exposição Vivências Cotidianas em Tempos de Pandemia, realizada no Memorial da Educação Superior de Sobral.

Telma Bessa Sales
Sophia Agata

SOBRAL E PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: outros olhares, outras memórias, outras histórias

Sobral-CE

2025

Editora

**SER
TÃO
CULT**

Sobral e patrimônio industrial: outros olhares, outras memórias, outras histórias

© 2025 copyright by: Telma Bessa Sales, Sophia Agata.

Impresso no Brasil/Printed in Brazil



Editora
**SER
TÃO
CULT**

Rua Maria da Conceição P. de Azevedo, 1138
Renato Parente - Sobral - CE
(88) 3614.8748 / Celular (88) 9 9784.2222
contato@editorasertaocult.com.br
sertaocult@gmail.com
www.editorasertaocult.com.br

Coordenação Editorial e Projeto Gráfico

Marco Antonio Machado

Coordenação do Conselho Editorial

Antonio Jerfson Lins de Freitas

Conselho Editorial

Carlos Augusto Pereira dos Santos
Francisco Dênis Melo
Geranilde Costa e Silva
Gilberto Gilvan Souza Oliveira
Tito Barros Leal de Pontes Medeiros
Valeria Aparecida Alves
Raimundo Alves de Araújo
Antonio Iramar Miranda Barros
Camila Teixeira Amaral
Juliana Magalhães Linhares
Cícero João da Costa Filho
Regina Celi Fonseca Raick
Andreia Rodrigues de Andrade

Revisão

Antonio Jerfson Lins de Freitas

Diagramação e capa

João Batista Rodrigues Neto

Catálogo

Leolgh Lima da Silva - CRB3/967

S164s Sales, Telma Bessa.

Sobral e patrimônio industrial: outros olhares, outras memórias, outras histórias. / Telma Bessa Sales, Sophia Agata. - Sobral CE: Sertão Cult, 2025

144 p.

ISBN: 978-65-5421-220-5 - papel
ISBN: 978-65-5421-221-2 - E-book em pdf
Doi: 10.35260/54212212-2025

1. Patrimônio industrial- Sobral, Ce. 2. Arquitetura industrial.
3. Desenvolvimento urbano. 4. Historiografia local. I. Agata, Sophia.
II. Título.

CDD **981.61** – História local de Sobral
720.975 – Patrimônio arquitetônico e urbano no Brasil



Sumário

Apresentação	5
Prefácio	11
Introdução	13

Parte I - Um passeio pela Fábrica de Tecidos



Parte II - Sobral se transformando

Trabalhadores da Fábrica de Tecidos de Sobral – Muitas histórias e outras memórias.....	67
Conversando sobre patrimônio industrial	81
Viver Portugal além dos muros acadêmicos: uma experiência transformadora	101
Patrimônio industrial: palavras, imagens e práticas.....	113
TCC's acerca do Patrimônio Industrial – Departamento de História – UVA.....	137
Posfácio.....	141



Apresentação

Na primeira semana de novembro de 2024 fiquei muito contente. A notícia da aprovação do meu livro, que agora você tem em mãos, de fato, foi uma grande surpresa, pois há dez anos acalento o sonho de uma edição atualizada da primeira edição, lançada em 2012. O portador da notícia foi o amigo Léo Mendonça¹.

Comecei a pensar no tempo necessário para a organização do trabalho de escrita, mesmo sendo um livro de atualização das pesquisas sobre o mundo trabalho e patrimônio. Lembrando que a escrita da história envolve os aspectos da pesquisa, da interpretação, da análise e das memórias. Sim, este é um livro sobre histórias e memórias de Sobral. A pesquisa histórica contemporânea articula novas questões e diferentes análises, implica em uma visão plural e um outro olhar para a reconstrução da história, das nossas histórias sobralenses, a partir dos vestígios localizados em documentos escritos, discursos oficiais, narrativas orais, audiovisuais, desenhos da arquitetura, matérias de jornais, reclamações trabalhistas etc.

No momento da escrita desse livro somos marcados por uma realidade de desigualdade social e avanço de posturas obscurantistas que nos desafiam a perceber que a história é toda a experiência humana e compõe a pluralidade de ideias, sentimentos, tensões. A defesa da democracia é necessária para não cair no esquecimento capítulos de autoritarismos que fazem parte de nossas histórias. Implica dizer que

¹ Disponível em: <https://www.instagram.com/leo.mendonca.art/>.

“[...] a história deixou de ser compreendida apenas como resultado de uma atividade intelectual, passando a ser investigada como prática social, cujo principal componente seria a consciência histórica”, como afirmam Marieta de Moraes Ferreira e Margarida Maria Dias de Oliveira (2019, p. 69).

Nosso diálogo abarca a complexidade das experiências históricas de mulheres e homens em várias dimensões da realidade social, e nessa perspectiva o livro contém várias histórias e memórias plurais. São narrativas que, ‘remando contra a maré’ do conhecimento hegemônico e autoritário, buscam a valorização de protagonistas nos espaços de visibilidade, considerando pessoas e grupos excluídos como, por exemplo, os trabalhadores e as trabalhadoras sobralenses.

Há quatorze anos em sala de aula na Universidade Estadual Vale do Acaraú em Sobral, trago presente a temática dos mundos do trabalho, do patrimônio e da história oral. Nesse processo, articulamos as experiências, os pensares e fazeres de antigos trabalhadores têxteis e o cotidiano de como sentem o trabalho, as relações dentro da fábrica, as amizades, enfim, as narrativas de como vivem, trabalham, sentem, amam etc. Realizamos os registros audiovisuais por meio de documentários, como o filme ‘A vida entre tecidos fios e nós’².

Da mesma forma, envolvendo estudantes na produção de entrevistas e filmagens sobre cotidiano de trabalho, fizemos o documentário “Um patrimônio chamado Sobral”³.

2 O documentário “*A Vida entre Tecidos, Fios e Nós*” retrata memórias e histórias de ex-trabalhadores da Fábrica de Tecidos Sobral. O cotidiano destes que fizeram suas vidas em torno da Fábrica. Por meio de narrativas, expressam momentos de alegrias, decepções, revoltas, anseios, utopias. O documentário busca articular momentos do cotidiano de trabalho, horas-extras, condições de trabalho, salários, casa, família, bem como a realização de festas no clube ‘Cassino’, os encontros/namoros/casamentos, as ‘manhãs de sol’ em comemoração ao dia do trabalhador (1º de maio). Contém comentários de estudiosos sobre a importância da Fábrica de Tecidos, que muda a face e a maneira de viver da cidade, da população jovem que ingressava cedo para o trabalho. Disponível em: https://youtu.be/58rUcaRT2rU?si=a5iW4McdzFe_VNLB.

3 A problemática central deste documentário se movimenta em torno do diálogo Cidade e Patrimônio, de forma ampla, incluindo o patrimônio Industrial, gastronômico, arqueológico, paisagístico etc. É uma reflexão sobre o binômio cidade-fábricas, com ênfase no patrimônio cultural de bem industrial de Sobral. Sobral é plural. É solar. É cultural. É local de fábricas e trabalhadores desde o século XIX. A noção de patrimônio industrial nos remete à ideia de uma realidade que vemos não só em Sobral como em outros municípios, de espaços de trabalho que hoje são ruínas: o que antes era um lugar de trabalho se transforma em um lugar de memória (Ferreira, 2009). O patrimônio industrial tem a ver com o mundo do trabalho,

Essa tríade – história oral, mundos do trabalho e memórias, é uma paixão que me acompanha desde a militância nas pastorais sociais, no final dos anos de 1980 durante o processo de redemocratização no Brasil. Naquele momento e na década de 1990, a situação conjuntural era de apartação social:

A sociedade brasileira está cada vez mais marcada pela dualidade socioeconômica. O país vive dividido entre dois mundos funcionalmente ligados, porém, hierarquicamente separados: um relativamente organizado e capitalizado, integrado em mercados nacionais e internacionais, equipado por tecnologia moderna e, sobretudo, favorecido pelo Estado e por suas empresas públicas; e outro, desorganizado e desfavorecido, com acesso precário ao capital, aos mercados à tecnologia, onde vive e trabalha a maioria dos brasileiros (Neutzling, 1991, p. 371).

Assinalamos que a análise do filósofo e jesuíta Pe. Inácio Neutzling corrobora com a situação de lutas realizadas por vários setores para a diminuição do fosso entre os mais ricos e os pobres do país, inclusive nos anos pós-ditadura civil militar brasileira.

Adentrando ao século XXI, temos visto avanços e recuos na dinâmica social da realidade brasileira, e mesmo com as políticas públicas, os programas sociais, os auxílios pontuais a segmentos vulneráveis da sociedade, as cotas estabelecidas em diversas áreas etc., vivemos a precarização do trabalho, a perda de direitos conquistados, a falta de acesso aos serviços de qualidade e, após, a pandemia da Covid-19, da qual sentimos as sequelas até hoje, de forma desigual.

A escrita das histórias e memórias desse livro é marcada ainda pelo desafio de se pensar na vitalidade da crítica a respeito das ausências na historiografia, superar uma forma de conceber a história, em que as

com fábricas, trabalhadores e empregadores, o próprio espaço industrial com as máquinas de produção e o saber-fazer dos trabalhadores, assim como diz respeito ao modo de vida dos que ali habitam e deixam suas marcas nos arredores do espaço fabril e as atividades no chão da fábrica. Assim, trazer esta reflexão por meio de um documentário é muito importante na formação do estudante das ciências humanas desta região, que é um campo aberto para a pesquisa. A ação do diálogo com estudiosos sobre o patrimônio sugere envolver as novas gerações, dentro das escolas, no sentido de suscitar reflexões sobre os locais de trabalho, patrimônio e os espaços de trabalho.

trabalhadoras não são protagonistas, onde as memórias dos espaços de trabalho são apagadas e esquecidas.

Atualmente, as ruínas desses espaços de trabalho nos chamam para voltar o olhar e perceber a expansão da cidade, a constituição de uma geopolítica no contexto da configuração fabril no sertão do Ceará.

A partir de 2015, com o pós-doutorado em Évora (Portugal), no Centro Interdisciplinar CIDEHUS, sob a orientação da Profa. Ana Cardoso, foi possível concretizar o desenvolvimento de pesquisas mais amplas envolvendo professores do Brasil e de Portugal que se dedicam aos estudos do patrimônio industrial. Esse trabalho foi publicado pela Editora SertãoCult com o título “Conversando sobre patrimônio industrial”⁴.

Mais do que um livro de história, a partir de agora, você poderá conhecer melhor a cidade de Sobral e saber mais sobre o assunto do patrimônio cultural de bem industrial, incorporado na reflexão mais alargada sobre o patrimônio sobralense. Há espaços e ruínas que outrora foram locais de trabalho que também são um legado patrimonial, são espaços que hoje são ressignificados como espaços culturais de memória e da produção culturais do saber.

Também é uma oportunidade para você se aprofundar no processo de conhecimento das narrativas de uma pesquisa sobre a fábrica de tecidos de Sobral (CFTEDE) realizada em 2012, de forma coletiva, com Alana Araújo e Luiz Carlos, estudantes do Curso de História da UVA, utilizando a metodologia de história oral em cruzamento com documentos oficiais, fotografias etc. Dialogamos com antigas trabalhadoras, como a Sra. Gilca Pereira, que durante a entrevista nos apresentou um vestido feito com tecido da fábrica na qual trabalhou, e que fora usado num desfile quando tinha 15 anos.

Os (as) narradores (as) contaram seus cotidianos e a vida de trabalho fabril descortinando outras histórias e memórias que não se encontram nas análises planejadas e estatísticas. São relatos qualificados e profundos, fruto de longas conversas que agora alcançam maior visibilidade.

4 Disponível em: <https://encr.pw/UEvoraConversandosobrepatrimonioidustrial>.

Como bem informou o Prof. Alencar Mota (curso de Ciências Sociais e Direito da UVA) na introdução da versão anterior desse livro

A pesquisa longe de se constituir em 'pesquisa de gabinete', inicia-se literalmente como um 'passeio conjunto' de pesquisadores e ex-trabalhadores pelas próprias instalações da antiga fábrica de tecidos, atual UFC. Na ocasião puderam (a pesquisadora e seus alunos) ao percorrer cada sala, corredor, pátio, ouvir daqueles ex-operários as narrativas do que significava para eles cada um desses lugares, tudo transcrito e registrado.

E continua:

Ler o trabalho é como adentrar o túnel do tempo e transformar em síntese o passado e o presente, nos lançando a uma experiência de alteridade, de confronto significativo entre diferentes representações, ou se preferirmos, nos transformando num pêndulo que oscila entre o passado narrado pelos depoentes e nossa própria contemporaneidade.

A obra atualizada está a nos lembrar, por meio de artigos vários sobre Patrimônio Industrial, que este é um campo de pesquisa em crescimento nas universidades brasileiras. O patrimônio da indústria inclui todos os traços, em diferentes estados de conservação, de sua operação e relação com a paisagem e na sociedade. Um entendimento mais alargado se consolidou com a redação da Carta Nizhny Tagil (2003)⁵ da Comissão Internacional para a Conservação do Patrimônio Industrial (TICCIH), segundo a qual:

O patrimônio industrial compreende os vestígios da cultura industrial que possuem valor histórico, tecnológico, social, arquitetônico ou científico. Estes vestígios englobam edifícios e maquinaria, oficinas, fábricas, minas e locais de processamento e de refinação, entrepostos e armazéns, centros de produção, transmissão e utilização de energia, meios de transporte e todas as suas estruturas e infra-es-

5 Disponível em: <https://ticcih.org/wp-content/uploads/2013/04/NTagilPortuguese.pdf>.

truturas, assim como os locais onde se desenvolveram atividades sociais relacionadas com a indústria, tais como habitações, locais de culto ou de educação.

Enfim, o interesse pela temática do patrimônio industrial vem se desenvolvendo e essa publicação é a consolidação de um longo período de diálogos, estudos, aulas, seminários, trabalhos de conclusão de curso etc., trazendo presente a importância de histórias de fábricas nas histórias de Sobral ('histórias dentro da história').

Que esta leitura desperte o trilhar de caminhos entre as ruas marcadas pela arquitetura fabril, dentro e fora do centro histórico de Sobral, além da UFC (antiga fábrica têxtil), da ECOA (antiga fábrica de beneficiamento de algodão), do IFCE (antiga CIDAO) e de tantos outros legados patrimoniais que se fazem presentes mesmo que ainda não conheçamos.

Ratificando o que está na versão anterior desse livro, essa obra é um encontro das pesquisadoras com ex-trabalhadores, mas também um encontro de gerações... é um encontro da cidade consigo mesma, um 'refletir' a sua própria história, da qual ninguém pode se subtrair, daí o sentido do estudo da memória como representação. Enfim, a obra faz-nos mais que meros integrantes de classes sociais em contradição, mas produtores de cultura e sociabilidades, quaisquer que sejam os postos de trabalho que ocupemos.

Boa leitura!



Prefácio

Este livro emerge como uma celebração não apenas da história de Sobral, mas também como um convite à reflexão sobre seu rico patrimônio histórico e industrial. Ao percorrermos as páginas que se seguem, convidamos o leitor a uma viagem que vai além das datas e fatos, apresentando uma cidade que respira história em cada esquina, em cada estrutura, e que revela, através de suas ruínas e espaços, as memórias de um passado vibrante que ainda ecoa no presente.

Sobral é mais do que um local geográfico; é um conceito vivo repleto de narrativas, saberes e tradições que se entrelaçam na formação de sua identidade. Aqui, as fábricas, os casarões e as praças não são apenas testemunhas passivas do tempo, mas sim atores que interagem com a cultura local, refletindo as transformações sociais e econômicas que moldaram a vida de seus habitantes.

Ao longo desta leitura, nos propomos a explorar o patrimônio sobralense de uma maneira abrangente, buscando compreender como esses espaços significativos se entrelaçam com a memória coletiva e o cotidiano dos sobralenses. Cada relato, cada fotografia traz à tona a ressonância das experiências vividas, a importância da preservação das memórias e a continuidade das tradições que tornam Sobral um lugar singular.

Que este livro sirva não apenas como um registro histórico, mas também como uma fonte de inspiração para reconhecer a importância de cuidar do nosso patrimônio e valorizar as histórias que nos

conectam. Aproveitem esta viagem ao coração de Sobral, onde o passado se encontra com o presente, e as memórias se transformam em legado.

Prof. Dr. Francisco Carvalho
Vice-Reitor da UVA



Introdução

Este é um livro para ser lido e degustado. Sim, o saber e o sabor caminham juntos, no prazer de ler! As páginas narrativas e as fotografias apresentam a cidade de Sobral em diversas circunstâncias da sua realidade social, como: manifestações culturais, trabalho em fábricas, festividades. Importa tomar conhecimento da história de Sobral por meio das experiências de seus habitantes, em especial, das vivências de ex-trabalhadores da Companhia de Fiação e Tecidos Ernesto Deocleciano (CFTED).

Sobral é uma cidade de porte médio localizada a 225 km de Fortaleza/Ceará. Possui uma parte de seu núcleo urbano tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) como Patrimônio Histórico Nacional, desde o ano de 1999. O registro da história local pode ser contemplado para além de prédios arquitetônicos e ser composto pelas experiências e práticas sociais de seus moradores, pois sabemos que a história é plural e o relato oral das experiências de vida de pessoas comuns mostra que não existem somente as versões de reis, rainhas, políticos e heróis.

Nessa perspectiva, ao se falar da cidade, do trabalho, do cotidiano sobralense, surge outra abordagem, qual seja, a de inserir novos sujeitos sociais que constituem o espaço urbano-fábril da cidade de Sobral, expressando as memórias e experiências dos ex-trabalhadores no mosaico que compõe a memória social.

Entender a pluralidade das memórias de sujeitos que constituíram o local de trabalho têxtil e dar a isso visibilidade, significa entender que no fazer-se da fábrica estão as trajetórias daqueles sujeitos, como

trabalhavam, onde moravam, suas opções de lazer, expressão de religiosidades, festas, cultura.

Apresentamos uma versão da história de Sobral, de uma forma não homogênea, focando o diálogo entre sujeitos sociais, em especial os trabalhadores, pois “É fundamental preservar a memória daqueles que não têm lugar nos manuais de história, salvaguardar os seus testemunhos e depoimentos”, disse o filósofo alemão Walter Benjamin (1892-1940), que defendia, como ele próprio chamava, a “história dos vencidos” ou dos excluídos.

É também nesta dimensão que a parceria entre professora e alunos bolsistas se concretizou na tarefa da escrita desta história. Sim, o diálogo entre pesquisadores que se dedicam a compreender a cidade e a fábrica por meio de narrativas de trabalhadores é expresso aqui por meio da publicação de nossa pesquisa. Existem razões que nos levam a privilegiar o tema do Trabalho nos estudos realizados. Elas não existem por acaso. É importante contar a história do que motivou este trabalho. Para a professora Telma Bessa, vem de longa data o desejo de dialogar com este segmento social, a reflexão a respeito do mundo do trabalho sempre deu o tom no envolvimento em pesquisas diversas, além de sua militância nas pastorais sociais na década de 1990.

Esta articulação do estudo com a própria experiência de ser trabalhadora, aliada ao período de aprendizagem e convívio na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP, durante a realização do Mestrado e do Doutorado, contribuiu, efetivamente, para uma mudança no modo de pensar e pesquisar. A partir desta experiência, da descoberta das várias dimensões do “ser trabalhador” e do diálogo com estes, ficou evidenciada a necessidade de se buscar uma compreensão maior sobre a vida destes sujeitos sociais, para além dos muros da fábrica.

Já no Doutorado (2005), as reflexões do Prof. Alessandro Portelli, da Universidade La Sapienza de Roma/Itália, apontam que a compreensão das ideias de pesquisa e estudo têm um viés de intervenção na realidade. Não se trata apenas de um instrumento de conhecimento em si, como afirma em seu texto *“Una vita non appartiene a nessuna discipli-*

na” (Portelli, 2005), mas, sobretudo, a pesquisa comporta um encontro entre pessoas, o que significa uma experiência transformadora.

Assim, há um diálogo com os sujeitos sociais, vai sendo construído com eles um saber que é legítimo e reconhecido socialmente, para além do saber consagrado nas instituições acadêmicas. Realizar pesquisas com intervenção na realidade, nas quais se evidenciam as experiências dos sujeitos em seu fazer-se histórico, leva à compreensão da necessidade de articular história e vida, aproximando a história do homem comum, valorizando e validando suas experiências.

As atividades dentro do processo desta pesquisa sobre Sobral tiveram a participação de alunos de diversos períodos letivos do Curso de História: Francisca Carneiro, Joaquim Sousa, Luis Carlos, Talyne Rose, Allana Araújo. Alunos curiosos e dedicados que se descobriram no “gosto” do contato com os trabalhadores, na visita ao local da antiga fábrica, na delícia de entrevistar os interlocutores da pesquisa. Sem estes alunos a pesquisa não teria sabor e vivacidade, e, sem dúvida, esta atividade foi importante na vida de cada um e do próprio grupo!

Reconhecendo as muitas memórias que nos são apresentadas na pesquisa, e com elas dialogando, sabemos que não somos os únicos capazes de interpretar o vivido. A partir dos documentos e dos relatos dos ex-trabalhadores da Fábrica de Tecidos de Sobral, construímos um texto que entende a memória como um campo de disputa. A memória é social! Nesse sentido, compreendemos que memória e história se cruzam e interagem nas problemáticas sociais (Khoury, 2004, p. 118).

Sob esta perspectiva de trabalho, o historiador também participa destes debates quando se explicita e dá visibilidade às várias memórias produzidas. Portanto, as interpretações dos ex-trabalhadores ajudam a construir esse diálogo com outras interpretações, com a memória oficializada e com os trabalhos construídos no debate acadêmico. A partir destes enredos, buscamos as interpretações da vida e do trabalho na antiga fábrica, na perspectiva de seus ex-trabalhadores, compostas nas suas memórias e narradas em encontros realizados com eles ao longo do ano de 2011.

A fábrica de tecidos, instalada com o nome Ernesto & Ribeiro, em Sobral, no ano de 1894, foi a primeira grande fábrica que inseriu o município na divisão espacial da produção industrial. Comandada por dois sócios, Ernesto Deocleciano de Albuquerque, cearense, nascido em Aracati, mas residindo em Sobral, exportador e beneficiador de algodão, e Cândido José Ribeiro, industrial do ramo têxtil no Maranhão, a fábrica demorou três anos para ficar pronta, iniciando sua produção com maquinário importado da Inglaterra.

Este trabalho é permeado de reflexões sobre as experiências vividas e narradas pelos trabalhadores em seu próprio fazer-se histórico, expressando suas subjetividades e visões de mundo, é uma abordagem que vê o trabalhador em suas ações e reações, resistências e aceitações e não apenas como espectador ou vítima dos acontecimentos. Nesta perspectiva, este livro busca refletir sobre este aspecto, qual seja, o Ceará (e Sobral) da indústria e de seus trabalhadores.

Em se tratando de uma interpretação significativa de múltiplas histórias, o historiador (como um investigador) em seu ofício busca indícios, vestígios para construir suas análises, redefine fontes, recupera informações, e, com o olhar de hoje, dialoga com outros autores, consigo mesmo e com os sujeitos de sua pesquisa.

Tomando como base a formação plural, na compreensão de uma História que está em construção, que dialoga com outras áreas do conhecimento, ampliando o mapa da produção do conhecimento histórico, apresentamos este livro, fruto de pesquisa com metodologias que valorizam os sujeitos sociais.

A partir de novas possibilidades metodológicas, que desviam o olhar das hierarquias para as relações, das posições para as representações, buscando compreender como determinada realidade social é construída, pensada, significada simbolicamente, dada a ler como um texto, é que se insere este livro.

Assumindo esta opção teórica, que também é uma prática social, torna-se necessária a abordagem de uma história plural. É preciso pensar os sujeitos sociais, considerando-se também as trajetórias destes para conquistar melhores condições e uma vida com dignidade. Pen-

sar com suas bagagens culturais, relações sociais, tendo em vista uma sociedade em que se considerem a pluralidade, as diferenças entre as pessoas e ao mesmo tempo a construção de uma história aberta, participativa e democrática. Tal perspectiva é marcante, no dizer de Fenelon (1983, p. 74), no artigo “Cultura e História Social: historiografia e pesquisa”, pois:

Abre a possibilidade de produzir uma história que será sempre política, porque inserida no seu tempo e comprometida com ele [...] na esperança de estarmos, de alguma maneira com nosso trabalho ajudando a construir o futuro, numa perspectiva transformadora.

Este livro contém a história de sua cidade, é sua história, nossa história... Sim, histórias no plural, que aqui consideram as narrativas dos sujeitos na vida cotidiana, não separadas dos processos sociais vividos, em que se destaca o “ir além dos hábitos, aquilo que os hábitos representam, as verdadeiras raízes da vida” (Hoggart, 1973).

Temas como a vida na cidade hoje, o futuro do trabalho e a população, estão presentes na sociedade. Questões como o desemprego, a eliminação de postos de trabalho, o impacto da tecnologia nos setores produtivo e de serviços, a presença feminina no mercado de trabalho, abertura de postos de trabalho em setores estratégicos, como área petrolífera e setor de exportação, a extinção de profissões e a necessidade do tempo livre para todos, chamam a atenção. A cidade é espaço amplo de debate. Há pluralidade de relatos, interpretações e análises.

Da pesquisa

Como indicamos anteriormente, a Fábrica de Tecidos Ernesto Deocleciano representou para os antigos trabalhadores, durante muito tempo, o orgulho e o coração da cidade de Sobral. O apito da Fábrica, assinalam as narrativas dos trabalhadores, deu sentido aos horários e ao ritmo de vida dos populares nos deslocamentos para o trabalho ou para casa, bem como anunciava o falecimento de alguma pessoa (o apito demorava, como forma de aviso sobre a morte de alguém).

A chaminé viva e potente está presente no imaginário dos trabalhadores bem como na literatura da cidade, nos escritos de seus cronistas, como este do Pe. XIMENES In: Sobral: na madrugada da Diocese, p. 29, Sobral, 1972:

A chaminé da fábrica emergia do panorama dos telhados soltando constantemente sua fumaça como um cigarro preto. Nos começos e fins de expediente aquela fábrica apitava conclamando ou despedindo operários. E aquele apito rouquento e prolongado, quando rasgava o silêncio, despertava recordações distantes e indefinidas.

Esta pesquisa sobre a cidade de Sobral, a partir da presença da cultura algodoeira e do trabalho na Companhia de Fiação e Tecidos Ernesto Deocleciano (CFTED), pauta-se na utilização de depoimentos orais dos trabalhadores, pois eles “sempre lançam nova luz sobre áreas inexploradas da vida diária das classes não hegemônicas” (Portelli, 1997, p. 31), principalmente quando se trata de grupos marginalizados, visto que pouco se conhece ou se sabe sobre suas experiências, seu cotidiano.

Entendemos que as experiências dos trabalhadores da Fábrica de Tecidos de Sobral são importantes para compreendermos os seus modos de vida, dentro do contexto mais amplo das relações entre capital, trabalho e emprego no Brasil, nos últimos anos. Esta realidade do mundo do trabalho têxtil não é única. Outras indústrias, como de calçados, cimento, laticínio, também estão presentes na cidade de Sobral, conforme indicam os estudos de Geografia, em que se analisam o espaço territorial e a implementação das fábricas (Holanda, 2007).

Nosso estudo privilegia o conhecimento das experiências dos sujeitos, através de metodologia qualitativa que dá preferência ao trabalho com fonte oral, pois trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações.

A ênfase é dada aos processos e aos significados apresentados pelos sujeitos. Interpretações dos fatos expressam a experiência social vivida por pessoas que se relacionam, e vão além do que é estabelecido e padronizado, influenciando na construção da própria história.

Neste sentido, a opção de estudo com a história oral considera menos os eventos e mais os significados para os sujeitos. Reconhece as interpretações e valoriza as subjetividades, considerando que o processo vivido não é um esquema de experiências comuns e sim um “mosaico”, em que cada pessoa é diferente da outra e busca-se as diferenças das experiências vividas internamente.

A história oral coloca-se como um “campo de possibilidades”, conforme nos indica Portelli: “A história oral e as memórias não nos oferecem um esquema de experiências comuns, mas sim um campo de possibilidades compartilhadas, reais ou imaginárias” (Portelli, 1996, p. 70).

Nesta linha de reflexão, considera-se o olhar visto de dentro e não uma análise do alto, de forma distante. Reconhece-se que existem múltiplas visões, que há uma multiplicidade de memórias e de sujeitos. Estes têm experiências vividas e compartilhadas que acontecem num ambiente social, num contexto mais amplo, e possuem narrativas únicas que têm também dimensão social. O campo de estudo da pesquisa focaliza as práticas sociais, ou seja, o conjunto das ações e reflexões dos sujeitos sociais através de suas narrativas.

No diálogo com os trabalhadores estabelecemos relações com as próprias experiências dos sujeitos, realizando entrevistas que se colocam de maneira peculiar, pois é neste exercício do conhecer e de se deixar conhecer que apreendemos um universo revelado pelo outro. Na lida com as entrevistas e narrativas, o diálogo construído está composto também por versões oficializadas da memória, e estas versões estão postas nos referenciais do poder, no noticiário da imprensa, na elaboração das grandes obras e na constituição da memória. Importa destacar que não há uma memória pura, mas sim elaborações trazidas das relações construídas nos vários momentos e significadas por estes entrevistados no encontro com o historiador. A memória é resignificada, reconstruída pelos sujeitos sociais.

Nesta perspectiva, vale destacar Rabelo Filho (2010, p. 23) ao afirmar:

A utilização desta fonte histórica no universo acadêmico contemporâneo tem gerado diversos embates, suscitado reflexões, fomentado debates principalmente porque a

mesma é questionada por sua subjetividade, pela sua suposta falta de autenticidade, de prestígio talvez. Embates nas formas do saber fazer; estratégias demarcadoras do fazer lembrar... Histórias do cotidiano, outras formas de narrar, outras percepções acerca das transformações históricas, outras estratégias do lembrar, são ganhos simbólicos ao saber fazer produzir historiográfico.

Através das entrevistas, os sujeitos sociais entrevistados, os trabalhadores, falam de si mesmos, de suas experiências no trabalho, de seus filhos, dos seus pensamentos sobre o futuro, do mundo hoje, pois se colocam frente ao fato de serem entrevistados; usam uma chave que abre infinitas lembranças, acontecimentos, memórias, que são evidentemente a história vivida por eles, em um determinado tempo e espaço.

Autores, como Alistair Thomson, Alessandro Portelli, Richard Hoggart, são alguns estudiosos cujas reflexões se fazem presentes na pesquisa.

A experiência de entrevistador não está pautada na relação hierarquizada, mas na busca das relações entre iguais, como nos lembra Portelli, uma experiência de igualdade, entre pessoas que têm vivências diferenciadas e que dialogam. Nesta forma de encaminhar a relação, o pesquisador também é estudado pelo seu entrevistado, portanto, há sempre duas visões. Reconhecer isso é criar um ambiente de confiança e uma relação com o entrevistado.

Na lida com a fonte oral, o pesquisador participa de forma efetiva da produção das fontes. É ele quem elabora as perguntas, ainda que não obtenha as respostas que anseia e isso demonstra o aspecto dialógico desta modalidade de fonte.

E neste trabalho também ousamos apresentar o estudo com uma linguagem audiovisual que expressa a vida dos trabalhadores contada por eles mesmos.

Ao enfatizar as vivências dos trabalhadores, compreendemos que a subjetividade permeia toda a pesquisa, levando-os a assumir os seus depoimentos como fonte histórica. Ao lidar com a narrativa e a memó-

ria das experiências, reconhecendo-as como permeadas de valores e sentimentos, não há como o historiador abster-se da sensibilidade da fala do narrador.

Temos o compromisso e a responsabilidade de estarmos inseridos dentro desta grandiosa teia, plural, dinâmica e heterogênea, chamada História, na metáfora de uma "colcha de retalhos", ou um mosaico, onde todos somos diferentes, com muitas coisas em comum, com trajetórias diversas, buscando tanto a semelhança como as diferenças, porém formando um todo coerente (Portelli, 1996).

Um dos sentidos deste estudo é construir uma interpretação na qual a fábrica é ressignificada em sua pluralidade de significados. Reconhecemos as memórias plurais que surgem, apontando que há diversos sujeitos sociais que interpretam o trabalho na fábrica. No processo de desenvolvimento da pesquisa, no ampliar do diálogo com os trabalhadores, a partir dos documentos e dos relatos dos trabalhadores, compreendemos a memória como um campo de disputa e um instrumento de poder.

As reflexões acima apontam para possíveis caminhos a serem trilhados e um deles seria a convicção de que é necessário procurar outras memórias e histórias que foram excluídas no processo e contemplar as diversas experiências de sujeitos sociais com seus diferentes modos de vida. O olhar se volta para a contemporaneidade, para o movimento social, impulsionando para a transformação do presente, com a preocupação e compromisso de atuar no tempo presente, embalados pela utopia e esperança, como aponta Sarlo (1997 p. 43):

Mais do que trabalhar novos temas e abordagens, trata-se de propô-los de forma a reafirmar a contemporaneidade e a vitalidade crítica da reflexão, entendendo que a operação histórica requer um movimento não só retrospectivo, mas fundamentalmente prospectivo, sempre colocando em causa as relações entre memória e história.

Assim, evidencia-se a necessidade de se debater, escrever sobre os trabalhadores têxteis, embora este seja um tema sobre o qual muito já se escreveu, mas de que ainda se sabe pouco. Levando-se em conta a

possibilidade do esquecimento, convém retornar a este tema diversas vezes, não para repetir as análises que já existem, mas a fim de vê-lo de uma maneira sempre renovada, com outras abordagens, para assim dificultar o seu esquecimento, buscando dialogar com as experiências destes sujeitos sociais, com os modos de vida e relações constitutivas de suas culturas.

Com o olhar voltado para as transformações do mundo do trabalho, em especial a indústria têxtil, no Brasil e no Ceará, há a necessidade de uma investigação sobre a história dos trabalhadores deste setor industrial, com a dimensão da história social, que instiga para uma discussão ampliada e contemporânea, a partir das experiências destes trabalhadores nas cidades.

Vale aqui destacar o livro *Tem pano para manga: Histórias do trabalho têxtil no Brasil* do Professor de História da UESPI - Parnaíba encontra-se disponível no site da editora Paco Editorial e de diversas livrarias, tanto na versão impressa, quanto em e-book.

Parte I
Um passeio
pela Fábrica
de Tecidos





Um passeio bem diferente: estudantes e ex-operários caminham nos espaços internos da antiga Fábrica de Tecidos Ernesto Deocleciano (FTED). O Sol estava quase escondido, numa manhã de maio de 2011, em Sobral. O clima nesta cidade é tipicamente tropical, quente e seco, com uma temperatura média de 30 graus centígrados e com uma altitude de 69 metros.

Este dia, em particular, estava convidativo e animado para um grupo de estudantes do curso de História da UVA e de ex-trabalhadores, que, após quinze anos, regressaram ao espaço da antiga Fábrica Ernesto & Ribeiro, Fábrica de Tecidos de Sobral ou ainda a Companhia de Fiação e Tecidos Ernesto Deocleciano (CFTED).

A ação era desafiadora e estimulante: andar pelos caminhos internos da antiga Fábrica, no centro de Sobral, sendo guiados pelos que ali, de forma cotidiana, dedicaram-se vinte, trinta, quarenta anos ao funcionamento dela. Sim, fomos levados a enxergar restos de um passado recente, quando estes trabalhadores viviam os frutos do seu trabalho fabril.

A caminhada então iniciou-se a partir das mãos, falas, gestos, enfim, no diálogo com o Sr. Antonio da Silva, o Sr. Barbosa de Sousa e o Sr. Carlos Sales (nomes fictícios), respectivamente, electricista, supervisor e tecelão. Estes são interlocutores na pesquisa Tecendo Memórias: Experiências de Trabalhadores da Fábrica de Tecidos de Sobral, vinculada ao Laboratório de Memórias e Práticas Cotidianas (LABOME-UVA) e

à Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da UVA, além de tecelãs como Rosário Araújo, Maria da Conceição e Célia Maria.

Atualmente funciona naquele local a Faculdade de Odontologia da Universidade Federal do Ceará - UFC. Naquela manhã, estudantes e professores chegavam para suas atividades, deparando-se conosco: um grupo de pessoas idosas e de jovens estudantes com mochilas contendo filmadoras, câmeras fotográficas, cadernos de anotações, com olhares surpresos, curiosos, furtivos, embotados, melancólicos.

O caminho torna-se mais leve e rápido com a expressividade das narrativas sobre o antigo local de trabalho: aqui se instalava o banheiro, ali a portaria, lá mais à frente era onde os carros levavam o material para exportação, do outro lado, a escola, depois, o cassino. Esses marcos visuais narrados pelos trabalhadores nos permitiam pensar processos vividos por eles, que constituíram seus modos de vida.

Observamos que através de suas memórias são contadas histórias significativas do local de trabalho, da expansão da Fábrica, das festas, forrós, sorteios, futebol, da produção, do apito, da chaminé. A pluralidade das narrativas, as diversas experiências dos trabalhadores demonstram que existem diferentes maneiras de viver e interpretar o vivido. Assim, é importante isto ser explicitado para que haja uma potencialização e uma maior percepção da riqueza existente nas narrativas desses sujeitos sociais. Como assinala Pollack (1992, p. 200-212): “A História tal como a pesquisamos pode ser extremamente rica como produtora [...] de novas interpretações. A História está se transformando em histórias parciais e plurais”.

E somos levados para uma visão geral do antigo espaço fabril: vê-se nos arredores uma sucata, de propriedade de um ex-operário, que teima em viver do lado de fora do que significou o “ingresso de Sobral na era industrial”, como nos conta Padre Lira em uma de suas cartas no Jornal Correio da Semana (Nossa História - A Revolução Industrial em Sobral - Pe. João Mendes Lira - Cap. LVI, 20/5/1972):

Em nossa terra a Revolução Industrial apareceu somente em 1895 quando foi construída a primeira fábrica de Tecidos Ernesto Deocleciano. As máquinas foram todas im-

portadas da Inglaterra, país onde foi iniciada a Revolução Industrial.

Nesta manhã de passeio incomum compartilhamos alegrias, tristezas, lembranças, reminiscências do trabalho duríssimo nas máquinas, salas de pano, fiação, teares, escritórios, bem como espaços lembrados com orgulho, como a escola para as crianças da vila e o “Cassino dos operários”, anexo à empresa na década de 1940, além da sala dos médicos. Enfim, conhecemos os espaços construídos e vivenciados pelos trabalhadores, cujos caminhos continuam inesquecíveis, preservados em suas memórias.

Sim, a Fábrica foi uma revolução na vida dos trabalhadores, da cidade, da população. Jovens ingressaram cedo para o trabalho, como afirma a Sra. Maria Cardoso do Nascimento, Marizô, que nasceu em Tianguá em 1919, e vive em Sobral desde 1921, casou aos treze anos, é mãe de quatorze filhos. Trabalhou como parteira, rezadeira, lavadeira, empregada doméstica e tecelã. Ao ser indagada sobre o trabalho na fábrica diz⁶:

Eu trabalhei como “tecelona”, fiação, “remetedor”. Na tecelagem de tudo eu sabia. Ali trabalhei muito porque era manual não tem agora, todo trabalho é em eletricidade... Trabalhava manual, eu pegava uma máquina como daqui a ali fora, pra eu dar conta, eu tava lá, tava no meio, tava na ponta, era correndo.
Eu trabalhei lá eu acho que... pouco, assim aos doze anos...

As narrativas dos trabalhadores entrevistados, assim como da Sra. Marizô, apontam idades de onze, treze, dezesseis anos ou até mesmo alguns mecanismos para o trabalho infanto-juvenil, como destaca também a Sra. Maria da Conceição, moradora da Vila Janoca, situada na Praça da Santa Casa, e ex-operária da fábrica:

Comecei a trabalhar na fábrica com 13 anos, eu e minha irmã mais nova. Aumentaram nossa idade, pois só traba-

6 Entrevista: NASCIMENTO, Maria Cardoso do. - D. Marizô (depoimento, 15.09.2001). Sobral, Laboratório de Memórias e Práticas Cotidianas, 2001. Prof. Dr. Nilson Almino de Freitas.

Ihava lá quem tivesse 15 anos. Foi uma vizinha que falou com o Sr. Cândido, pois precisávamos trabalhar para ajudar em casa. Esta mesma vizinha conseguiu com o gerente da fábrica a casa na vila Janoca.⁷

Ou ainda como o Sr. Barbosa de Sousa, que nasceu em Sobral, numa casa pertinho da Santa Casa. Em sua narrativa, aponta com orgulho que seguiu a carreira do pai, que começou como mecânico. Como o pai foi tecelão, ele também entrou na Fábrica e trabalhou desde jovem com vários amigos, pois não havia muita opção de trabalho na cidade: o pessoal era muito dedicado ao trabalho, fazia tudo com muito amor. Este trabalhador foi contramestre, trabalhou no setor de produção, foi auxiliar de escritório, supervisor, e continuou na Fábrica até a década de 90, antes de ela fechar.

Hoje, seguindo os passos falados de ex-trabalhadores, suas histórias de ingresso na fábrica, observamos os vestígios de locais da chegada do algodão cru, do salão imenso das descaroçadeiras, as máquinas que separavam o algodão para ser fio e tecidos, dos caroços que serviram para produção de óleo e das caldeiras.

No artigo do Padre João Mendes Lira sobre o momento em que a Revolução Industrial chega a Sobral, ele fala sobre as transformações ocorridas no sistema econômico mundial dos séculos XVIII e XIX, trazidas pela revolução, que modificou “totalmente” (palavra utilizada pelo autor) o viver e pensar da humanidade.

Segundo Lira, apesar da substituição do trabalho manual pelo trabalho da máquina, por ser mais rápido, eficiente e lucrativo, foi abalada a estrutura familiar, social, política e religiosa: ao tirar os rapazes e moças de suas casas, onde eram acostumados a trabalhar durante o tempo que mais lhes conviesse, onde o “Pai de família” era o juiz, o chefe, o religioso, dentre outros, o “senhor absoluto”, na fábrica predominava a orientação do gerente, que, segundo o autor, “subtrai de modo violento a influência paterna e materna”, e os “jovens começa-

⁷ Entrevista extraída da Monografia de Maria Marlúcia dos Santos Cordeiro “*Memória dos Operários da Vila Ernesto Deocleciano da Fábrica de Tecidos de Sobral.*” UVA-CCH - História, dezembro de 2010.

ram a passar mais tempo fora de casa e a receber influências das mais diversas categorias sociais”.

Ao analisarmos esta primeira parte do artigo, percebemos do autor certa preocupação em relação às consequências que a Revolução Industrial traria principalmente para a estrutura familiar (ponto evidenciado por Lira). Encontramos a figura do homem, patriarca da sociedade, o “senhor absoluto”, ser abalada por esse momento histórico já presente em Sobral: a partir do momento em que os filhos começavam a trabalhar em outros locais fora de casa, os pais não possuíam mais o mesmo domínio sobre eles. Sobretudo no caso das mulheres, porque estas passavam a ter uma maior independência a partir do trabalho fabril, e pelo fato de as fábricas possuírem um maior número de operárias. Outro ponto a ser destacado é a preocupação do autor com influências que os jovens receberiam “das mais diversas categorias sociais”. Aqui percebemos a figura e o discurso do padre preocupado, como já foi dito, com a estrutura familiar e com os novos pensamentos (políticos e religiosos, por exemplo) que esses jovens poderiam ter.

Os espaços históricos desta fábrica contrastavam o dia a dia de lugares próximos a Sobral, como as cidades circunvizinhas. O espaço fabril inaugurou outro ritmo, implementado com disciplina e produtividade. As mudanças exigidas com o trabalho fabril, a noção do tempo do trabalho com novos hábitos, maior exatidão nas rotinas do tempo, o relógio e a produção impunham novos valores e modos de vida. São questões presentes nas narrativas e experiências dos trabalhadores e que nos remetem à reflexão de estudiosos, como Edward Palmer Thompson, ao pensar o tempo, a disciplina do trabalho na sociedade inglesa no século XVIII (Thompson, 1998).

Edward P. Thompson, em seu livro sobre os trabalhadores da Inglaterra, afirma ser o seu estudo sobre os que são esquecidos, as vivências, aspirações, enfim, as histórias de vida dos trabalhadores dentro e fora da fábrica, a maneira de ser, trabalhar e ver o mundo a partir das experiências deles. Seu estudo busca as experiências dos trabalhadores em seu próprio fazer-se histórico, expressando suas subjetividades e visões de mundo (Thompson, 2001).

Podemos indagar por que os estudos deste intelectual, polêmico, inovador, reconhecido em todo o mundo, continuam um exemplo até hoje. Como assinala Alexandre Fortes no artigo “Miríades por toda a eternidade: a atualidade de E. P. Thompson”, a sua obra continua atual e a perseguir estudos na história social, com sua perspectiva e abordagem que exigem, mais do que nunca, o equilíbrio entre rigor intelectual e paixão, compromisso político e pesquisa exaustiva.

É nesta trilha que prosseguimos com os nossos estudos. Agora é o Sr. Antônio da Silva que nos convida a adentrar a Fábrica e diz que ela é muito grande, sendo necessário mais tempo para conhecer tudo, embora haja alguns lugares interditados pela reforma do espaço. Assim ficamos cientes por saber de um retorno ao mesmo local, em sua companhia.

Ouvir e falar: memórias plurais e narrativas cruzadas

O interesse pelos trabalhadores da fábrica de tecidos estava latente. Pensávamos inicialmente em, calmamente, conhecer a cidade, o uso dos espaços urbanos, a produção dos espaços fabris, os bairros, enfim, só após adaptação mínima começariam as pesquisas de campo. Mas, no decorrer dos três meses iniciais de pesquisa, o conhecimento dos trabalhadores que, de forma incansável, falavam de amigos, compadres, primos que haviam trabalhado na fábrica, colocou a necessidade de um exercício etnográfico: onde se localizavam e como estariam os restos da fábrica de que estes homens falam com tanto afinco e amor? Um sentido de urgência: ir com eles a este lugar tão significativo e vivo em suas memórias.

No decorrer destes meses o que mais impressionou foi observar a inevitabilidade das mudanças destacadas em suas falas sobre a história da fábrica e as suas vidas. Sim, a saudade dá o tom nas suas narrativas.

É a saudade do tempo do trabalho para todos⁸ quando existia a Fábrica de Tecidos de Sobral. Merece destaque o depoimento da tece-

8 Referência aos escritos de LEITE LOPES, José Sérgio. *A tecelagem dos conflitos de classe na cidade das chaminés*. São Paulo: Marco Zero, 1988, p. 585.

lã Rosário de Sousa que trabalhou ali quarenta e dois anos. Em certo ponto de nossa conversa sobre o seu trabalho, assinala que operava em dezesseis teares e afirma em lágrimas: *“eu gostava do meu trabalho, era muito bom, um salário bom, ganhava cesta com macarrão, açúcar, ganhava prêmio, minha filha ganhava boneca... Era bonito o meu trabalho, o tear era grande, minha infância foi toda lá”*.

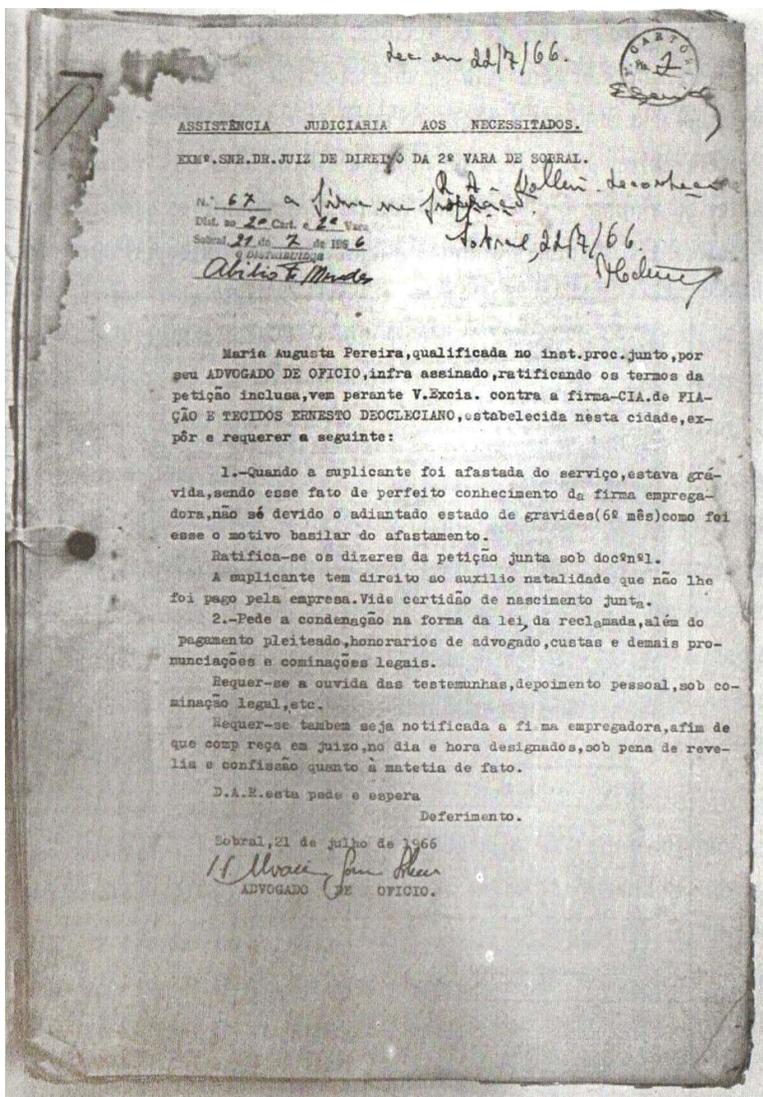
As histórias são muitas, tantas quantos foram os pontos de vista, e por isso não há aqui as melhores ou as mais significativas histórias. Há aqui as histórias que nos foram contadas por sujeitos que vivem hoje no pequeno limbo entre as barulhentas ruas do centro, ao redor da fábrica, próximos ao ávido comércio e aos mudos bancos de árvores e praças, no convívio familiar, além de encontros furtivos e conversas com amigos de longas datas.

Esta visita com os trabalhadores a seu antigo local de trabalho desvendou um olhar iniciante, em todos os sentidos. A fábrica era também um lugar de muito suor e dedicação, trabalho árduo. Em muitas conversas, porém, os interlocutores, costumavam vê-la como espaço completo, onde foram felizes, as esposas levavam o café da manhã, onde os filhos participavam das festinhas, onde o futebol agregava a todos, onde se sentiam insubstituíveis, pois, ao sinal de qualquer chamado, eles ali estavam a qualquer hora do dia ou da noite para resolver coisas internas do funcionar das máquinas.

A maneira como Antônio da Silva, Barbosa de Sousa e Carlos Sales relembram suas experiências, nos leva a pensar nas formas diferenciadas e ambíguas de viver o chão da fábrica, de sentir a exploração, a dor e o prazer do trabalho. Os diversos depoimentos demonstram que as memórias da vida na fábrica ainda está presente, de maneira única, para cada trabalhador.

Em um primeiro momento, pode-se pensar que a saudade, as recordações dos tempos de juventude são imparciais, unilaterais, mas, à medida que se vai analisando e dialogando, problematizando as narrativas dos trabalhadores entrevistados, percebe-se um tom crítico, uma “discordância” da ideia de que o tempo do trabalho foi sempre muito bom.

O diálogo com as fontes orais, os documentos da empresa, bem como documentos oficiais de processos trabalhistas, são de fundamental importância no trabalho da investigação/pesquisa. Localizamos no Núcleo de Estudos de Documentação Histórica – NEDHIS – reclamações trabalhistas dos anos de 1947 e 1966, sobre o salário baixíssimo que não lhes possibilitava viver dignamente, e processos judiciais pontuais, e uma documentação que chamou atenção: uma trabalhadora foi demitida grávida. Eis cópia do processo:



Ao construir a fábrica de tecidos, seu proprietário, Ernesto Deocleciano, também construiu as vilas operárias, o Cassino (clube dos operários) e o Sindicato. Segundo análises existentes do prof. Dênis Melo, em entrevista para a pesquisa, esta foi uma das maneiras de manter ou ampliar o disciplinamento dos trabalhadores dentro e fora da fábrica. Eis imagens de uma trabalhadora (Maria Lúcia) operando uma máquina e a sua carteira de trabalho e carteira do sindicato:



SINDICATO DOS TRAB. DA INDÚSTRIA DE FIÇÃO E TECELAGEM DE SOBRAJ

Reconhecido pelo Ministério de Trabalho sob o nº 12-18-18-248
 Data Sindical expedida a 12-18-18-248
 C. G. C. M. P. 01.621.119201
 Sede Própria Vila Jacona 5/II - SOBRAJ-CEARÁ



Matrícula N.º 4.078
 Nome Maria Lúcia de S. Dias
 Prof. Munitoria
 Cart. prof. n.º 047708 Ser. 515
 Estado Civil Solteira
 Grad. de instrução 1ª Grau
 Pres. de instrução M. Barbosa
 ASSINATURA Maria Lúcia de S. Dias
 ASSINATURA

CONTRIBUIÇÃO		SINDICAL	
Contribuição de Crd	A favor de	Ano	Assinatura
12.578	Sind. Fiação Tecelagem - P	1976	Assinatura
14.968	Sind. Fiação Tecelagem - P	1977	Assinatura
14.00	Sind. Fed. Trab. I. E. Pl.	1978	Assinatura
13.90	Sind. Fed. Trab. I. E. Pl.	1979	Assinatura
23.55	Fed. Trab. I. E. Pl.	1970	Assinatura
806.93	Fed. Trab. I. E. Pl.	1981	Assinatura
833.33	S.T.S. de fia. e Tec. de sobraj	1982	Assinatura
1708.10	Idem, Idem		
4.663.23	Idem, Idem		
18.556	Idem, Idem		
62.63	Idem, Idem		
145.16	Idem, Idem		
510,00	Sind Fiação e Tec. Font.		

Os depoimentos também expressam, em certa medida, apesar do medo, do tom mais baixo ao falar sobre os problemas, do protesto quanto ao salário sempre baixo (apesar do não atraso aos pagamentos), um inconformismo, uma pequena revolta pelas situações vivenciadas que tiveram o desfecho com as demissões e o fim da fábrica. Enfim, a ambiguidade, a incerteza e o medo são sentimentos presentes em todo o processo, o que nos leva ao texto de Edward Palmer Thompson (1998, p. 95-109): “A identidade social de muitos trabalhadores mostra certa ambiguidade. É possível perceber, no mesmo indivíduo, identidades que se alternam, uma deferente, a outra rebelde”.

No diálogo com estes trabalhadores, nos foram contadas histórias significativas. A pluralidade das narrativas e as suas diferentes experiências demonstram as diversas maneiras de viver e interpretar o vivido. Após tanto tempo, vale pensar a pluralidade de motivações em realizar este diálogo com os trabalhadores, pois, em certa medida, muito contribui para problematizar e demonstrar a heterogeneidade das vivências e dos conflitos frente à exploração no cotidiano da fábrica e à constituição de modos de vida na Sobral fabril.

Considerando estes elementos, é possível entender este momento vivido pelos trabalhadores de forma múltipla, buscando não “enquadrar” ou cristalizar as ações deles como “dependentes” ou “fatalistas” ou ainda como inconformados com a situação atual em que vivem. Implica repensar a forma de ver os trabalhadores, descrever e interpretar suas narrativas, buscando compreender a cultura destes sujeitos sociais, todos participantes, todos fazedores da cidade, todos vivos e ressignificando as memórias dos tempos idos.

A maioria das entrevistas aponta para o trabalho na fábrica vivenciado nas décadas de 1960, 1970, 1980 e para aquele espaço fabril percebido hoje, evidentemente com o olhar do presente para o passado. Nas narrativas, o que aparece de forma constante é o tempo da fábrica, da saudade do trabalho, da dignidade de ser trabalhador. Portanto, o sentido das transformações é comum a todos, mas cada um viveu de forma diferenciada.

Com base neste diálogo, continuamos o caminho. Um caminho que revela os trabalhadores como sujeitos, pessoas que têm relação com a comunidade em que vivem, com a família, têm sentimentos, afetos; gente que sorri, chora, luta, ama, reza. Enfim são sujeitos históricos que vivem e recriam suas experiências constantemente dentro de determinações históricas específicas.

Para se compreender tais sentimentos, o diálogo é imprescindível, bem como o trabalho de história oral. As historiadoras Marieta de Moraes Ferreira e Janaína Amado, na apresentação do livro “Usos e abusos da história oral”, apontam que:

Poucas áreas, atualmente, têm esclarecido melhor que a história oral o quanto a pesquisa empírica de campo e a reflexão teórico-metodológica estão indissociavelmente interligadas, e demonstrado de maneira mais convincente que o objeto histórico é sempre resultado de uma elaboração: em resumo, que a história é sempre construção (Ferreira; Amado, 2006, p. 11).

Para se pensar sobre essas questões é necessário considerar a concepção do que seriam fatos históricos, como se processa o trabalho da memória relacionada à história, quais seriam as demandas para uma metodologia de trabalho diferente, que implica ir além dos documentos oficiais e arquivos.

O trabalho político implícito, ao fazer história oral, não diz respeito à política institucional, formal, mas é trabalho de mudanças e todas as mudanças são políticas - no sentido amplo da política. O fato de que a presença do historiador social pode facilitar mudanças na autoconsciência das pessoas, pode contribuir no pensar em si mesmos e no mundo, é que se considera um trabalho político.

Este texto é fruto de um encontro, de vários encontros, de um diálogo entre as pesquisadoras e os trabalhadores. Buscou-se manter uma relação de igualdade com eles, em que pontos de vista, opiniões e conceitos não se sobrepusessem, reconhecendo a autoridade narrativa deles, derivada dos seus restritos pontos de vista. Uma postura de respeito ao outro, expressando um convívio em que estivessem presentes

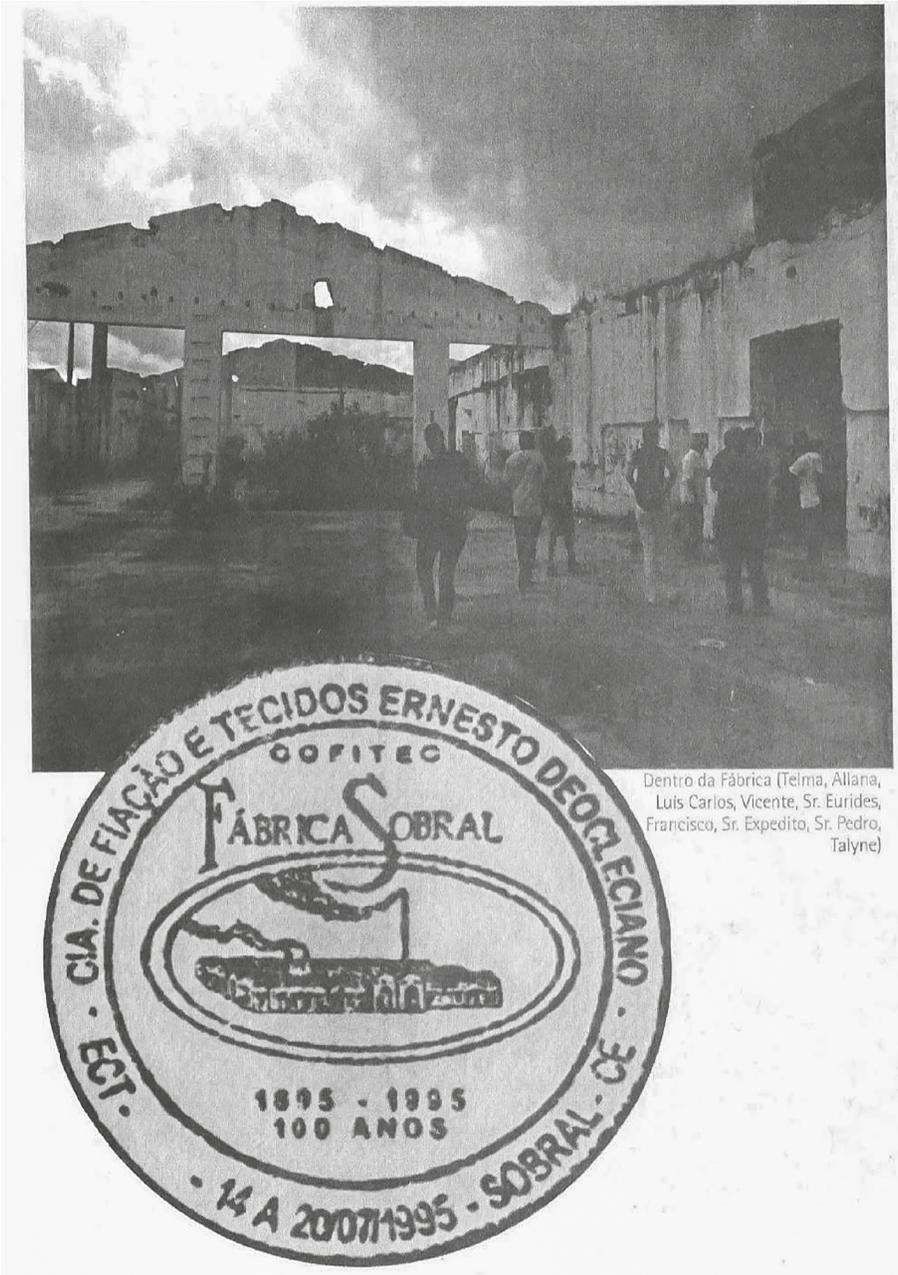
também as diferenças e confrontos, dentro de uma realidade social mais ampla.

De fato, é uma tarefa complexa a de produzir um texto que apresente múltiplas vozes; que valorize a subjetividade dos sujeitos históricos nos processos vividos, na perspectiva de construir um conhecimento histórico que incorpore toda a experiência humana e no qual todos possam se reconhecer como sujeitos sociais, conforme aponta Yara Khoury no livro “Muitas Memórias, Outras Histórias” (2004).

A história oral, portanto, é a arte da escuta e do diálogo. Cabe aqui uma distinção entre a opção do trabalho com história oral e a utilização de fontes orais, que são as mais variadas. Fazer história oral significa ir a campo, partir de uma pesquisa de dimensão local e descobrir, ao longo do processo, o crescimento e o seu alargamento, que poderão ter uma dimensão global, incluindo-os na relação com outras ciências.

Interessa ressaltar ainda que, em uma sociedade como a nossa, em que parcela significativa da população não tem acesso a uma educação formal, a oralidade assume então um caráter político de preservação da memória dos trabalhadores que não dominam a escrita (Montenegro, 1994). E, talvez por isso mesmo, essas memórias são quase sempre relegadas ao esquecimento, sendo necessário, portanto, a reafirmação permanente de seu protagonismo como sujeitos no processo social.

Figura 1 - Trabalhadores, estudantes e professores em visita à fábrica em 11 de março de 2011



Fonte: acervo da autora.

**Parte II:
Sobral se
transformando**





Um dos mais conhecidos pintores brasileiros, Candido Portinari, criou e retratou imagens de trabalhadores de todo país. Quando, no ano de 1935, Candido Portinari recebeu o prêmio do Carnegie Institute de Pittsburgh pela pintura “Café”, tornou-se o primeiro modernista brasileiro premiado no exterior. Em seguida, convidado pelo ministro Gustavo Capanema, pintou vários painéis para o novo prédio do Ministério da Educação e Cultura (MEC) com temas dos ciclos econômicos do Brasil.

A ilustração acima se refere ao quadro “Algodão”, de 1938, que integra os temas dos ciclos econômicos do Brasil (café, borracha, cana de açúcar, algodão), retratados por Portinari. Gravador, ilustrador e professor, ele soube expressar a cultura do Brasil, desde festas, cotidiano, primeiro emprego. Sua obra revela forte preocupação social, procurando captar tipos populares e enfatizar o papel dos trabalhadores.

Os trabalhadores da região Nordeste do País, dos Estados do Maranhão, Bahia, Pernambuco, Paraíba e Ceará, também constituíram o chamado Ciclo do Algodão no Século XVIII, como afirmam vários autores (Ribeiro, 1995; Aragão, 1989; Nobre, 2001).

De certa forma, como assinala Geraldo Nobre no livro “O processo histórico de industrialização do Ceará” (Nobre, 2001), o Ceará foi tecido pelo algodão - que na aridez do nordeste brotava como “ouro branco”; e ao lado da cana de açúcar e da pecuária, demonstrou o caminho pré-industrial do estado.

Vale destacar que um dos primeiros estudos sobre o setor industrial no Ceará foi realizado por Thomaz Pompeu de Sousa Brasil, no ano de 1863. Nesse trabalho o autor apresenta, por meio de quadros estatísticos, a indústria fabril cearense dividida em quatro setores: extrativa, criadora, pastoril e fabril. Thomaz Pompeu também listou as principais fábricas e produtos da província do Ceará: “couro, solla, carne charqueada, queijos, sabão, vela de carnaúba, chapéus de palha, cestas e esteiras de palha, tecidos grossos de algodão, redes, bordados, crivos, objetos diversos” (Brasil, 1997, p. 396).

No Ceará havia então uma produção pré-industrial, como artesãos de ourives, alfaiatarias, ferrarias, carpintarias, fábricas de velas de carnaúba⁹.

O algodão domina todo o século XIX cearense, sendo as indústrias de fiação e tecelagem as primeiras a se instalar na província. O Algodão, afirma Gilmar de Carvalho, no Anuário do Ceará, 2007-2008, deu alento à economia cearense, especialmente durante os anos de 1861-1865, quando a indústria têxtil inglesa se vê ameaçada com as dificuldades de obtenção de matéria-prima, no período da guerra pela independência norte-americana.

Os comerciantes ingleses consideravam o algodão brasileiro de ótima qualidade e parte do produto saía para a Inglaterra através dos portos do Maranhão e do Recife, sendo o algodão deste último em grande parte oriundo do Ceará.

É neste período que o Ceará demonstra seu ápice na produção algodoeira. Vale conhecer a descrição de Girão (1957, p. 224) sobre o momento de auge do algodão cearense:

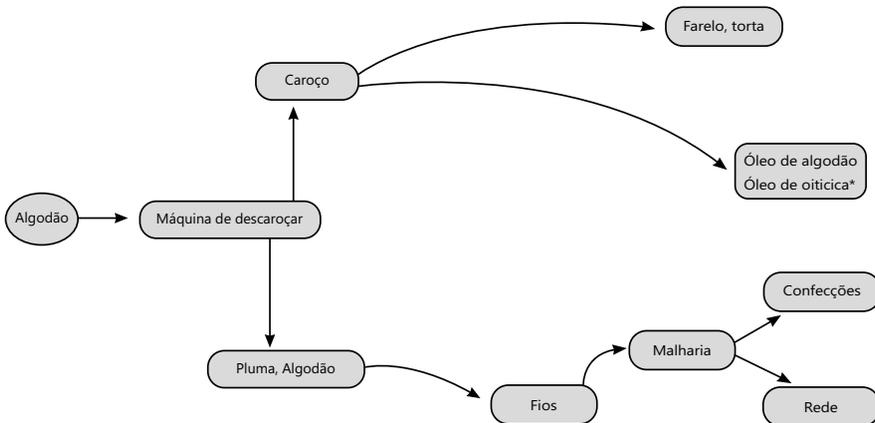
De um ano para o outro, a Província cobriu-se de algodais. Derribaram-se as matas seculares do litoral à serra, das serras ao sertão; o agricultor com o machado em uma das mãos e o facho n’ outra deixava após si ruínas enegrecidas. Os homens descuidavam-se da mandioca e dos legumes; as próprias mulheres abandonavam os teares pelo plantio do precioso arbusto; era uma febre que a todos alucinava (Girão, 1957, p. 224).

9 Brasil, Tomaz Pompeu de Sousa. *Ensaio Estatístico da Província do Ceará*. Ed. Fac-simile - Fortaleza Fundação Waldemar de Alcântara, 1997, p. 414.

A produção de tecidos no Ceará é uma atividade bastante antiga, assinala Carlos Viana em seu livro "A indústria têxtil de algodão no Ceará": através da utilização manual de teares primitivos feitos de madeira, teciam-se panos de algodão grossos e fortes para vestir escravos e homens do campo, bem como para fazer redes, que eram consumidas na própria província ou exportadas para outras regiões e estados como Piauí, Pará e Amazonas.

Além disso, o algodão fomentou as usinas de beneficiamento, as indústrias de óleo, farelo e torta, de um lado; e as indústrias de fios e tecidos, malharias e confecções, de outro. Veja a representação:

Figura 2 - Setores manufatureiros/industriais a partir do algodão



*Os óleos de oiticica e de mamona apresentam a mesma técnica e o mesmo processo produtivo do algodão, justificando-se sua inclusão neste subsetor (extraído da pesquisa de Aragão, 1989).

É dentro deste processo que surge a indústria têxtil cearense, embora existam registros de que a atividade de fabricação de tecidos e a fiação eram obras caseiras a cargo de mulheres da família ou de escravos. Esta afirmativa é assinalada por notas de Luiz Sucupira no livro de Aragão (1989, p. 46):

Cita o referido estudioso que Capistrano de Abreu nos seus capítulos da História Colonial, 1500-1800 se reporta a casas sólidas no sertão com teares modestos para o fabrico de redes e panos caseiros. Faz referência, também, a Manuel Diegues Junior que registra a existência de esca-

vas fiandeiras. Nas grandes famílias, era normal a existência de rocas e fusos, trabalhados no meio doméstico com o aproveitamento do algodão. É assim que se fazia em casa o algodão da terra, o madapolão, o brim de algodão, o riscado (Aragão, 1989, p. 46).

É dentro dessa dinâmica que Sobral se desenvolve. Eis o mapa da cidade elaborado pelo arquiteto Herbert Rocha no livro *"O lado esquerdo do rio"*:

Figura 3 - Povoado da Caiçara (metade do século XVIII)
Reconstituição a partir das descrições de D. José



Fonte: Desenho Nelson Paiva

Neste momento do processo, ocorria na Europa a chamada Primeira Revolução Industrial. Podemos, a partir daí, perceber as transformações profundas que ocorreram no sistema econômico dos séculos XVIII e XIX, com o aparecimento da máquina e que originaram as fábricas e modificaram totalmente o viver e pensar da humanidade.

Na cidade de Sobral também foram se constituindo algumas mudanças. A Fábrica de Tecidos de Sobral, em 1895, surgiu dentro de um contexto em que a economia cearense vivia uma fase de grande dinamismo que era fruto da convergência, da interação, do “boom” algodoeiro ocorrido a partir da década de sessenta e dos imensos gastos públicos desembolsados pelo governo imperial no combate às secas de 1877 e 1879.

Figura 4 - A divulgação do desenvolvimento econômico de Sobral é realizada pelo Jornal Correio da Semana, página 3, Sobral, 30/11/1968.

Algodão: Brasil é o Maior Produtor da América Latina

Segundo análise da produção algodoeira nacional efetuada pelo articulista Richard Magleby, da revista “Foreign Agriculture”, do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, o Brasil situa-se, atualmente, em primeiro

lugar entre os produtores de algodão da América Latina e o quinto em todo o mundo. Os países que superam o Brasil, na produção mundial de algodão, são, pela ordem: União Soviética, Estados Unidos, China Comunista e Índia. (AABe.)

Segundo Carlos Negreiros Viana, a indústria têxtil cearense viveu surtos de investimentos, e o primeiro ocorreu de 1881 a 1895. Este verificado nas duas últimas décadas do século XIX, ocorreu também em quase todos os centros de economia do mercado do país, como Rio de Janeiro, São Paulo, dentre outros. Um fator, porém, fez com que o Ceará se destacasse neste período: a abolição da escravatura (1888). Ao contrário das outras regiões, sobretudo pelo impacto da difusão das relações de trabalho assalariado, a economia cearense não se fundamentava em

trabalho escravo, portanto as relações de trabalho existentes antes da abolição foram predominantemente as mesmas depois.

Este acontecimento acaba impactando um novo ordenamento social e político que não pode ser desconsiderado da história da empresa surgida naquele período. A Fábrica de Sobral foi criada durante esse primeiro surto, que, com o declínio das charqueadas na região, fez nascer um novo ciclo econômico, o do algodão, que gerou a implantação desta indústria, intensificando o comércio local.

Alguns pontos devem ser destacados em relação ao grande período de “triunfo” desta fábrica, como a localização geográfica da cidade de Sobral, que surgiu às margens do rio Acaraú, ponto de confluência de mercadorias por via fluvial e terrestre, além da proximidade dos portos de Camocim e Acaraú, o que contribuía para o intercâmbio de produtos regionais e internacionais.

Outro ponto a ser considerado era a forte influência que tinham o dono da fábrica, Ernesto Deocleciano, e a família Saboia. Segundo Costa (2011) este empreendedor conseguiu em 1897 “o arrendamento da estrada de ferro de Sobral para a firma Saboia Albuquerque e Cia.” Logo depois arrendou a “estrada de ferro Mossoró - Areia Branca no Rio Grande do Norte da qual já era acionista”. Essas medidas trouxeram benefícios não só para a fábrica, pelo transporte mais rápido e barato de seus tecidos para as regiões consumidoras do norte do Estado, mas também para a própria região, ao facilitar o escoamento da produção agrícola de terras férteis, antes só acessíveis com comboios de burros.

A fábrica Ernesto Deocleciano é a terceira fábrica de fiação e tecelagem a ser instalada no Ceará dentro desse contexto histórico, do surto de fundações de fábricas têxteis, que durou de 1871 até 1895. Nas palavras do economista Viana¹⁰:

O grande impacto que a fábrica teve foi o da dimensão econômica. A fábrica durante praticamente trinta e um anos permaneceu como a grande fonte empregadora de trabalhadores industriais em Sobral.

10 Em entrevista realizada para Telma Bessa no documentário "A vida entre tecidos, fios e nós".

Eis imagem de reportagens de jornal local sobre a ação da fábrica exportando para países da América do Sul.

ANO XXIV CEARÁ—SOBRAL—SEXTA-FEIRA, 6 DE MARÇO DE 1942 N. 47

CORREIO DA SEMANA

REGISTRADO SOB N.º 11-406, DE ACÓRDÃO COM O ART. 1.º DO DECRETO LEI N.º 1.148

Orgão dos interesses religiosos da Diocese de Sobral Diretor—*Luis Jacome Filho*
Redatores—*Diversos*

A Fabrica "Sobral" "Ginásio Sobralense"

está exportando para a Argentina

Nos últimos dias da semana passada visitamos o importante estabelecimento industrial que honra a nossa terra

Com a sua proverbial gentileza, o ilustre Sr. Dr. José Maria Mont'Alverne, esforçado e digno gerente da acreditada fabrica, mostrou-nos todas as secções, satisfazendo prontamente a menor indagação nossa.

Do algodão bruto com vulgarmente se diz a peça de fino pano à imitação do carol, tudo nos foi mostrado, causando-nos a melhor impressão.

E, no meio de mil operários, aproximadamente, verificámos a ordem a "mirável e a rigorosa disciplina ali existentes.

A primeira turma de operários, finda o labor diário, às 17 horas e a segunda às 24.

Existem duas escolas de alfabetização: uma funciona à rua do Rosario, perto da Federação Mariana e a segunda, na Vila Operaria.

Testemunhámos tambem o conforto nas casas da firma em aprço, destinadas aos empregados de categoria mais elevada e mais antigos.

Ali todos trabalham, não havendo paléstras, discussões e outras cousas que muito concorrem e prejudicam o andamento de empresas deste genero.

O resultado de tantas energias convergindo para um unico fim, é assombroso.

Fardos e mais fardos são fellos durante o dia e vendidos até para o estrangeiro.

Ha bem poucos mezos o Sr. Dr. José Maria Mont'Alverne estive na Argentina, conquistando nesta viagem o commercio platinio, com uma grande venda de diversos artigos da Fabrica "Sobral".

Tivemos a oportunidade de ver o primeiro lardo com a cinta verde amarela e que dentro em breve deverá seguir para a grande nação amiga.

E isto encheu-nos de um vivo contentamento e mostrou-nos os novos rumos que são traçados á acreditada empresa.

Constitue isto uma grande honra para Sobral, suprimido a necessidade de outros povos, no momento em que ninguém se basta a si mesmo.

Por justiça devemos pôr em mercedo relevo a ação dinamica, construtora e bem ordenada do ilustre cearanense Dr. José Maria que, com apurmo a competencia, dirige a conhecida Fabrica de Fiação e Tecidos de Sobral, fundado em julho de 1934 pelos ilustres e conceituados cavalheiros, Srs. Ernesto Deciccionario de Albuquerque e Cândido José Ribeiro.

Ao Dr. José Maria que nos distribuiu cativantes atenções, o nosso agradecimento com os melhores votos pelo progresso sempre crescente da importante empresa que proucientemente dirige.

MISSA-CONVITE
Col. José Gentil Alves do Carvalho

FROTA GENTIL DE SOBRAL LIMITADA, desolando prestar mais uma homenagem ao seu individual chefe Col. José Gentil Alves do Carvalho, na passagem do primário aniversario de seu falecimento, mandando celebrar Missas no dia 11 do corrente, em Igreja do Rosario, ás 6 1/2 horas da manhã, e, para satisfazer a vontade de seu antigo, aos parentes de saudade extinta, bem como ao boardado Corporacional de Sobral, mandando celebrar agradecimentos a questos contemporâneos a esse seu religioso.

Sobral, 4 de Março de 1942.

De acordo com o novo decreto do Governo Federal o "Ginásio Sobralense" só reabrirá suas aulas no dia 6 de Abril proximo.

A Diretoria

Dr. Rui de Almeida Monte

Por ato da data 26 do mês passado foi nomeado pelo Sr. Interventor Federal do Estado, Secretario de Polícia e Segurança Publica, o ilustre medico sobralense dr. Rui de Almeida Monte que, no inicio do governo do dr. Meneses Pimentel já havia com muita competencia desempenhado o cargo de Secretario da Fazenda.

Dr. Rui Monte estava ultimamente na direção do Instituto de Algodão do Estado, Farabens do Sr. Dr. Rui Monte.

Bóias de Prata da Pia União das Filhas de Maria

Por entre festas isapradras pela crítica foi solenemente comemorada a data do 3 de Março, dia em que a Pia União das Filhas de Maria comemora seu 25.º aniversario.

A Pia União fundada a 3 de Março de 1917 teve como primeiro diretor o Sr. Manoel Pe. Leopoldo Pinheiro, cargo desempenhado durante dez anos e como primeiro presidente Maria Dantas Rodrigues, hoje em Recife.

Depois do Pe. Leopoldo Pinheiro veio o Rev. Sr. Manoel Glorio Passos, atual diretor que a todos tem edificado por seu zelo e por sua plenitude.

Esta fulgente escola de parafato e de virtude já deu 36 religiosas já tendo recebido a Pia azul 343 senhoritas.

Tem a Pia União 43 requilistas e atualmente conta com 127 associadas, tem ainda uma biblioteca com 372 volumes, a Bolsa da Sertãozinha com 43863000 em Caixa.

Pela manhã de terça-feira houve missa na catedral pelo Excmo. Rev. Sr. Bispo e a noite, no predio da Federação Mariana, foi executado o seguinte programa:

Abertura da sessão pelo Rev. Sr. Manoel Glorio Passos, conferencia de Rev. Sr. Pe. Osvaldo Gomes, saezado da Paróquia (defeso), discursos por Sr. Diversas Damas, numero de piano pela talentosa pianista, senhorita Zeneida Rangel Parente, progressos ao lar, oração, Ave Maria (Quonam) e quadro vivo.

Nossos parabens á Pia União das Filhas de Maria de Sobral com votos de crescentes progressos na virtude.

Lozmos na "A União", do Rio de Janeiro, no seu n.º de 8 de fevereiro p. p. o seguinte artigo:

Os católicos brasileiro e os Estados Unidos

Em nosso editorial "Pan-Americanismo á direita" criticamos os motivos que levam os católicos brasileiros a manter fortes reservas em relação á politica de aproximação com os Estados Unidos.

Com efeito, torna-se indispensavel uma revista.

Pare-se mistar que esteja escasso o melhor entendimento, mas um entendimento em que não contem apenas interesses politicos e comerciais mas tambem os espirituais.

O Brasil tem historia propria, do ponto de vista politico, e não deve perdê-la.

Não quer perdê-la, dizemos mais.

Apudamos, pois, a carta que o ar. Arcebispo de Rio Horizonte, D. Antonio dos Santos Cabral, dirigiu ao Excmo. ar. Embaixador dos Estados Unidos da América do Norte no Brasil.

No momento historico em que se estreitam os laços entre a solidariedade entre a Republica Brasileira e a nobre nação Norte Americana, desejado que haja oha destoar nesse espirito magnânimo de cooperacao, qualidade de católico brasileiro e Arcebispo Metropolitano de Belo Horizonte, representando o pensamento dos católicos da Arquidiocese, em plena concordancia com os sentimentos da imensa população católica de todo o país, a liberdade de expressar á consideração de v. excia. o seguinte:

O Brasil, país profundamente católico, tem suas raízes gloriosas enraizadas na vida e nas atividades Igreja Católica, como o excmo. ar. dr. Getulio Vargas, atualissimo Presidente da Republica teve oportunidade de salutar no seu discurso no Episcopado Brasileiro, proferido no Itamarati a 1.º de julho de 1939. Em nosso meio he claro, portanto, a propaganda, politica e social dos missionários norte-americanos á um motivo que deus ta antipatia á reservas para com os Estados Unidos Americano do Norte.

E de intensivissimo vantagem que o excmo. ar. Chancelier Sumner Welles esteja ao corrente dessa situação e que sua providencia tenha ao excmo. ar. Presidente dos Estados Unidos da América do Norte.

Solicitando a atencões e intelligente intermediação v. excia, nesse assunto de tão vasta repercussão e de tão nefastas consequencias para uma melhor compreensão e entendimento entre os católicos brasileiros e norte-americanos, com protestos de alta e mais distinta consideração, subscrevimo-me atenciosamente.

Belo Horizonte, 30 de Janeiro de 1942.

D. ANTONIO DOS SANTOS CABRAL
Arcebispo de Belo Horizonte

"Si quiser é assim..."

Nos momentos de excozialva caresta que atravessamos, a carne existente no Mercado Publico de Sobral é deficiente para o consumo de uma população grande como a nossa. Si abúndias em maioz, três rezas por dia, incluindo algum novilho de raça.

Paga-se por um quilo de carne sem osso apenas 48500 e carne magra...

O comprador não tem direito de pedir um pedaço maior, ou magraré dar á pedação que estiver.

O dileto não dá de ser reclamado e o comprador que reclama, quer a frase grossa: "Si quiser é assim...". Mas tudo isto se torna, é o grito.

O comprador que quer a carne, mesmo antes do se abastecer.

Algo se que não ha rezas progressos na virtude.

Para compra etc. Si os terrenos desta cidade e os seus bens, abastecer o povo.

Si um operário tem a família numerosa e não tem 42000 por dia como p. vai comprando carne.

Estas rezas, apenas há durante meses, apenas há e avro.

Mom tova rezas quem não tem o abastecimento da carne, existente em linha e pel pois, na realidade não observada.

Não crente que seja a dada essas reclamaciones, mesmo aqui se reclamam a importância de não tomados considerações.

Concluido, compramos os dezer e pedamos ad a preocupação de muitos.

Por hoje N. 46.



Fonte: Foto cedida por Jeferson Parente.

A história da FTED, inaugurada em 1895, está relacionada diretamente à Estrada de Ferro Camocim-Sobral, quando esta, por meio de ramificações, atinge e influencia as cidades de Teresina e São Luís. Em 1882 foi inaugurada a estrada de ferro ligando Sobral ao porto de Camocim. A partir de 1895, com a instalação da Companhia de Fiação e Tecidos Ernesto Deocleciano (CFTED), muda a face da cidade com novos consumos, novas relações com a região, com a capital do Estado (Fortaleza), com o Brasil e com o mundo.

Houve uma mudança na maneira de viver da cidade, da população jovem que ingressava cedo no mercado de trabalho, a exemplo da Sra. Marizô e de tantos outros. Esses operários e operárias que se encontraram na fábrica de tecidos, são os que produziam, os que davam movimento às máquinas, aos teares, conicaleiras; são eles e elas que deram vida à sala de pano, ao escritório, as caldeiras, que se dedicaram e construíram suas vidas dentro e fora da fábrica.



Fonte: Foto cedida por Jeferson Parente.

A dinâmica da indústria e do comércio agitou a cidade de Sobral com novidades de produtos, tais como tecidos finos, objetos de couro e artigos manufaturados. No livro “Sociabilidade e Cultura das Elites Sobralenses”, a pesquisadora Elza Marinho Lustosa da Costa faz um excelente trabalho a partir das fontes de coleções de jornais de Sobral, com o propósito de “analisar a cultura da elite e as formas específicas desenvolvidas na sociedade sobralense...” (2011).

É nesta perspectiva que se pode perceber a ação empresarial do proprietário da Fábrica de Tecidos, que nos jornais divulgava seus produtos. Uma propaganda do estabelecimento de Ernesto Deocleciano traz o seguinte texto: “Belos tecidos de seda e de lã, leques modernos em plumas, gravatas a La Pampadour, laços em tecidos de crepe muito finos, tudo por preços bem acessíveis”¹¹.

Outro jornal que também noticia a produção de tecidos finos cearenses¹²:

11 Jornal A Gazeta de Sobral, 11 de agosto de 1881.

12 Jornal Correio da Semana, 1 de junho de 1968, ano 51, n. 7.

O Governador Píde- do Adelvaldo Castelo li- berou recursos de or- dem de 180 milhões de cruzeiros velhos para a Companhia de Telecomunicações do Ceará, a fim de que sejam ini-

ciados os trabalhos de instalação de uma torre repetidora na serra da Ibiapaba, bem como de implantação de diversos serviços de micro-ondas nos municípios

da zona norte do Es- tado.

Conforme colhemos junto ao titular do Planejamento, dr. Marcelo Linhares, o Governo está desenvolvendo inten-

so programa visando at-tingir este ano, através da CITELC, mais 12.000.000 de cruzeiros de dados com o serviço de micro-ondas, um dos mais modernos meios de comunicação ora exis- tente no Estado.

Ceará entra na produção de tecidos finos

O nordeste brasilei- ro — e inclusive o Ce- ará, partiu para a ar- rançada da produção de tecidos finos, desta feita através da moder- nização do seu parque têxtil financiado pela SUDENE. De acordo com os informes, a re- gião nordestina se en- contra em plenas condi- ções de concorrência com as empresas do Sul do País e obtém por

cento das importações naquele setor for a m completamente substituí- das.

Novos projetos de mo- dernização do parque têxtil estão sendo apre- sentados à considera- ção do Departamento de Industrialização da SU- DENE e, posteriormente, a liberação dos re- cursos necessários e in- dispensáveis a implan-

tação dos projetos.

BILHÕES

Mais de cinquenta bi- lhões de cruzeiros anti- gos já foram investidos, com a colaboração da SUDENE, na política de modernização da indús- tria têxtil nordestina que se encontrava à beira da falência por absolu- ta falta de condições numa concorrência com

seus similares do cen- tro-sul.

CAIXA

Restabelecidas as fati- zas de investimento na- quele setor, a nova in- dústria têxtil do Ceará produtora de popelins e algodão passou a fabricar popelins por- pelins lã pura e ve- tros tecidos de primeira grandeza.

Energia e Transporte para o Nordeste

Rio (Agência Nacio- nal) No exercício de 1967 a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste deu continui- dade à execução de 117

da SUDENE a infra-es- trutura econômica — energia e transportes — continuou ainda a absor- ver a maior parcela.

nante foi de incremen- tar a produtividade das culturas agrícolas, seja pela introdução de pro- cessos tecnológicos mo- dernos.

nais, seja pela me- lhoria dos sistemas de abastecimento e de irri- gação. A infra-estrutura social saneamento, ha- bitação, educação e saú-

Dentro deste processo, no que se refere à memória do operaria- do da tecelagem, constatamos que, apesar de Sobral ter um grande contingente de pessoas e memorialistas que escreveram sobre várias dimensões da cidade, até o momento pouco se tem estudado sobre memória operária desta fábrica.

Vale destacar que os capitais que deram origem a esta fábrica, aliás, a todas as fábricas de fiação e tecelagem de algodão fundadas no Ceará, segundo analisa Viana (1988), foram acumulados em atividades mercantis, sendo seus empreendedores comerciantes.

Ao pesquisar na documentação da Fábrica de Tecidos que está sob a guarda da professora Giovana Saboia Mont'Alverne, por ser da famí- lia dos proprietários fundadores, localizamos livros de atas, livros de contabilidade, livros de ponto. E localizamos um livro do ano de 1926 que especifica os tipos de tecidos produzidos, quais sejam, onça, vea- do, touro, clavinote:

Francisco Manoel Caschante
Damasceno

1926					
Junho	2	1		Saco pro branco 20 to	117,00
				<u>Despesas</u> Cartão e frete	2,00
					<hr/>
Junho	10	1	L ^{da}	Charnote	29,00
		1		Caça	22,00
		1		Touro	22,00
		1		Vendo 1	22,00
		1		Vendo 2	26,00
		1		Vendo 3	29,00
		2		Maneira 10,00	1,00
		2		Libral 17	2,00
		2		Maneira 11	2,00
				Saco pro branco 20 to	117,00
				<u>Despesas</u> Cartão e frete a 6 furo	2,00
					<hr/>
Agosto	21	1	para	Charnote	29,00
		1		Caça	22,00
		1		Touro	22,00
		1		Vendo 2	26,00
		1		Vendo 3	29,00
		2		Maneira 10,00	1,00
				<u>Despesas</u> Cartão e frete	2,00
					<hr/>

R. 1 fls. 8

A partir do contato direto com as fontes de pesquisa, percebemos o zelo e cuidado com o registro do cotidiano da fábrica, tanto do ponto de vista da produção, como dos valores dos tecidos e seus tipos.

Dia 6 de julho de 1955

	1.º G.º		2.º G.º		H. Extra	Ent. J.º
	Ent.	Chida	Ent.	Chida		
1	-	-	-	-		
2	555	11	1250	18		
3	555	11	1255	18		
4	550	11	1251	18		
5	555	11	13	18		18 22
6	545	11	1150	18		
7			1055	17		1755 22
8	-	-	-	-		
9	7	11	73	29		
10	7,3	11,4	1240	21		
11	7	11	1245	12		
12	555	11	1255	18		
13	7,3	11,5	1255	18		19 33
14	7,3	11	1255			
15	7	11	1250	12		
16	7	11	1245	17		
17	6	11	1255	18		
18	5,40	11	12	18		
19	7	11	1245	17		
20	6,55	11	1255	17		
21	6	11	13	18		
22	550	11	1250	12		
23	545	115	1150	18		1855 22
24	6,55	11	12,20	17		
25	7,45	11	1245	17		
26						
27						
28	5,55	11	1245	17		
29	6,55	11	12,25	17		

A fábrica: cassino, vila, escola

É uma caminhada mesmo! A pesquisa torna possível conhecer, dialogar, interpretar, duvidar, selecionar, catalogar, reagrupar, analisar... enfim, é no contato com o outro que percebemos a riqueza deste processo dialógico.

A nossa temática é sobre o mundo do trabalho e, dentro dele, o complexo da CFTED, que era formado por uma escola, uma vila operária e o cassino, que era um clube de diversão e encontro dos operários e das operárias. Músicas, danças, desfiles, chitões, eram comuns nas matinais e festas. Espaço de sociabilidades, alegrias e dali surgiam namoros e até casamentos. Várias narrativas destacam os momentos de lazer, vejamos a narrativa de Antônio da Silva, entrevistado em sua casa em 2011:

Lá tinha o clube, o cassino, que tinha as festas tradicionais e tinha um que nunca faltava, que era o primeiro de maio que era a festa do trabalhador. Tinha o sindicato, que era o clube onde tinha as festas dançantes, tinha os chitões e dali que muitas vezes saía o namoro entre os empregados, "né". Era um clube de dança "né", dança, naquele tempo era dança. Nesse tempo aqui em Sobral não existia, naquele tempo não existia televisão, então o pessoal era muito chegado a dança. Domingo à tarde era matinal, matinal não era?! Matinal, tinha uma banda de música tocando e todo mundo ia.. (risos).

As lembranças deste trabalhador estão vivas e ele continua a sua fala com mais detalhes sobre as festas no Cassino, que também eram festas frequentadas pelos patrões, trabalhadores do setor de pessoal etc.

[...] As músicas daquele tempo, as músicas da época, tinham os chitões, no tempo dos chitões, forró, era, era; Zequinha Freitas tocou muito, muito Zequinha Freitas. Tinha o Chico Violão também, que era especialista em violão, tinha o Osmar que era guitarrista, todos fizeram parte; desse tempo era um clube como se chama, de classe operária, mas aquele pessoal da sociedade frequentava, entendeu?!

No diálogo com os trabalhadores e ao verificar documentos da fábrica, podemos perceber algumas iniciativas e estratégias que eram adotadas por seus proprietários para dinamizar a venda, divulgar produtos, aumentar a produção, envolver e disciplinar os trabalhadores.

Após várias conversas com uma antiga trabalhadora da Fábrica de Tecidos, uma das atividades citadas por ela, que contou com a presença de todos os trabalhadores, foi o desfile no cassino da fábrica.

Segundo conta uma tecelã que desfilou, ocorreu uma festa em que algumas operárias desfilaram com vestidos feitos dos tecidos da fábrica para divulgar a diversidade de cores e tecidos que a fábrica produzia. Assim nos conta a Sra. Gilca Pereira:

Quando eu entrei, com pouco tempo foi que o gerente me chamou pra mim participar do desfile, que era no cassino, que era um clube que tinha lá, e eles queriam inaugurar e amostrar o tecido da fábrica, não é. Foi escolhido seis moça, e cada uma tinha a sua madrinha pra ensinar, pra tomar de conta de tudim de como era pra se fazer no dia; passamo mais de um mês aprendendo né, a desfilarmos, nós ia desfila lá, nós saía, deixava o trabalho, e ia desfilarmos lá, aprender lá, no cassino. Desfilei, e a gente ganhou o vestido, né!

Figura 5- Sra. Gilca Pereira aos 15 anos de idade com o vestido do desfile no Cassino.



Além das festas no cassino, o dia 1º de maio - Dia do Trabalhador - era comemorado com atividades de torneio de futebol. Os operários formavam um time de futebol e jogavam com times de outras empresas. O time fabril foi o primeiro time da FTED e conseguiu vários troféus e medalhas. A fábrica era o espaço da festa e do suor, lá os trabalhadores se encontraram, namoraram, dançaram e construíram relações de amizade e solidariedade. Sobre o Dia do Trabalhador, assinala um antigo trabalhador¹³:

E, também, tinha na época do primeiro de maio o torneio do dia do trabalhador que era feito todos os anos, não era? tinha uma disputa de torneio de futebol, aí tinha os troféus que a gente comprava, comprava medalha e o time campeão levava a taça e os artilheiro que fazia os gols levava as medalhas. Tinha o fabril, que era o primeiro time da fábrica de tecido, o nome foi fabril. No primeiro de maio era por certo a fábrica da essa confraternização, no primeiro de maio e no final do ano, e a gente se reunia lá no sindicato; se fosse uma festa maior, procurava um clube.



Fonte: Foto cedida por Luís Arnóbio

13 Antônio da Silva em entrevista realizada por Telma Bessa no Labome CCH, na UVA em 2011.

Os significados das narrativas dos trabalhadores sobre a Fábrica de Tecidos mudando a face e a maneira de viver da cidade proporcionam discussões com diversas fontes de pesquisa como jornais, fotografias, canções etc.

Fase de falência e fechamento

Após os momentos de apogeu, a produção da FTED foi sendo reduzida, e, embora tenha havido um processo de inovação tecnológica e organizacional para evitar a decadência, esta ocorreu definitivamente na década de 1990.

Na década de 1960, com subsídios da Sudene, a FTED adquiriu novos equipamentos para o setor de tecelagem, com objetivo de estimular a produção para o mercado internacional. A fábrica contou com o apoio governamental e a parceria firmou-se em um estado de pleno funcionamento.

Porém, as crises tornaram-se mais frequentes. Segundo o economista Carlos Viana, em entrevista no ano de 2011, o fechamento da fábrica deu-se no processo de mudanças dos rumos econômicos do país. Assinala em seu estudo que:

A partir dos anos setenta a produção têxtil do Ceará passa a se dar com ênfase nas fiações e não mais nas tecelagens. Algumas fábricas antigas vão perdendo competitividade, além da concorrência com a implantação do polo industrial de Maracanaú. A Fábrica Ernesto Deocleciano não tem mais um dinamismo, não tem mais características competitivas que permitam a sobrevivência.

Ao ouvir os trabalhadores sobre este período, pode-se perceber nos seus depoimentos uma grande tristeza, como assinala a narrativa de Antônio da Silva:

E, foi muito ruim como eu lhe disse, todo mundo trabalhava com gosto apesar de não ganhar tão muito bem, né, que a faixa salarial dos empregados era salário mínimo, né; mas todo mundo vivia satisfeito que ela empregava

muita gente e todo mundo principalmente os funcionários achava que tudo ia bem, ocorrendo tudo na normalidade do possível e de repente da noite pro dia, né? disseram que a fábrica tava falida. Botaram os papéis lá, os aviso na portaria e o pessoal foram embora e quando voltaram pra trabalhar não entraram mais porque a fábrica tava fechada, foi uma coisa de surpresa mesmo pra todo mundo.

Diversas possibilidades e justificativas se colocam para a compreensão do processo de fechamento da fábrica no final dos anos de 1990. Embora tenha contado com o auxílio e investimentos de órgãos governamentais, não foi possível evitar a falência.

Vale considerar os incêndios que ocorreram e baixaram a produção, além da desorganização financeira e administrativa dos investimentos, é o que consta das narrativas de vários trabalhadores. Outro fator que pode ser considerado é a crise do setor algodoeiro, conforme divulga o Jornal Correio da Semana, capa, 9 de novembro de 1968, além das mudanças econômicas que se arrastam nos anos de 1980, 1990 incluindo a alteração da moeda brasileira (cruzeiro para real).

Algodão caiu mais de 20% no Mercado Internacional

Houve uma queda espetacular na cotação do algodão no mercado internacional superior a 20 por cento, forçando a retratação dos produtos cearenses, que continuam a esperar melhor preço. No ano passado o "ouro branco" cearen-

se encontrou cerca de 65 centavos de dólar por quilo, agora oscilando entre 40 e 50 centavos de dólar.

Mesmo assim algumas partidas estão sendo exportadas, em que pese no mercado interno também o exportador deste Estado

encontrar obstáculo eis que a safra em São Paulo foi 6 vezes maior do que a do Ceará e aquele centro absorve muitos compradores.

O preço alcançado em 67 foi considerado anormal teto considerado dos mais elevados até então obtidos

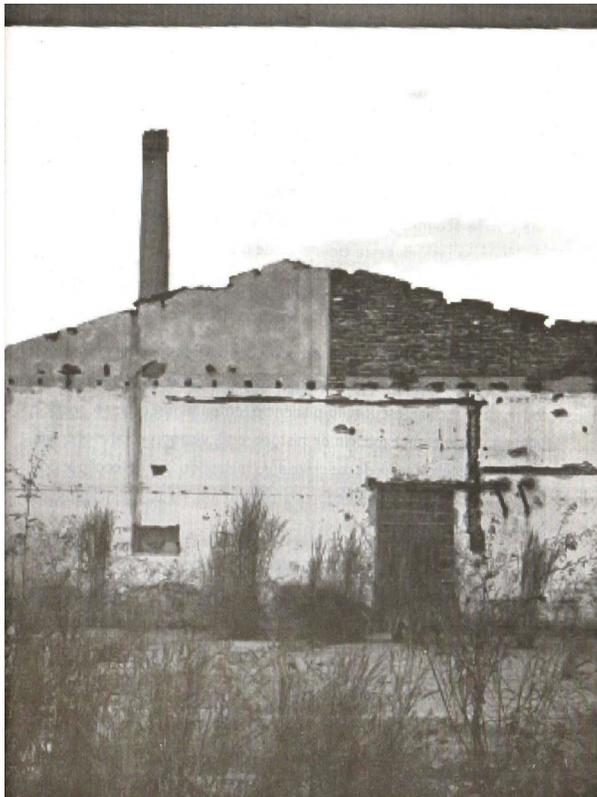
Nas palavras do professor Carlos Viana:

Um grande revés que a fábrica conjunturalmente irá sofrer que talvez possa explicar o encerramento de suas ativida-

des em 2006, se deu com a implementação do plano real em 1994. Com a abertura da economia, as importações sobretudo de tecidos chineses, a fábrica não pode mais competir com essa produção estrangeira que chega ao Brasil de forma volumosa e acaba sucumbindo nessa fase crítica da economia industrial social brasileira.

É possível destacar as diversas interpretações para este período de fechamento da fábrica. É importante ouvir o que os trabalhadores têm a dizer sobre este momento, sobre esta vivência dentro da fábrica.

Ao saber que hoje funciona uma faculdade, mesmo com o lamento do fim do trabalho, os antigos trabalhadores reconhecem ser atualmente um lugar de valor, como fora antigamente. Mas, ao olhar para as ruínas, para os espaços vazios e sem vida, há uma unanimidade nas narrativas: aqui neste lugar, no espaço que hoje é só ruínas, eles viveram os momentos mais tristes e mais felizes de toda a existência!



Considerações

Estamos em 2012, em uma cidade que é chamada de “cidade universitária” pois há várias instituições de ensino superior, como o atual *campus* CIDAIO (antiga fábrica de beneficiamento de algodão) e o *campus* da Universidade Federal do Ceará (UFC), que se instalou no espaço geográfico da antiga Fábrica de Tecidos de Sobral (FTED), presente na história desta cidade desde o século XIX.

Algo curioso no diálogo com antigos trabalhadores da Fábrica de Tecidos é a nostalgia presente nos seus depoimentos e narrativas.

Frente às experiências concretas dos antigos trabalhadores da Fábrica de Tecidos Sobral, nos permitimos o desafio da capacidade de ouvir, falar e calar, escutando o silêncio, entendendo o gesto, a frase não dita. Este é um exercício de história oral, visando estabelecer um canal de reconstrução de significados, buscando a inteligência e as interpretações que os trabalhadores atribuem aos fatos vivenciados, às suas trajetórias e experiências.

Vale lembrar o professor Dênis Melo, ao comentar sobre o período de fechamento da fábrica: para ele foi um momento de comoção na cidade [...] “Um sentimento de perda da fábrica, e, simultaneamente, um sentimento de uma perda de memória”. Convém ressaltar o lembrete de Le Goff em seu livro “História e memória”: “devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens” (Le Goff, 1922, p. 475-477).

A tentativa deste livro é também de busca da preservação de histórias e memórias de quem construiu a fábrica no cotidiano, do registro de histórias de vida de trabalhadores. Histórias de vida que podem contribuir para a compreensão da dinâmica social da cidade, numa multiplicidade de visões da história. Dito de outra forma, a visibilidade de uma memória que é plural.

Trabalhar com um universo amplo como é o contingente de trabalhadores da antiga fábrica de tecidos deixa claro que as narrativas do presente livro são uma gota no oceano, apenas um fragmento dentro das possibilidades de pessoas que poderiam contribuir para a consti-

tuição das presentes memórias. Um grande desafio que torna inevitável a existência de lacunas. Há muita história a ser contada!

Com os pés na história, lançamos um olhar ao futuro. Sim, o futuro desses antigos trabalhadores, para não só lembrar, mas, de alguma maneira, perpetuar caminhos percorridos, narrativas ressignificadas. Este é um registro de emoção e estímulo ao diálogo, uma relação ativa entre presente e passado, uma relação entre o falar, calar e escrever.

O passeio pela Fábrica de Tecidos e pela vida de antigos trabalhadores apresentou-se pleno de cores, dramas, formas, emoções, lutas. Buscamos através de uma postura dialógica revitalizar esperanças, reanimar, integrar pessoas, com os espíritos da solidariedade, da dedicação e da tolerância.

Está presente neste processo de estudos e diálogos, um sentimento de ousadia e de incentivo. Estímulo para que, a partir de uma prática de pesquisa (não divorciada do ensino e da extensão), haja uma compreensão de que possui uma utilidade social efetiva, um compromisso além da sala de aula.

A riqueza da experiência da pesquisa, as narrativas e fotografias com análises e comentários asseguram uma leitura proveitosa para todos os interessados pela vida, memórias e histórias de Sobral!

Enfim, que os estudantes possam vivenciar a beleza de realização da pesquisa histórica, na certeza de que suas ações movem o mundo, pois, conforme o poeta russo: “[...] As vestes poeirentas de nossos dias, cabe a ti, juventude, sacudi-las” (Vladimir Mayakovsky).

Referências

ARAGÃO, Elizabeth Fiúza. **A Trajetória da indústria têxtil no Ceará: o setor de fiação e tecelagem - 1880/1950**. Fortaleza. Edições Universidade Federal do Ceará/Stylus Comunicações, 1989.

ARAGÃO, Elizabeth Fiúza. (Org.). **O Fiar e o tecer: 120 anos da indústria têxtil no Ceará**. Fortaleza: Sinditêxtil/FIEC, 2002.

A Vida entre Tecidos, Fios e Nós. Telma Bessa Sales. Brasil, 2011 – 14' 38". Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=58rUcaRT2rU>.

BENJAMIN, Walter. **Teses sobre a Filosofia da História, Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política.** Lisboa: Relógio D'água, p. 157-170, 1940 [1992].

BRASIL, Thomaz Pompeu de Sousa. **Ensaio Estatístico da Província do Ceará.** Ed. Fac-símile - Fortaleza Fundação Waldemar de Alcântara, 1997.

CORDEIRO, Maria Marlúcia dos Santos. **Memória dos Operários da Vila Ernesto Deocleciano da Fábrica de Tecidos, Sobral.** Curso de História, Monografia, UEVA, 2010.

COSTA, Elza Maria Lustosa da. **Sociabilidade e cultura das elites sobralenses.** Secult, 2011.

FAUSTO, Boris. **História Concisa do Brasil.** São Paulo: Editora USP, 2002.

FENELON. Déa Ribeiro. Cultura e História Social: historiografia e pesquisa. *In: História e Cultura.* n. 10, São Paulo, dezembro de 1983.

FERREIRA, Marieta M.; AMADO, Janaina (Org.). Apresentação. *In: Usos e abusos da história oral.* Rio de Janeiro: ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998.

FORTES, Alexandre. "Miríades por toda a eternidade": a atualidade de E. P. Thompson. **Tempo Social**, v. 18, n. 1, p. 197-215, jun. 2006.

GIRÃO, Raimundo. **História do Ceará.** Monografia n 12, Fortaleza: Col. Instituto do Ceará, 1957.

HOGGART, Richard. **As utilizações da cultura:** aspectos da vida da classe trabalhadora com especiais referências a publicações e divertimentos. v. 1 Lisboa: Presença, 1973.

HOLANDA, Virginia Célia Cavalcante. **Modernização e espaços seletivos no nordeste brasileiro.** Sobral: conexão lugar/mundo. Tese de doutorado, São Paulo, USP, 2007.

KHOURY, Yara Aun. Muitas Memórias, Outras Histórias: Cultura e o Sujeito na História. *In: RIBEIRO, Déa Fenelon; ANTUNES, Laura (Org.). Muitas Memórias, Outras Histórias.* São Paulo, Olho D'água, 2004.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** Tradução Bernardo Leitão *et al.* 2º Ed. Campinas: UNICAMP, 1992.

LIRA, Pe. João Mendes. **Nossa História** - A Revolução Industrial em Sobral - Cap. LVI, 20/5/1972).

MONTENEGRO, Antônio Torres. Memória e História. *In: Ideias* - o tempo e o cotidiano na história. 22 ed. São Paulo: FDE, 1994.

NOBRE, Geraldo da Silva. **O Processo histórico de industrialização do Ceará**. 22 ed. Fortaleza: FIEC, 2001.

POLLACK, Michael. "Memória e identidade social". *In: Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 05, n. 10, 1992.

PORTELLI. Alessandro. Una Vita Non Appartiene a Nessuna Disciplina . La diversità della storia orale tra narrazione dialogica, lavoro della memoria e lavoro del linguaggio. *In: CAPECCHI Mauro e MARTONE Remo* (organizadores). **Memorie "di classe"** – lavorare a scuola con le fonti orali per leggere il mondo contemporâneo. Introdução de Alessandro Portelli e Cesare Bermain Cesp – Cobas, Massari Editora, Itália, 2005.

PORTELLI. Alessandro. O que faz a história oral diferente. *In: Revista Projeto-História*, Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do departamento de História da PUC-SP. Cultura e Representação. São Paulo: Educ., n. 14, 1997.

PORTELLI. Alessandro. A Filosofia e os fatos. **Revista Tempo**. Rio de Janeiro: Relúme- Dumará, v. 1 p. 70, 1996.

RABELO FILHO, José Valdenir. Fontes históricas e o ofício do historiador: relatos de memória como vestígios de um tempo passado. *In: Congresso Internacional de História e Patrimônio Cultural, 2010, Piauí. Anais eletrônicos do Congresso Internacional de História e Patrimônio Cultural*. Piauí: Universidade Federal do Piauí, 2010.

RIBEIRO, Darcy. O Povo Brasileiro. **A formação e o sentido do Brasil**. Companhia das Letras - 1995. São Paulo.

ROCHA, Herbert. **O lado esquerdo do rio**. São Paulo, Hucitec. 2003.

SARLO. Beatriz. **Paisagens Imaginarias**. São Paulo, EDUSP,1997.

THOMPSON. E. P. **A Formação da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, v. 01, 2001.

THOMPSON. E. P. **Costumes em Comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. Sdo Paulo: Cia. das Letras, 1998.

THOMPSON. E. P. **Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial. Costumes em Comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

VIANA, Carlos Negreiros. **A indústria têxtil do algodão no Ceará (1891-1973)**. Dissertação de Mestrado em economia na universidade de Brasília, 1985.

XIMENES, Luiz, Padre. **Sobral, na madrugada da Diocese**. Ano de 1972.

Anexos

Fotografias da visita à fábrica: operários e estudantes em maio de 2011.

Figura 6 - Entrada da Fábrica (trabalhadores, estudantes e professores em visita à fábrica em 11 de março de 2011).



Figura 7 - Dentro da Fábrica (trabalhadores, estudantes e professores em visita à fábrica em 11 de março de 2011)

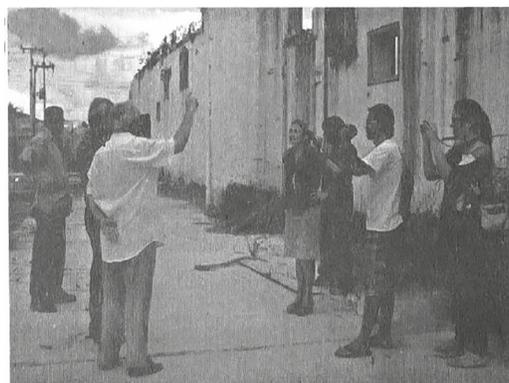


Figura 8 - No Cassino (trabalhadores, estudantes e professores em visita à fábrica em 11 de março de 2011)

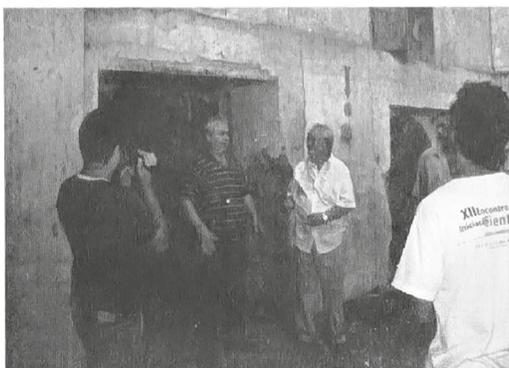


Figura 9 - Dentro da Fábrica (trabalhadores, estudantes e professores em visita à fábrica em 11 de março de 2011)



Figura 10 - Na Fábrica (trabalhadores, estudantes e professores em visita à fábrica em 11 de março de 2011)



Figura 11 - Na fábrica (trabalhadores, estudantes e professores em visita à fábrica em 11 de março de 2011)



Figura 12 - Cassino





Trabalhadores da Fábrica de Tecidos de Sobral – Muitas histórias e outras memórias¹⁴

O Sol estava ‘quase escondido’ numa manhã de maio em Sobral. O clima nesta cidade é tipicamente tropical, quente e seco, com uma temperatura média de 30 graus centígrados e com uma altitude de 69 metros. Sobral localiza-se na região norte cearense a 238 quilômetros de Fortaleza.

Este dia de sol em particular estava convidativo e animado para um grupo de estudantes do curso de História da UVA e de ex-trabalhadores, que após mais de quinze anos, regressam ao espaço da antiga fábrica Ernesto & Ribeiro, Fábrica de Tecidos Sobral ou ainda a Companhia de Fiação e Tecidos Ernesto Deocleciano (C.F.T.E.D)¹⁵.

A ação era desafiadora e estimulante: andar pelos caminhos internos da antiga Fábrica, no centro de Sobral, sendo ‘guiados’ pelos que ali, de forma cotidiana, se dedicaram vinte, trinta, quarenta anos ao funcionamento desta. Sim, fomos levados a enxergar restos de um

14 Originalmente publicado em *Revista Historiar* - Universidade Estadual Vale do Acaraú – v.4. n. 4 (jan./jun. 2011). Sobral-CE: UVA, 2010. ISSN 2176-3267 [www.uvanet.br/revistahistoriar].

15 Foi fundada por dois sócios, Ernesto Deocleciano de Albuquerque, cearense, nascido em Aracati, mas residindo em Sobral, exportador e beneficiador de algodão, e Cândido José Ribeiro, industrial do ramo Têxtil no Maranhão. A fábrica demorou três anos para ficar pronta, iniciando sua produção com maquinário importado da Inglaterra. Fabricava tecidos de algodão cru, sacos de algodão, redes de dormir, fios de novelo, pluma de algodão. Primeira grande fábrica que vai inserir o município sobralense na produção industrial do Ceará.

passado recente, quando estes trabalhadores viviam os frutos do seu trabalho fabril.

A caminhada então iniciou pelas mãos, falas, gestos, enfim, no diálogo com os Srs. Antônio, Barbosa e Carlos (nomes fictícios), respectivamente, eletricitista, supervisor e tecelão. Estes são interlocutores na pesquisa *Tecendo Memórias: Experiências de Trabalhadores da Fábrica de Tecidos Sobral*¹⁶ vinculada ao Laboratório de Memórias e Práticas Cotidianas (LABOME-UVA) e a Pró Reitoria de Pós Graduação da UVA.

Ao andar na fábrica hoje (atual *campus* da Universidade Federal do Ceará – UFC), destaca-se em pleno funcionamento o prédio da faculdade de Odontologia. Na manhã de 11 de maio de 2011, estudantes e professores chegam para suas atividades, deparando-se conosco: um grupo de senhores, estudantes e suas mochilas com filmadoras, câmeras fotográficas, cadernos de anotações, que buscam praticar um olhar atento, detalhado, subjetivo, e significativo para ambos. Olhares surpresos, curiosos, furtivos, ‘embotados’, melancólicos. Tudo presente nestes passos andarilhos com firmeza e decisão. O caminho se torna mais leve e rápido com a vontade das narrativas sobre o antigo local de trabalho: *aqui se instalava o banheiro, ali a portaria, lá mais à frente era onde os carros levavam o material para exportação, do outro lado, a escola, depois, o cassino*. Estes marcos visuais narrados pelos trabalhadores nos permitem pensar processos vividos por eles que constituíram modos de vida.

Observamos que através de suas memórias são contadas histórias significativas do local de trabalho, da expansão da Fábrica, das festas, forrós, sorteios, futebol, da produção, do apito, da chaminé. A pluralidade das narrativas, as diversas experiências dos trabalhadores, demonstram que existem diferentes maneiras de viver e interpretar o vivido. Assim, é importante isto ser explicitado para que haja uma potencialização e uma maior percepção da riqueza existente nas narrativas desses sujeitos sociais. Como assinala (Pollack, 1992, p. 200-212), “A História tal como a pesquisamos pode ser extremamente rica como

16 Pesquisa em andamento com participação de professores da UVA Sobral (Prof. Ms. Viviane Prado e Prof. Ms Igor Moreira) e alunos de diversos períodos letivos do Curso de História: Francisca Carneiro, Joaquim Sousa, Luis Carlos, Allanna Araújo, Talyne Rose.

produtora [...] de novas interpretações. A História está se transformando em histórias, histórias parciais e plurais”.

E somos levados para uma visão geral do antigo espaço fabril: vê-se nos arredores uma sucata, de propriedade de um ex-operário, que teima em viver do lado de fora do que significou o “ingresso de Sobral na era industrial” como nos conta Padre Lira em uma de suas cartas (Nossa História – A Revolução Industrial em Sobral – Pe. João Mendes Lira – Cap. LVI, 20\5\1972):

Em nossa terra a Revolução Industrial apareceu somente em 1894 quando foi construída a primeira fábrica de Tecidos Ernesto Deocleciano. As máquinas foram todas importadas da Inglaterra, país onde foi iniciada a Revolução Industrial.

Nesta manhã de passeio incomum compartilhamos alegrias, tristezas, lembranças, reminiscências do trabalho duríssimo nas máquinas, salas de pano, fiação, teares, escritórios, bem como espaços lembrados com orgulho, como a escola para as crianças da vila e o “Cassino dos operários”, anexo à empresa na década de 1940, além da sala dos médicos. Enfim, conhecemos os espaços construídos e vivenciados pelos trabalhadores cujos caminhos continuam inesquecíveis, preservados em suas memórias.

A Fábrica foi uma revolução na vida dos trabalhadores, da cidade, da população. Jovens ingressaram cedo para o trabalho, como afirma a Sra. Maria Cardoso do Nascimento, Marizô, que nasceu em Tianguá em 1919, e vive em Sobral desde 1921, casou com treze anos, é mãe de quatorze filhos. Trabalhou como parteira, rezadeira, lavadeira, empregada doméstica e tecelã. Ao ser indagada sobre o trabalho na fábrica diz¹⁷:

Dona Marizô - eu trabalhei... “tecelona”, fiação, “remetedor”, era tecelagem de tudo eu sabia ali trabalhei muito. [porque era manual “nera”? não tem agora tudo, trabalho é em, é eletricidade...]

17 Entrevista: NASCIMENTO, Maria Cardoso do. - D. Marizô (depoimento, 15.09.2001). Sobral, Laboratório de Memórias e Práticas Cotidianas, 2001. Prof. Dr. Nilson Almino de Freitas.

Dona Marizô - é, trabalhava manual, eu pegava uma máquina como daqui e fora, pra eu dar conta, eu dava lá, dava no meio, dava na ponta, era correndo... eu trabalhei lá eu acho que... pouco, assim eu doze anos...

As narrativas dos trabalhadores entrevistados, assim como da Sra. Marizô, apontam idades de onze, treze, dezesseis anos, como destaca também a Sra. Maria, moradora da Vila Janoca, situada na Praça da Santa Casa, e ex-operária da fábrica:

Comecei a trabalhar na fábrica com 13 anos, eu e minha irmã mais nova, só trabalhava lá quem tivesse 15 anos, foi uma vizinha que falou com o Sr. Candido, pois precisávamos trabalhar para ajudar em casa esta mesma vizinha conseguiu com o gerente da fábrica a casa na vila Janoca¹⁸.

Ou ainda como o Sr. Barbosa, que nasceu em Sobral, numa casa pertinho da Santa Casa. Em sua narrativa aponta com orgulho que seguiu a carreira do pai, que começou como mecânico. Como o pai foi tecelão, ele também entrou na Fábrica e trabalhou desde jovem com vários amigos, pois não havia muita opção na cidade: o pessoal era muito dedicado ao trabalho, fazia tudo com muito amor. Este trabalhador foi contra mestre, setor de produção, auxiliar de escritório, supervisor, e continuou na Fábrica até a década de 1990, antes da fábrica fechar.

Hoje, seguindo os passos falados de ex-trabalhadores, suas histórias de ingresso na fábrica, observamos os vestígios de locais de chegada do algodão cru, do salão imenso das descaroçadeiras, as máquinas que separam o algodão para ser fio e tecidos dos caroços que serviriam para produção de óleo, as caldeiras.

Os espaços históricos desta fábrica expressam o dia a dia bem diferente de lugares próximos a Sobral, como as cidades circunvizinhas, e inaugurou outro ritmo implementado com disciplina, produtividade, qual seja, a realidade mesmo do 'chão da fábrica'. As mudanças exigidas com o trabalho fabril, a noção do tempo do trabalho com novos

18 Entrevista extraída da Monografia de Maria Marlúcia dos Santos Cordeiro "Memória dos Operários da Vila Ernesto Deoclesiano da Fábrica de Tecidos de Sobral. UVA-CCH – História dezembro de 2010.

hábitos, maior exatidão nas rotinas do tempo, o relógio e a produção impondo novos valores e modos de vida. São questões presentes nas narrativas e experiências dos trabalhadores e remetem a reflexão de Thompson (1998) ao pensar o tempo, a disciplina do trabalho na sociedade inglesa no século XVIII.

Edward P. Thompson afirmou, em seu livro sobre os trabalhadores da Inglaterra, que escreveria sobre os que são esquecidos, as vivências, aspirações, enfim, as histórias de vida dos trabalhadores dentro e fora da Fábrica, a maneira de ser, trabalhar e ver o mundo a partir das experiências destes. Seu estudo busca as experiências dos trabalhadores em seu próprio fazer-se histórico, expressando suas subjetividades e visões de mundo (Thompson, 2001).

Podemos indagar por que os estudos deste intelectual, polêmico, inovador, reconhecido em todo o mundo, continuam um exemplo até hoje. Como assinala Alexandre Fortes no artigo “Miríades por toda a eternidade: a atualidade de E. P. Thompson”, a obra de Thompson continua atual e perseguir estudos na história social, com sua perspectiva e abordagem exige, mais do que nunca, o equilíbrio entre rigor intelectual e paixão, compromisso político e pesquisa exaustiva.

É nesta trilha que perseguimos nossos estudos. E seguimos a caminhada. Sr. Antônio nos convida a adentrar a Fábrica e diz que é muito grande, sendo necessário mais tempo pra conhecer tudo, além de ter lugares interditados pela reforma do espaço. Assim ficamos cientes de um retorno ao mesmo local em sua companhia.

O interesse pelos trabalhadores da fábrica de tecidos estava latente. Pensava inicialmente em, calmamente, conhecer a cidade, o uso dos espaços urbanos, a produção dos espaços fabris, os bairros, enfim, só após adaptação mínima começariam as pesquisas de campo. Mas, no decorrer dos três meses iniciais de pesquisa, aos poucos o conhecimento dos trabalhadores, que de forma incansável falavam de amigos, compadres, primos que trabalhavam na fábrica, houve a necessidade de um exercício etnográfico: pesquisar onde se localizava e como estariam os restos da fábrica que estes homens falam com tanto afincamento e

amor! Um sentido de urgência, de ir com eles neste lugar tão significativo e vivo em suas memórias.

No decorrer destes meses o que mais impressionou foi observar a inevitabilidade das mudanças destacadas em suas falas sobre a história da fábrica e as suas vidas. O sentido da saudade dá o tom nas narrativas destes. *É a saudade do tempo do trabalho para todos*¹⁹ no tempo da Fábrica de Tecidos Sobral, que também é destaque no depoimento da tecelã Rosário de Sousa, que trabalhou quarenta e dois anos na fábrica. Em certo ponto de nossa conversa sobre o seu trabalho, assinala que operava em dezesseis teares e afirma, em lágrimas: *eu gostava do meu trabalho, era muito bom, um salário bom, ganhava cesta com macarrão, açúcar, ganhava prêmio, minha filha ganhava boneca... Era bonito o meu trabalho, o tear era grande, minha infância foi toda lá.*

Por falar das experiências partilhadas por nós e pelos trabalhadores, é importante saber quem somos e o que sentimos. As histórias são muitas, tantas quanto forem os pontos de vista, e por isso não há aqui as melhores ou as mais significativas histórias, mas as que nos foram contadas por sujeitos que, deslocando-se de acordo com a vida atual, com a dinâmica social e trabalhista que não são ditadas por eles, vivem hoje no pequeno limbo entre as barulhentas ruas do centro, ao redor da fábrica, ávido comércio e os mudos bancos e árvores das praças, o convívio familiar, além de encontros furtivos e conversas com amigos de longas datas.

Esta 'visita' com os trabalhadores em seu antigo local de trabalho desvendou um olhar iniciante em todos os sentidos: a fábrica não era desprovida de pessoas e situações que somente nela seriam possíveis. Eu a entendia enquanto um lugar de muito suor e dedicação, trabalho árduo. Em muitas conversas, os interlocutores, contudo, costumavam vê-la como espaço completo, onde foram felizes, as esposas levavam o café da manhã, onde os filhos participavam das festinhas, onde o futebol agregava a todos, onde se sentiam insubstituíveis, pois ao sinal de qualquer chamado eles ali estavam, a qualquer hora do dia ou da noite, para resolver coisas internas do funcionar das máquinas.

19 Referência aos escritos de LEITE LOPES, José Sérgio. *A tecelagem dos conflitos de classe na cidade das chaminés*. São Paulo: Marco Zero, 1988, p. 585.

A maneira como o Sr. Antônio, Barbosa e Carlos relembram suas experiências, nos leva a pensar nas formas diferenciadas e ambíguas de viver o chão da fábrica, de sentir a exploração, a dor e o prazer do trabalho. Os diversos depoimentos demonstram que a memória da vida na fábrica ainda está presente, de maneira única, para cada trabalhador. Em um primeiro momento, pode-se pensar que a saudade, as recordações dos tempos de juventude, são imparciais, unilaterais, mas à medida que se vai analisando e dialogando, problematizando as narrativas dos trabalhadores entrevistados, percebe-se um tom crítico, uma 'discordância' à ideia de que o tempo do trabalho foi sempre muito bom.

Os depoimentos também expressam, em certa medida, em tom mais baixo ao falar sobre os problemas, o salário sempre baixo (apesar do não atraso aos pagamentos), um inconformismo, uma pequena revolta pelas situações vivenciadas e que teve o desfecho com as demissões e o fim da fábrica. Enfim, a ambiguidade, a incerteza e o medo são sentimentos presentes em todo o processo, o que nos leva ao texto de Thompson (1998, p. 95-109), segundo o qual "a identidade social de muitos trabalhadores mostra certa ambiguidade. É possível perceber, no mesmo indivíduo, identidades que se alternam, uma deferente, a outra rebelde".

No diálogo com estes trabalhadores, observamos que através de suas memórias são contadas histórias significativas. A pluralidade das narrativas, as diferentes experiências destes, demonstram as diversas maneiras de viver e interpretar o vivido. Após tanto tempo, vale pensar a pluralidade de motivações em realizar este diálogo com os trabalhadores, pois, em certa medida, muito contribui para problematizar e demonstrar a heterogeneidade das vivências e dos conflitos frente à exploração no cotidiano da fábrica e a constituição de modos de vida na Sobral fabril.

Nesta perspectiva, é possível entender este momento vivido pelos trabalhadores de forma múltipla, buscando não "enquadrar" ou cristalizar as ações desses como "dependentes", "fatalistas" ou inconformados com a situação atual em que vivem. Implica em repensar a forma de ver os trabalhadores, descrever, e interpretar suas narrativas, bus-

cando compreender a cultura destes sujeitos sociais, todos participantes, todos fazedores da cidade, todos vivos e ressignificando as memórias dos tempos idos.

A maioria das entrevistas aponta para uma fábrica vivenciada nos anos 1960, 1970 e 1980 e para aquele espaço fabril percebido hoje, evidentemente com o olhar do presente para o passado, mas o que aparecia de forma constante era o *tempo da fábrica, da saudade do trabalho, da dignidade de ser trabalhador*. Portanto, o sentido das transformações é diferente e igual, comum a todos.

Com base neste diálogo continuamos o caminho. Um caminho que revela os trabalhadores como sujeitos, pessoas que têm relação com a comunidade em que vivem, na família, têm sentimentos, afetos, gente que sorri, chora, luta, ama, reza. Enfim, são sujeitos históricos que vivem e recriam suas experiências constantemente dentro de determinações históricas específicas.

A história oral

Esta pesquisa se pauta na utilização de depoimentos orais dos trabalhadores, pois eles “sempre lançam nova luz sobre áreas inexploradas da vida diária das classes não hegemônicas” (Portelli, 1997, p. 31), principalmente quando se trata de grupos marginalizados, visto que pouco se conhece ou se sabe sobre suas experiências, seu cotidiano.

Com o olhar voltado para as transformações do mundo do trabalho, em especial a indústria têxtil, no Brasil e no Ceará, há a necessidade de uma investigação sobre a história dos trabalhadores deste setor industrial, com a dimensão da história social, que instiga para uma discussão ampliada e contemporânea, a partir das experiências destes nas cidades.

Entendemos que as experiências dos trabalhadores da Fábrica de Tecidos Sobral são importantes para compreensão dos processos que envolvem trabalhadores, os modos de vida destes dentro do contexto mais amplo das relações entre capital, trabalho e emprego no Brasil nos últimos anos. Esta realidade do mundo do trabalho têxtil não

é única, o ramo das indústrias de calçados, de cimento, de laticínios também estão presentes na cidade de Sobral, conforme indicam os estudos de Holanda (2007).

Autores como Alistair Thomson, Alessandro Portelli, Richard Hoggart são alguns estudiosos presentes na pesquisa. Um trabalho em que buscamos mais os significados e menos os eventos nas narrativas dos depoentes, dentro de uma reflexão sobre a importância da subjetividade, da riqueza e diferenças entre os depoentes, que constitui um mosaico onde cada um tem diferentes sentimentos.

A opção em se trabalhar com esta abordagem implica pensar os sujeitos sociais dentro de suas práticas, considerando suas trajetórias, bagagens culturais, relações sociais, etc... Tal perspectiva considera a pluralidade, as diferenças entre pessoas e a construção de uma história aberta e participativa, no dizer de Déa Felon (1983, p. 74):

Abre a possibilidade de produzir uma história que será sempre política, porque inserida no seu tempo e comprometida com ele [...] na esperança de estarmos, de alguma maneira com nosso trabalho ajudando a construir o futuro, numa perspectiva transformadora.

A ênfase é dada aos processos e aos significados apresentados pelos sujeitos. As interpretações dos fatos expressam a experiência social vivida por pessoas que se relacionam e vão além do que é estabelecido e padronizado, influenciando na construção da própria história.

Neste sentido, a opção de estudo com a história oral considera menos os eventos e mais os significados para os sujeitos. Reconhece as interpretações e valoriza as subjetividades, considerando que o processo vivido não é um esquema de experiências comuns e sim um "mosaico", em que cada pessoa é diferente da outra e se buscam as diferenças das experiências vividas internamente. A história oral se coloca desta forma como um "campo de possibilidades", como nos indica Portelli, "A história oral e as memórias não nos oferecem um esquema de experiências comuns, mas sim um campo de possibilidades compartilhadas, reais ou imaginárias" (1996, p. 70).

Nesta linha de reflexão, considera-se o olhar visto de dentro, e não uma análise do alto, de forma distante. Desta maneira, reconhece-se que existem múltiplas visões, que há uma multiplicidade de memórias e de sujeitos. Estes têm experiências sociais vividas e compartilhadas que acontecem num ambiente social, num contexto mais amplo, possuem narrativas únicas que têm dimensão social. O campo de estudo da pesquisa focaliza as práticas sociais, ou seja, o conjunto das ações, e reflexões dos sujeitos sociais através de suas narrativas.

Privilegia-se o conhecimento das experiências dos sujeitos, através de metodologia qualitativa, que dá preferência ao trabalho com fonte oral, pois trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, enfim, as “verdadeiras raízes da vida” (Hoggart, 1973).

No diálogo com os trabalhadores estabelecemos relações com as próprias experiências dos sujeitos, realizando entrevistas que se colocam de maneira peculiar, pois é neste exercício, do conhecer e de se deixar conhecer, que apreendemos um universo revelado pelo outro.

Na lida com as entrevistas e narrativas, o diálogo construído está composto também por versões oficializadas da memória. Versões estas que estão postas nos referenciais do poder, no noticiário da imprensa, na elaboração das grandes obras e na constituição da memória. Importa destacar que não há uma memória pura, mas sim elaborações trazidas das relações construídas nos vários momentos e significadas por estes entrevistados no encontro com o historiador. A memória é ressignificada, reconstruída pelos sujeitos sociais.

Compreendemos que, através das entrevistas, os mesmos falam de si mesmos, de sua experiência no trabalho, de seus filhos, dos pensamentos sobre o futuro, do mundo hoje. Pois colocam-se frente ao fato de serem entrevistados; usam uma chave que abre infinitas lembranças, acontecimentos, memórias que são, evidentemente, a história vivida por eles, em um determinado tempo e espaço.

Nesta direção, a experiência de entrevistador não está pautada na relação hierarquizada, e sim nas relações entre iguais, como nos lembra

Portelli (1996), uma experiência de igualdade, entre pessoas que têm vivências diferenciadas e que dialogam. Nesta forma de encaminhar a relação, o pesquisador também é “estudado” pelo seu entrevistado, portanto, há sempre duas visões. Reconhecer isso é criar um ambiente de confiança e uma relação com o entrevistado.

“O principal paradoxo da história oral e das memórias é de fato que as fontes são pessoas, não documentos”, indica Portelli (1996, p. 60). Isso transforma efetivamente o exercício da pesquisa. Na lida com a fonte oral, o pesquisador participa de forma efetiva da produção das fontes. É ele quem elabora as perguntas, ainda que não obtenha as respostas que anseia, e isso demonstra o aspecto dialógico desta modalidade de fonte.

Ao enfatizar as vivências dos trabalhadores, compreendemos que a subjetividade permeia toda a pesquisa, levando a assumir os depoimentos dos trabalhadores como fonte histórica. Ao lidar com a narrativa e a memória das experiências, reconhecendo-as como permeadas de valores e sentimentos, não há como o historiador abster-se da sensibilidade da fala do narrador.

Temos um compromisso e responsabilidade em estarmos inseridos dentro desta grandiosa teia, plural, dinâmica e heterogênea chamada História, na metáfora de uma “colcha de retalhos”, ou um mosaico, onde todos somos diferentes, com muitas coisas em comum, com trajetórias diversas, buscando tanto a semelhança quanto as diferenças, porém formando um todo coerente (Portelli, 1997).

Um dos sentidos deste estudo também é construir uma interpretação na qual a fábrica é ressignificada em sua pluralidade de significados, reconhecemos as memórias plurais que surgem, apontando que há diversos sujeitos sociais que interpretam o trabalho na fábrica.

No processo de desenvolvimento da pesquisa, no ampliar do diálogo com os trabalhadores, a partir dos documentos e dos relatos destes, compreendemos a memória como um campo de disputa e um instrumento de poder. Nesse sentido, buscamos construir uma reflexão compartilhada, em torno de temáticas de estudo que são, em última instância, problemáticas sociais vividas (Khoury, 2004, p. 124).

As reflexões acima apontam para possíveis caminhos a serem trilhados e um destes seria a convicção de que é necessário procurar outras memórias e histórias que foram excluídas no processo e contemplar as diversas experiências de sujeitos sociais com seus diferentes modos de vida.

O olhar se volta para a contemporaneidade, para o movimento social, impulsionando para a transformação do presente, com a preocupação e compromisso de atuar no agora, embalados pela utopia e esperança, como aponta Sarlo (1997 p. 43):

Mais do que trabalhar novos temas e abordagens, trata-se de propô-los de forma a reafirmar a contemporaneidade e a vitalidade crítica da reflexão, entendendo que a operação histórica requer um movimento não só retrospectivo, mas fundamentalmente prospectivo, sempre colocando em causa as relações entre memória e história.

Nesta linha, reflete-se sobre a necessidade de se debater, escrever sobre os trabalhadores têxteis, ainda que este seja um tema sobre o qual muito já se escreveu, mas que ainda se sabe pouco. Levando-se em conta a possibilidade do esquecimento, convém retornar a este tema diversas vezes, não para repetir as análises que já existem, mas vê-lo de uma maneira sempre renovada, com outras abordagens, para assim dificultar o seu esquecimento, buscando dialogar com as experiências destes sujeitos sociais, com os modos de vida e relações constitutivas de suas culturas.

Referências

- CORDEIRO, Maria Marlúcia dos Santos. **Memória dos Operários da Vila Ernesto Deocleciano da Fábrica de Tecidos Sobral**. Curso de História, Monografia, UEVA, 2010.
- FENELON. Déa Ribeiro. Cultura e História Social: historiografia e pesquisa. In: **História e Cultura**. n. 10, São Paulo, dezembro de 1983.
- FORTES, Alexandre. "Miríades por toda a eternidade": a atualidade de E. P. Thompson. **Tempo social**. Jun. 2006, v. 18, n. 1, p. 197-215.

HOGGART, Richard. **As utilizações da cultura:** aspectos da vida da classe trabalhadora com especiais referências a publicações e divertimentos. v. 1 Lisboa: Presença, 1973.

HOLANDA, Virginia Célia Cavalcante. **Modernizações e espaços seletivos no Nordeste brasileiro.** Sobral: conexão lugar\mundo. Tese de Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Geografia humana. Departamento de Geografia da USP. São Paulo, 2007.

KHOURY, Yara Aun. Muitas Memórias, Outras Histórias: Cultura e o Sujeito na História. *In:* RIBEIRO, Déa Fenelon; ANTUNES, Laura (Org.). **Muitas Memórias, Outras Histórias.** São Paulo, Olho D'água, 2004.

LIRA, Pe. João Mendes. **Nossa História – A Revolução Industrial em Sobral** — Cap. LVI, 20\5\1972).

NEUTZLING, Inácio. A crise de um modelo de desenvolvimento: notas para uma análise da conjuntura brasileira. **Revista Perspectiva Teológica**, v. 23, n. 61, 1991. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/1270/0>.

POLLACK, Michael. "Memória e identidade social". *In:* **Estudos Históricos.** Rio de Janeiro, v. 05, n. 10, 1992.

PORTELLI, Alessandro. "O que faz a história oral diferente". *In:* **Revista Projeto-História**, Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do departamento de História da PUC-SP. Cultura e Representação. São Paulo: Educ, n. 14, 1997.

PORTELLI, Alessandro. "Tentando aprender um pouquinho". Algumas reflexões sobre a ética na história oral. *In:* **Projeto História**, n. 15, São Paulo, abril de 1997.

PORTELLI, Alessandro. A Filosofia e os fatos. **Revista Tempo.** Rio de Janeiro: Relúme – Dumará, v. 1 p. 70, 1996.

RABELO FILHO, José Valdenir. Fontes históricas e o ofício do historiador: relatos de memória como vestígios de um tempo passado. *In:* Congresso Internacional de História e Patrimônio Cultural, 2010, Piauí. **Anais eletrônicos do Congresso Internacional de História e Patrimônio Cultural.** Piauí: Universidade Federal do Piauí, 2010.

SALES, Telma Bessa. **Trabalho e Reestruturação Produtiva.** O caso da Volkswagen em São Bernardo do Campo/SP. São Paulo, Annablume/Fapesp, 2002.

SARLO, Beatriz. **Paisagens Imaginárias.** São Paulo, EDUSP, 1997.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado:** história oral. Tradução. Lálío Lourenço de Oliveira, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

THOMPSON. E. P. **A Formação da classe operária inglesa.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, v. 01, 2001.

THOMPSON. E. P. **Costumes em Comum:** estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

THOMPSON. E. P. Algumas Observações sobre a Classe e "Falsa Consciência". *In:* NEGRO, Antonio L.; SILVA, Sérgio (Orgs.). **Textos Didáticos**, n. 10, 3ª ed., v. 02, p. 95-109, 1998.

THOMSON, Alistair. "Recompondo a memória: questões sobre a relação entre história oral e as memórias". *In:* **Projeto História**, n. 15, São Paulo, 1997.



Conversando sobre patrimônio industrial ²⁰

*“[...] Mas ainda havia algo a dizer e,
por conseguinte, devia ser dito,
ou pelo menos,
tinha que se esforçar para dizer”
(do texto de Fernando G. Aguilera
In Alabardas, Alabardas,
Saramago, 2014, p. 64)*

Este número temático da *Sæculum* propõe reflexões sobre centros históricos e patrimônios e, em certa medida, inevitavelmente, abordamos assuntos como memórias, histórias e seus desdobramentos temáticos. Aqui dedicamos um pensar especial sobre patrimônio industrial. Sim, quanta riqueza e amplitude nestas duas palavras cheias de sentidos e significados para alguns e tão vazias e enigmáticas para outros. De início poderíamos indagar o que é mesmo Patrimônio Industrial, como nasceu esse debate no Brasil e quais as questões atuais que constituem o estudo do tema.

Logo percebemos que esse assunto tem a ver com o mundo do trabalho, com fábricas, trabalhadores e patrões, o próprio espaço industrial, com as máquinas de produção e o saber-fazer dos trabalha-

20 Artigo originalmente publicado em *SÆCULUM* - REVISTA DE HISTÓRIA UFPB João Pessoa, jul./dez. 2016.

dores. Assim como diz respeito ao modo de vida dos que ali habitam e deixam suas marcas nos arredores do espaço fabril, e às atividades no chão da fábrica.

Como afirmam estudiosos como Cristina Meneguello, Beatriz Kuhl, Jorge Custódio, entre outros, as reflexões sobre o patrimônio industrial vêm se desenvolvendo e acompanham as mudanças ocorridas nas discussões sobre o patrimônio de uma forma geral, e estão articuladas a um aprofundamento de questões ligadas à Arqueologia, à História, e ao próprio Patrimônio.

Para se pensar neste tema relacionado a fábricas, máquinas, espaços de trabalho transformando-se em espaços de entretenimento e lazer, uma revitalização de antigos espaços fabris em ruínas, para espaços de produção de saber e de encontros, de lazer, nada melhor que ouvir os antigos trabalhadores destes espaços, por isso a importância da história oral. Com esta perspectiva, escolhemos mais uma vez abordar neste texto os sujeitos, suas falas e a constituição de acervos orais e audiovisuais como valorização de memórias e afirmação de direitos. Sabemos que as falas e problemáticas sociais são consideradas por nós, para analisar, estudar e, de certa forma, entender a realidade social ontem e hoje.

Nos aventuramos aos desafios da construção do conhecimento a partir das experiências dos sujeitos sociais e seus respectivos processos constituintes. Nessa esteira de pensamento, importa beber dos ensinamentos e reflexões de estudiosos que marcaram a historiografia contemporânea como Edward P. Thompson, Erick Hobsbawm e outros. Estes pesquisadores e escritores sempre estiveram atentos aos 'becos sem saída' ou 'causas perdidas e os próprios perdedores' e são fontes inesgotáveis de inspiração, conhecimento e compromisso social.

Pensando no protagonismo de sujeitos sociais, assumimos uma perspectiva da pluralidade, da narrativa do sujeito como documento histórico. Esse viés interpretativo reconhece que existem múltiplas visões, que há uma pluralidade de memórias e de sujeitos. Estes têm experiências sociais vividas e compartilhadas que acontecem num ambiente social e, num contexto mais amplo, possuem narrativas únicas

que têm dimensão social. Sim, são sujeitos que se movimentam no ir e vir constante, pessoas que trabalham, amam, rezam, brincam e nos fazem acreditar que a política não acontece somente nos 'gabinetes ou escritórios, mas também nos quintais, nas vilas, ruas'.

Hoje é necessário ainda incentivar e ouvir as narrativas destes sujeitos sociais. E uma ferramenta dinâmica para isso são trabalhos que consideram os 'excluídos', incentivando a recriação dos espaços de falas, de espaços públicos de debates e expressão de narrativas. Pensando numa metodologia de pesquisa que não se encerra nela própria, que é também uma opção política, vale pensar no que afirmam pesquisadores como Alessandro Portelli, para quem, no início do século XXI, a história oral é precisamente um método para contestar, para dizer não a uma ideologia hegemônica/ individualista, incentivando a participação popular nos acontecimentos históricos (2002).

O poema de Pablo Neruda em homenagem a Tina Modotti termina com a frase 'Porque o fogo não morre', ratificando ideais libertários de uma militante das lutas sociais contra o fascismo que ocorreu na Europa. Também revela a dedicação e compromisso daquela tecelã, atriz do cinema mudo e fotógrafa, em sua militância política e humanitária²¹.

O desejo de uma sociedade justa e solidária constitui-se numa chama imortal. A opção em contribuir para essa utopia faz parte do próprio ser ao longo da existência, que se manifesta de forma integralizada, seja na vida pessoal, na luta política, em suas dimensões cultural e social. Do ponto de vista do campo profissional, valorizar os protagonistas ausentes da historiografia, também se movimenta como um compromisso de vida, uma chama imortal, esse sentimento tão bem expresso e cultivado por Déa Fenelon em seus escritos, diálogos e ação cotidiana transformadora²².

Não podemos deixar essa chama apagar, assim as novas gerações ficarão conhecendo as histórias plurais e conflituosas nas lutas por

21 BARCKHAUSEN-CANALE, Cristiane. *No rastro de Tina Modotti*. Tradução de Claudia Cavalcanti. São Paulo: Editora Alfa-Ômega, 1989.

22 A obra de Déa é fruto de sua práxis e aponta para um saber enraizado na pesquisa, na reflexão acadêmica e no engajamento social, cf. FENELON, Déa. "O historiador e a cultura popular: história de classe ou história do povo". *História & Perspectiva*, UFU, n. 6, 1991.

transformações enfrentadas por estes sujeitos sociais ao longo dos anos. Elas descobrirão que a dinâmica social e política possui a forte marca dos considerados 'sem dignidade', 'sem educação', 'sem glamour', 'sem conta bancária', 'sem voz' 'sem direitos', além de serem também 'sem terra', 'sem teto', 'sem trabalho'... As novas gerações deverão saber enfim que lembrar, considerar e agir com esses 'anônimos', 'invisíveis' e suas lutas, é uma 'herança incorruptível', herança que nos é dada e que devemos passar adiante.

Pensando nessa dimensão, este artigo busca manter presente essa perspectiva, a de ser aberto para o debate plural, estabelecendo um diálogo com o diferente, abraçando a metodologia de trabalho da história oral, dando visibilidade às diversas experiências de trabalhadores, mulheres, chapeiros, migrantes, agricultores, moradores. Essa dimensão possui uma presença no desafio de apontar reflexões e valores onde os sujeitos sociais, protagonistas de suas próprias mudanças, as reconstruam, se reconheçam em espaços plurais e plenos de direitos.

Dialogar sobre esses temas tem um significado especial, pois compreendemos que as narrativas dos sujeitos sociais podem ser uma forma de afirmação de direitos. Sugere-se, assim, a importância das falas dos sujeitos sociais na afirmação de si próprios e, de certa maneira, tais falas podem ser compreendidas como uma possibilidade de repensar a si, o outro e o mundo. Vale considerar que as falas, a partir de publicizadas, são reveladoras e contribuem para novas compreensões da História. Apropriamo-nos da narrativa oral levando em conta suas peculiaridades, como um enredo, onde as interpretações são construídas pelos sujeitos. Como bem assinala Yara Aun Khoury (2001, p. 80):

Como um gênero específico de discurso, impregnado de interrupções, digressões, repetições, correções, constituindo-se mais como um processo do que como um texto acabado, põe em evidência o movimento da palavra, da memória e da consciência, demandando um tratamento específico, que também pode ser proveitoso no sentido de ampliar e modificar a noção de fato histórico e, por esse caminho, contribuir para a incorporação de outros sujeitos à história.

Pesquisadores que desenvolvem a metodologia de trabalho com história oral sabem que esta contribui enormemente para a democratização do saber, pois as memórias plurais não pertencem a nenhum iluminado, nem tampouco a instituições autorizadas e representativas dos homens e mulheres. Além dos estudiosos, vale destacar todos os interessados nessa maneira de abordar a história, na compreensão de que estamos todos inseridos dentro da 'grandiosa teia, plural, dinâmica e heterogênea', tudo isso temperado com as emoções, as memórias ressignificadas. Não esqueçamos que esse método de trabalho é democrático e abarca inclusive as subjetividades do pesquisador e do narrador. Yara Aun Khoury continua e assinala no mesmo artigo acima citado (2001, p. 90):

Em cada pesquisa, nossos procedimentos com esta metodologia estão intimamente imbricados com as temáticas definidas para estudo e com as problemáticas que construímos em torno delas. Ao produzirmos narrativas orais num diálogo com pessoas, temos entrado em contato com presenças ignoradas ou ocultadas construindo maneiras de resistir e sobreviver; com significações construídas e não reconhecidas numa ordem instituída constantemente realimentada, em cujos processos a oralidade joga um papel importante.

As reflexões citadas são ricas e nos inspiram a alargar o pensar sobre a abordagem, a interpretação, as análises e a necessidade de constituição de acervos de entrevistas com histórias de vida de variados sujeitos sociais.

Cabe pontuar que a história oral no Brasil, assim como no restante da América Latina, principalmente nos países que viveram governos ditatoriais, teve sua incorporação associada ao processo de redemocratização. A ousadia se fez presente no desenrolar dessa trajetória e, perpassando anos de muito trabalho, desafios e conflitos, houve uma consolidação dessa metodologia dentro e fora do campo acadêmico.

Um fator que em certa medida alavancou a sistematização de todo esse processo foram os centros de documentação instituídos pelas universidades. Voltados para o registro de depoimentos e experiências

do passado, Laboratórios de Memória e de história oral vêm se consolidando, e dentre eles podemos citar algumas experiências, como: o Centro de Informação e Documentação Científica (CEDIC), na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP); o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, na Fundação Getúlio Vargas no Rio de Janeiro (CPDOC-FGV); o Laboratório de história oral e Imagem, ligada à Universidade Federal Fluminense em Niterói (LABHOI-UFF); o Núcleo de Documentação Cultural na Universidade Federal do Ceará, em Fortaleza (NUDOC-UFC); o Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional da Universidade Federal da Paraíba (NDIHR-UFPB); o Laboratório das Memórias e das Práticas Cotidianas em Sobral – Ceará (LABOME-UVA); a Fundação Centro de Pesquisas Econômicas e Sociais (CEPRO) no Piauí; além de ONGs e fundações que também atuam nessa área, visto a experiência da Fundação Joaquim Nabuco, em Pernambuco.

O Laboratório das Memórias e das Práticas Cotidianas – LABOME, da Universidade Vale do Acaraú (UVA), está vinculado ao Centro de Ciências Humanas e promove a difusão de pesquisas desenvolvidas por professores através da linguagem visual, articulando filmes (documentários), fotografia, artes plásticas, instalações e desenhos; pautando os acervos orais de pesquisas registradas e catalogadas disponibilizadas para toda a universidade. Esse laboratório faz transcrição, catalogação e armazenamento das narrativas que podem ser acessadas por todos e são revisitadas para o Programa Visualidades, que busca promover novos usos ao arquivo de documentos textuais, orais e visuais já existentes, produzindo obras visuais que possam ser úteis para pensar o tempo e o espaço vivido; contribuir para a criação de uma política pública de produção de obras visuais tendo o Labome, o Atelier Livre como apoio técnico e administrativo.

Com a metodologia da história oral cada vez mais arraigada nos programas de pós-graduação do país, com um número expressivo de autores que vêm se dedicando a tais temáticas, estes acervos presentes de norte a sul do país, em certa medida, vêm contribuindo com a socialização de narrativas, se constituindo também como forma de afirmação de direitos. Há um reconhecimento da comunidade acadêmica e

da sociedade, da importância destes acervos, são diversas experiências de variados sujeitos sociais, registrados através de narrativas orais, valorizadas e sistematizadas para disponibilizar ao público em geral.

Estes espaços atuam de forma simultânea na produção de conceitos e métodos específicos, alargando assim o universo da produção histórica nacional e a compreensão dos processos desta metodologia de pesquisa. Apresentam uma seriedade e sistematização das narrativas e fontes historiográficas que há anos vêm ajudando alunos e a todos interessados, nos depoimentos, nas histórias de vida de milhares de personagens importantes para se compreender a nossa história. São catalogadas, organizadas e revelam a pluralidade de memórias, que são por vezes, divergentes, complementares, diferentes, e essa é uma das riquezas das fontes orais.

Há que se considerar as diferenças e divergências existentes nas narrativas, na tentativa de alargar a compreensão dos fatos históricos e das interpretações plurais relacionados ao dinamismo social, cultural, político, que são importantes para os sujeitos sociais e que são expressos nas falas dos narradores.

Pensando nessas narrativas e em acervos que trabalham com essa natureza de documento, além dos já citados, ligados a instituições de ensino ou não, importa indagar o que fazer com tais narrativas, o que nos diz essa documentação. Podemos refletir se seria uma forma de motivação para se incorporar essas falas em nossas pesquisas e, em certa medida, pensar nos caminhos diversos, cruzamentos e frutos que tais falas podem suscitar. As fontes orais podem ser consideradas como um tipo de documentação que atrai novos pesquisadores, envolvendo as pessoas, os estudantes, as escolas, os segmentos sociais, todo um outro universo para a produção do saber.

É possível se pensar também uma outra bibliografia, não muito conhecida, estimulando o diálogo entre gerações e novas metodologias, promovendo o alargamento do conhecimento formal considerado pelos meios acadêmicos: seria uma potência no sentido de mobilizar pessoas e espaços a partir das memórias das famílias, dos bairros, dos

locais de memória que significam as identidades que se constituem e nas quais os sujeitos sociais se reconhecem.

Mudança e Preservação: Espaço Fabril e Centro Cultural

Uma das maneiras de se dar visibilidade a essas narrativas, em constante diálogo com artefatos materiais e produzindo outras fontes documentais, é a experiência de criação de centros culturais nos locais que outrora foram espaços fabris. São as narrativas dos sujeitos sociais em cruzamento com iconografia, documentários, imprensa, que estão presentes na construção de alguns acervos dessa natureza, como também passam a ser 'mola mestra' no processo de constituição de espaços públicos de qualidade, dentro do campo do patrimônio industrial.

Essas reflexões nos levam a ratificar uma das preocupações de pesquisadores de todo o mundo que trabalham com história oral e que debateram tudo isso no XVII Congresso da International Oral History Association – IOHA, em Buenos Aires, no ano de 2012²³:

As histórias orais têm documentado transtornos sociais e políticos, movimentos de reformas e suas reações. Como uma ferramenta democrática, os registros de história oral preservam memórias, percepções e vozes de indivíduos e grupos em todos os níveis e em todas as atividades. Isso levanta questões sobre o que fazer com essas entrevistas e como compartilhá-los com as pessoas e comunidades que fazem esta reflexão.

São várias questões a respeito das redes de significados que as narrativas podem sugerir, incentivando ações didáticas, pedagógicas e políticas. Elas também podem ser consideradas dentro de um processo de ação cultural de políticas públicas, no sentido de veicular, tratar

23 Com o tema "*Los Retos de la historia oral en el Siglo XXI: Diversidades, Desigualdades y la Construcción de Identidades*", o XVII Congreso Internacional de Historia Oral foi organizado/promovido pela Universidade de Buenos Aires, pela Rede Latinoamericana de historia oral e pela Asociación de historia oral de la República Argentina, e ocorreu entre 04 e 07 de setembro de 2012. Suas Actas foram publicadas em 2013 e estão disponíveis para download gratuito no link http://www.historiaoralargentina.org/baires2012/attachments/ENCUENTRO_HO_2012_CD.rar.

e preservar as memórias relativas aos espaços, cuidar da estruturação desses espaços e de seu entorno, bem como os modos de vida dos que ali residem ou trabalham e como foram vivendo as transformações sociais sofridas ao longo dos anos.

Há iniciativas de ação no campo do patrimônio industrial em vários lugares de nosso país, tornando-se viável demonstrar suas trajetórias diversificadas e a pluralidade de protagonismo nessas empreitadas, considerando as narrativas e experiências plurais vivenciadas pelos diferentes sujeitos envolvidos. Nessa dimensão, vale ressaltar experiências de políticas públicas relacionadas à utilização de narrativas de ex-trabalhadores em processos de reutilização do espaço fabril em espaço cultural, ou seja, uma ação de preservação do Patrimônio Industrial.

No Brasil, essa reflexão advém dos anos 2000, no Estado de São Paulo, com professores da UNICAMP. Em 2003 houve uma primeira reunião com diversos profissionais estudiosos do patrimônio e da universidade para se pensar no tema, impulsionados pelo Prof. Paulo Fontes (hoje docente da FGV-RJ), que desenvolveu um estudo sobre os trabalhadores da Nitroquímica, na Zona Leste da cidade de São Paulo. A seguir houve o primeiro encontro na UNICAMP, articulado pela professora Cristina Meneguello, com a presença do professor José Lopes Cordeiro, da Universidade do Minho, de Portugal. Naquele encontro criou-se um Comitê Brasileiro para Preservação do Patrimônio Industrial, de discussão sobre Patrimônio Industrial, articulado ao *The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage* – TICCHI.

Ressalto aqui a oportunidade que tive de participar desses diálogos iniciais, que incidiram na fundação do Comitê Provisório (ligado ao TICCHI) pela recuperação do patrimônio industrial no Brasil. Assinei sua Carta Manifesto, de 15 de março de 2003, em São Paulo. O TICCHI é o principal organismo internacional de preservação do patrimônio industrial e articula reuniões em todo o mundo. A carta de São Paulo destaca a importância e demanda de se refletir sobre esta temática em todo país:

Em todas as regiões do Brasil existem exemplos de patrimônio industrial de grande importância histórica, econô-

mica, e social, que precisam ser preservadas [...]. Muitas das fábricas representam diversas fases do desenvolvimento industrial brasileiro e também profundas relações históricas e culturais com as comunidades que as circundam.²⁴

Eis aqui uma iniciativa do poder municipal que aponta uma maneira de reutilização do espaço fabril, desativado, e que, em certa medida, tem conseguido articular o diálogo entre diversos profissionais de áreas como História, Antropologia, Sociologia e Arquitetura em torno da constituição de um espaço de formação e entretenimento que se tornou significativo para a população. Trata-se do Centro Municipal de Educação Adamastor – localizado em Guarulhos, São Paulo. Esse equipamento cultural, de caráter público, representa uma experiência que desenvolveu e assumiu a mudança de uma fábrica têxtil (Adamastor) transformada num centro de cultura.

Essa tecelagem foi importante no desenvolvimento da cidade de Guarulhos: instalou-se em 1946 e funcionou no mesmo local até 1980. Faz parte da história da industrialização paulista com o *boom* industrial brasileiro e se tornou famosa por sua linha fina e de qualidade, na década de 1940. Após a falência, o abandono e o vandalismo, e já deteriorada, os galpões foram ocupados por moradores de rua, dependentes químicos e passou a ser espaço identificado com violência e degradação.

Com a preocupação da preservação patrimonial, a Prefeitura aprovou o projeto de tombamento no ano de 2001, declarando o terreno como de utilidade pública para desapropriação e execução do projeto de recuperação, por meio do Decreto Municipal nº 1.226, de 11 de abril de 2001, iniciando a reforma do edifício e inaugurando-o em seguida, tornando-o um espaço público que abriga teatro, auditório e salas de formação: o Centro Municipal de Educação Adamastor.

Para se conhecer características da obra arquitetônica, eis fragmentos retirados de um informativo da Prefeitura de Guarulhos:

A obra da prefeitura não descaracteriza a imagem histórica e afetiva guardada entre os habitantes da cidade. Apro-

24 *Carta Manifesto* TICCHI, 15 mar. 2003.

pria-se de um ícone das edificações industriais da época que é a chaminé de 50 metros de altura, que, visível a distância, constitui símbolo do conjunto. Com quase 8 mil metros quadrados de construção, o centro educacional e cultural é formado, além do pavilhão industrial, por um edifício novo destinado à administração e a secretarias. O pavilhão, cuja face externa é marcada por colunas em tijolo aparente, tem sua parte central e a chaminé tombadas pelo município. É constituído por três longas águas com duas cabeceiras, que, assim como a chaminé, foram recuperadas.²⁵



Fonte: Fachada do Centro Municipal de Educação Adamastor, Guarulhos – SP.

Em Guarulhos essa ação de valorização do patrimônio cultural local ocorreu na primeira gestão do governo do Partido dos Trabalhadores na cidade, entre os anos de 2001 e 2004. Nas palavras da professora Dra. He-loísa de Faria Cruz, à época Secretária Adjunta de Educação no município:

A restauração da antiga fábrica de casimira Adamastor e sua transformação num equipamento cultural para a cidade ganhou uma grande força simbólica e hoje se constitui num dos principais marcos históricos de identidade urbana para a população de Guarulhos.

25 Sobre projeto arquitetônico de Ruy Ohtake. *Projeto Design*. Disponível em: <http://arcoweb.com.br/arquitetura/ruy-ohtake-centro-cultural-03-05-2004.html>. Acesso em: 26 jun. 2014.

Para conhecer as informações sobre esse espaço, vale observar a descrição da obra, presente no web site da Prefeitura Municipal:

Internamente, a construção recebeu três auditórios para seminários numa das laterais e quatro salas menores para cursos, na outra – em mezanino acima destas fica a biblioteca, aberta ao público. Entre as duas alas situa-se o pátio de convivência, elemento articulador de todo o conjunto. A partir da saída do teatro, a chaminé é visualizada, em toda a sua extensão, graças a uma faixa envidraçada na cobertura do pátio de convivência. O espaço livre em volta da chaminé busca acentuar sua ligação com o centro.²⁶

Afora essa linguagem arquitetônica, eis o que mais nos chama a atenção: há uma Sala de Memória que, com exposição permanente, retrata algumas imagens dos antigos trabalhadores em seus espaços de trabalho, bem como no lazer, e apresenta um documentário, um curta metragem que contém depoimentos recolhidos de pessoas diversas, especialmente antigos trabalhadores, falando a respeito da história da fábrica, da importância desta em suas vidas e sua opinião sobre a mudança de espaço fabril para um espaço público voltado para a cultura. Essa exposição foi elaborada a partir de narrativas de trabalhadores, fotografias que revelam como viviam o cotidiano da fábrica, a relação com chefes e as amizades no local de trabalho.

Tais dimensões estavam presentes nas experiências desses sujeitos, situadas no momento de crescimento do setor industrial, em especial no Estado de São Paulo e na cidade de Guarulhos. A exposição permanente sobre a fábrica e os trabalhadores convive com as muitas atividades educacionais e culturais desenvolvidas no Centro Adamastor. Destaque-se que o Centro, com a estrutura da fábrica e sua chaminé, transformou-se para a população local num marco de memória da cidade.

Fruto de meu envolvimento com o tema do mundo do trabalho e com a metodologia da história oral, participei diretamente do roteiro e produção do documentário “Memórias de Trabalhadores”, que contém narrativas desses sujeitos sobre seu espaço de trabalho, a Fábri-

26 Disponível em: <http://grucultura.guarulhos.sp.gov.br/>. Acesso em: 26 jun. 2014.

ca Adamastor. Importa aqui destacar a participação dos trabalhadores durante o processo de construção do Centro Municipal de Educação Adamastor. A presença deles, expressando suas vivências dentro da fábrica, as utilizações dos espaços, como desempenhavam as funções em cada setor da fábrica, enfim, a realidade do mundo fabril em que viveram, tornou-se conhecida por meio das narrativas de trabalhadores, que as expressaram num momento de transformação da estrutura do prédio, da antiga fábrica para um centro de cultura.

Os trabalhadores, com suas falas, em certa medida, com uma postura afirmativa diante da nova configuração desse mesmo espaço, aceitam essa passagem como uma forma de reafirmar sua História, publicizar suas memórias, como um direito conquistado: o direito da fala, o direito de expor essa fala, de sentirem-se valorizados, de participarem do processo de mudança de local de trabalho para local de produção sim, não produção de fios e tecidos, mas produção de conhecimentos, espaço de formação cidadã e de entretenimento.

Como afirma Maria Letícia M. Ferreira (2009, p. 22), professora na Universidade Federal de Pelotas, há, desse modo, uma inversão de funções e sentidos: o que antes era um lugar de trabalho se transforma num lugar de memória:

A patrimonialização desses espaços confere aos mesmos outros sentidos, deslocando-os daqueles que estão em sua origem. Inseridos em outra ordem, a da memória, e outra estética, a do patrimônio, lugares de trabalho e produção passam, então, a fazer parte de roteiros culturais e de entretenimento.

Não se trata de colocar tais espaços em oposição ou transformação linear entre esse (fábrica) e aquele (centro de cultura). Pensemos o espaço para além da visão normativa e processo administrativo, além do prédio, da arquitetura, mas considerando, inclusive, as vivências subjetivas daqueles que ocuparam e ocupam hoje esses centros, sejam eles trabalhadores, estudantes, donas de casa, jovens ou idosos. Portanto, importa ver o espaço atualmente como plural, como vitalidade e realidade transformada.

É necessário buscar compreender o processo histórico de alteração desses espaços fabris. Alguns pontos básicos são importantes, como o próprio processo de deliberação acerca do espaço, de sua recuperação, de seu tombamento, da restauração de fábricas e de sua recuperação em museus ou centros culturais.

No caso de Guarulhos, houve uma equipe multidisciplinar para a condução desse processo, formada por arquiteta, sociólogo, advogado, historiadora e pedagoga, houve a participação da comunidade a esse respeito e, por meio de reuniões e seminários, os profissionais envolvidos iam executando e decidindo o trato com a arquitetura, o uso de cada parte da fábrica e, além disso, o que seria possível preservar ou não.

A proposta de revitalização do espaço foi levada adiante por uma equipe multidisciplinar. Essa equipe de trabalho considerava no cotidiano os objetivos que foram pensados para a criação dos museus ou centros culturais. Durante a transição do espaço, de antiga fábrica para um centro de cultura, foram envolvidos todos os órgãos municipais como, as secretarias de Educação, de Cultura e de Finanças²⁷.

Nesse processo, os antigos trabalhadores também foram contatados e participaram das mudanças, visitaram os espaços internos da fábrica em obras, explicitando as funções que exerciam. Esses trabalhadores também deixaram suas impressões sobre as transformações do espaço fabril, onde outrora viveram seus dias de labuta e lazer dentro do sistema de produção de fios de algodão e confecção.

É possível refletir sobre a metodologia desse processo de musealização e a presença e participação de antigos trabalhadores que, junto com os técnicos e professores, discutiram a melhor maneira de agir frente às mudanças. Eis fragmentos das narrativas de antigos trabalhadores que participaram da elaboração do documentário feito para a inauguração do espaço do Centro Municipal de Educação Adamastor. A palavra é do Sr. Oscar Giorgetti e de Erotides Lacerda, respectivamente:

27 Franco Mancuso elaborou algumas considerações com sugestões do que precisa ser feito no campo das boas práticas para a ação de profissionais na reestruturação de bens do Patrimônio Industrial. Ver: MANCUSO, Franco. "Progetto e 'buone pratiche'". In: RONCHETTA, Chiara & TRISCIUGLIO, Marco (Orgs.). *Progettare per il patrimonio industriale*. Turim: Celid, p. 154-159, 2008.

Telma Bessa: O senhor pode nos contar sobre seu trabalho na fábrica Adamastor?

Sr. Oscar Giorgetti: Sim, porque entrávamos mocinhos, 12 anos, e ficávamos mais ou menos 30 anos, todos os dias, com as mesmas pessoas, se vendo, e era um tempo diferente, uma vida mais calma [...] hoje você trabalha, não sabe a vida de ninguém, não dá nem pra conhecer a pessoa bem. Mas foi muito bom, a gente tem contato até hoje.

Telma Bessa: A senhora poderia nos contar sobre seu trabalho na fábrica?

Sra. Erotides Lacerda: o que mais me chamava atenção era a chaminé que era muito bonita, e o apito que na hora do almoço, de manhã, fazia aquele barulho, tipo uma sirene, avisando da entrada dos funcionários do horário. No horário do almoço também tinha a sirene que avisava do horário de saída e da volta e a tarde também. Aliás aquilo era um relógio até pra cidade, quando tocava o apito, as pessoas até distante, diziam: olha, é tal hora a sirene da Adamastor já apitou [...]. Hoje com essa construção vai continuar produzindo, não mais tecidos, mas conhecimento.²⁸

Após mais de dez anos da inauguração desse centro de cultura, constatamos a importância dessa mudança para a população, em especial para os antigos trabalhadores e suas famílias, que após a inauguração eram quem frequentava, que se reconheciam, e que assistiam ao documentário e comentavam sobre as falas, as filmagens.

Pensar nesse processo implica refletir sobre as demandas, as possibilidades de se ter muitos espaços culturais com essa marca, com a fala e os sujeitos sociais como parte constitutiva dos processos patrimoniais. No entanto, há no Brasil iniciativas ainda tímidas e incipientes no campo das políticas públicas – escassas – nos âmbitos federal estadual e municipal, ou ainda, há uma ausência de projetos para a utilização de espaços industriais desativados.

Sobre os espaços urbanos, as cidades e o patrimônio industrial, importa conhecer as relações existentes, a “passagem” ou transformação de antigas fábricas para se constituírem em centros de cultura. Pensan-

28 Entrevistas realizadas por mim, no espaço da antiga fábrica Adamastor, na cidade de Guarulhos, em 2003.

do de forma ampla, esse assunto nos remete a um cenário bem mais abrangente, onde o local, o regional ou mesmo o curso da história nacional e universal, se entrecruzam, revelando o entrelaçamento da micro e da macro história.

Nessa perspectiva, o conhecimento histórico é seletivo-provisório e está em permanente construção com novos documentos, com novos olhares. Os conceitos devem estar abertos ao diálogo com as determinações objetivas e concretas das evidências. Importante lembrar aqui as reflexões de Raymond Williams (1979, p. 17) ao discorrer sobre a cultura, no sentido de orientar que “os conceitos que participamos, não são conceitos, mas problemas, movimentos históricos ainda não definidos”.

Essa discussão é articulada à reflexão sobre o patrimônio como assinala Cristina Meneguello (2011, p. 1819), da UNICAMP: “O tema patrimônio industrial está inscrito como um campo de pesquisa e atuação que atinge, simultaneamente, a memória do trabalho, o estabelecimento e proteção de acervos e a presença das edificações industriais na trama urbana”.

Outra experiência em destaque neste artigo é um trabalho de recuperação de espaço produtivo, com a presença de trabalhadores que, no dia a dia, constituem a equipe que desenvolve o trabalho de recuperação de uma antiga moagem para ser um museu, na cidade de Tomar, em Portugal, coordenado pela professora Graça Filipe²⁹.

Com simpatia e alegre receptividade na ocasião de uma entrevista temática que realizei, essa professora, que leciona na Universidade Nova de Lisboa (UNL), estudiosa do campo da inovação na museologia contemporânea, patrimonialização e museus em cenários de desindus-

29 No estágio pós-doutoral em Portugal, junto ao Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades – CIDEHUS, na linha Patrimônio e Diversidade Cultural, na Universidade de Évora, foi possível conhecer o trabalho da referida professora e sua equipe, no desenvolvimento do projeto sobre a Levada de Tomar. É um projeto da Prefeitura Municipal de Tomar, Portugal e trata da recuperação dos antigos “Lagares e Moinhos da Ribeira da Vila” e da Moagem Austro-Húngara. Cf. Musealização da Levada de Tomar: subsídios para a conservação do patrimônio industrial da moagem A Portuguesa Cláudia Sofia Petulante Duarte. Cf. site da Associação Portuguesa de Arqueologia Industrial. Disponível em: <http://apaiassociacao.wix.com/apai#!levada-tomar.jpg/>.

trialização, desenvolve uma narrativa sobre sua trajetória e experiências no campo do Patrimônio.

Assim, ela fala sobre seu desafiante trabalho: “estou de novo, enfim, com as mãos na massa, tentando inventar algo de diferente, com suas fragilidades no sentido de ter mais riscos também, por ser mais dinâmico e social”. Na verdade, essa narrativa poderia se reportar a qualquer assunto e a imaginação poderia nos levar a diversas possibilidades de temas recorrentes a palavras como ‘mãos na massa’, ‘fragilidades e riscos’, ‘dinamismo social’. No entanto, chamo atenção para a riqueza, profundidade e segurança expressas de forma simples e direta, que pode instigar ainda mais a nossa interpretação. Essa frase diz respeito ao tema dos espaços industriais recriados para se tornarem equipamentos culturais de qualidade para a população e ela se refere à Levada de Tomar, eis a imagem:³⁰

Figura 13 - O edifício mais alto é a Moagem Austro-Húngara, no qual toda a maquinaria encontra-se repartida pelos seus diversos pisos.



Fonte: Foto de Helga Matos.

30 Durante o estágio realizei entrevistas com diversos professores inclusive a Profa. Graça Filipe da UNINOVA em Lisboa. Para informações sobre o estágio ver o blog no link <http://www.outrahistoriaspatrimonioindustrial.blogspot.com>.

No trabalho com memórias e oralidade é necessário evitar uma fala descontextualizada, desligada de seu autor e desvinculada de seu ambiente e propósitos. Para ser compreendida, uma narrativa não deve estar descolada de seu autor, de como foi narrada, onde foi narrada, de seu estado de humor, etc. No contato com essa narradora torna-se evidente sua larga experiência relacionada aos museus recriados considerando os contextos sociais, trata-se de uma realidade concreta para essa profissional.

Ela desenvolve um trabalho na cidade de Tomar, relacionado com patrimônio técnico industrial e reabilitação urbana. Para essa professora, trabalhar em projetos interativos é mais estimulante, e nesse contexto da ação patrimonial e das dinâmicas territoriais, ela afirma ainda outra experiência em que trabalhou, chamada Ecomuseu e assinala: “perceber também dinâmicas da industrialização e desindustrialização eram e são, marcantes em termos sociais, econômicos, culturais”³¹.

Vale considerar que as investigações históricas com as temáticas do patrimônio industrial são largamente desenvolvidas em Portugal. Além dos conceitos, as discussões e práticas profissionais no campo do Patrimônio, tanto do ponto de vista da reflexão teórica, como na dimensão da Museologia nacional, estão cada vez mais intensas em terras portuguesas, como aponta o professor José Amado Mendes, de Coimbra (2012, p 03):

Em Portugal existem vários exemplos de reutilização de antigas instalações industriais ou de equipamentos colectivos, para finalidades diversas, embora com destaque para a museologia. Em numerosos casos os museus, instalados em estruturas industriais ou afins, desactivadas, in-

31 A professora Graça Filipe é uma das expoentes no estudo sobre Ecomuseu. Na cidade de Seixal há experiência de Ecomuseu. Há um núcleo Sede no mesmo edifício de uma das escolas de ensino básico do concelho, que ocupa um espaço que progressivamente tem vindo a ser adaptado às funções expositivas e de serviços técnicos e administrativos do Ecomuseu. Nele estão instalados os serviços centrais do Ecomuseu (Serviço Administrativo; Direção; Museografia; Centro de Documentação e Informação e Serviço Educativo). O Núcleo Sede integra ainda uma área de exposição permanente - O Território, O Homem, A História – que interpreta aspectos da ocupação humana do território que atualmente corresponde ao Município do Seixal e da história local. Núcleo do Moinho de Maré de Corroios – Aberto ao público em 1986, resulta da musealização de espaço de trabalho e produção (Imóvel Classificado de Interesse Público), que inclui o seu equipamento, em estado de funcionamento (moagem artesanal de trigo, milho e centeio).

tegram-se no mesmo ramo das antigas funções, pelo que a questão da memória e do patrimônio são desse modo reforçados. Noutros casos, as instalações foram adaptadas a novas funções, desligadas da actividade outrora exercida, pelo que só aquelas invocam o seu passado e a sua história.³²

A partir da década de 1980, fruto do reconhecimento da importância do Patrimônio Industrial em Portugal, foram fundadas as primeiras associações que tiveram um papel importante na defesa e no estudo desse patrimônio. Destaca-se o papel da Associação de Arqueologia Industrial da Região de Lisboa, fundada em 1980, e que mais tarde deu origem à APAI – Associação Portuguesa de Arqueologia Industrial³³, e da APOREM – Associação Portuguesa de Empresas com Museus, fundada em 1992, com o objetivo de preservar o patrimônio e a memória passada das empresas e apresentá-las em espaços museológicos abertos à comunidade.

Essas associações tiveram uma importante ação na divulgação do Patrimônio Industrial e Empresarial e na sensibilização das empresas e das Câmaras Municipais para a necessidade de preservar esse tipo de patrimônio, impulsionando, conseqüentemente, a criação de novos museus ou núcleos museológicos.

No Brasil, continuamos a refletir sobre essa temática, buscando a divulgação para que esse debate rompa fronteiras e esteja presente no cotidiano de entidades e instituições além do centro sul do país, na compreensão que essas reflexões sejam interdisciplinares.

As atividades e os programas oferecidos pelos atuais centros culturais citados e visitados são voltados para o entretenimento, bem como para a formação cidadã da população, com teor histórico-social, como apontam alguns documentos e narrativas.

32 Estas reflexões foram debatidas durante o estágio pós-doutoral e para melhor compreensão há artigos de diversos estudiosos, como José Amado Mendes, José Lopes Cordeiro, Jorge Custódio, Maria da Luz Sampaio, Graça Felipe e Ana Cardoso de Matos, entre outros.

33 Para além desta foram criadas outras associações como a APPI – Associação Portuguesa para o Patrimônio Industrial.

Finalizo esta reflexão no sentido de divulgar e convidar a todos a pensar na temática do patrimônio industrial, reconhecendo que essa discussão no Brasil é bastante nova:

[...] a identificação do patrimônio industrial, ainda que recente num país como o Brasil, vem se transformando num “dever de memória”, o que se explica, em parte, pelo esvaziamento e eliminação desses vestígios de atividades que movimentaram e impulsionaram o país, tais como o sistema ferroviário, portuário, etc. Entretanto, é fundamental entender que esses elementos de origem material não se dissociam daqueles de caráter imaterial. Assim pessoas e máquinas, saberes e fazeres se entrecruzam e disso deriva, talvez, uma outra possibilidade patrimonial (Ferreira, 2009, p. 22).

Referências

- FERREIRA, Maria Letícia M. Patrimônio industrial: lugares de trabalho, lugares de memória. **Revista Museologia e Patrimônio**, v. II, jan./jun. 2009, p. 22.
- KHOURY, Yara Aun. Narrativas orais na investigação da História Social. **Projeto História**, São Paulo, PUC-SP, n. 22, 2001.
- MENDES, Amado José. In: **Ubimuseum**, Lisboa, n. 1, 2012.
- MENEGUELLO, Cristina. Patrimônio industrial como tema de pesquisa. Anais do I **Seminário Internacional História do Tempo Presente**. Florianópolis: ANPUH-SC, 2011, p. 1819. Publicação eletrônica. Disponível em: <http://eventos.udesc.br/ocs/index.php/STPII/stpi/paper/view/313>.
- PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de. Apresentação. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de. (Orgs.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.
- PORTELLI, Alessandro. Entrevista: história oral e memórias. **Revista História e Perspectivas**, Uberlândia, EdUFU, n. 25/ 26, 2001/ 2002.
- WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.



Viver Portugal além dos muros acadêmicos: uma experiência transformadora³⁴

O presente texto vem reafirmar a vitalidade das reflexões sobre patrimônio, buscando intensificar a perspectiva de um “necessário e renovado debate: contínuo, coletivo e multidisciplinar”, como interpe-la esta Revista em sua apresentação. Propõe, assim, discutir aspectos sobre o patrimônio industrial e algumas experiências vivenciadas pela autora em estágio de pós-doutorado, realizado na Universidade de Évora, Portugal, em 2015³⁵.

Os caminhos percorridos no tempo do pós-doutorado seguiram-se por congressos, colóquios e seminários, na busca por ampliar a visão no que se refere às temáticas da industrialização e aprofundar conhecimentos sobre os conceitos de patrimônio industrial com uma melhor aprendizagem e qualificação profissional.

34 Publicado originalmente em: <https://revistarestauro.com.br/viver-portugal-alem-dos-muros-academicos-uma-experiencia-transformadora/>.

35 O estágio pós-doutoral foi realizado em Portugal, com apoio da CAPES, junto ao Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades, na linha Patrimônio e Diversidade Cultural – CIDEHUS, na Universidade de Évora, o que implicou o diálogo com estudiosos do patrimônio dentro e fora do Brasil. Assim, a experiência de estágio foi ancorada na inserção em eventos acadêmicos e culturais, na convivência com estudiosos do tema patrimônio industrial, na elaboração e manutenção do *Blog* “Patrimônio Industrial: entre farelos, sapatos e tecidos” (outrashistoriaspatrimonioindustrial.blogspot.com.br), bem como na realização de entrevistas com profissionais portugueses e brasileiros que tratam deste assunto, publicadas pelas Edições UVA, Sobral, 2018, com o título “Conversando sobre patrimônio Industrial: palavras, espaços e imagens”.

Conviver com professores como o Prof. Dr. José Amado Mendes (Universidade Autónoma de Lisboa); o Prof. Dr. Jorge Custódio (atual presidente da Associação Portuguesa de Arqueologia Industrial – APAI); o Prof. Dr. Manuel Lopes Cordeiro (Universidade do Minho), pioneiros no estudo do Patrimônio Industrial em Portugal, apresentou uma multiplicidade de ações das instituições sociais e universidades no trato com a educação patrimonial envolvendo profissionais das áreas de História, Arquitetura, Patrimônio e Arqueologia Industrial que, cotidianamente, constroem um conhecimento interdisciplinar.

É importante destacar que o diálogo profícuo entre profissionais do Brasil e de Portugal tem se desenvolvido há alguns anos em eventos internacionais e atividades acadêmicas em ambos os países, dentre elas, orientações conjuntas de teses de Doutorado e dissertações de Mestrado, o que nos motiva ao contínuo aperfeiçoamento e ao constante avanço em nossas linhas de pesquisas e estudos.

Considerando estas reflexões, destacamos que o termo patrimônio industrial é sugestivo e, inevitavelmente, aborda questões relacionadas às memórias e histórias do trabalho e seus desdobramentos temáticos. Quanta riqueza e amplitude há nestas duas palavras, cheias de sentidos e significados para alguns e tão vazias e enigmáticas para outros. De início, poderíamos indagar sobre os significados do Patrimônio Industrial na atualidade, sobre quais as questões atuais que constituem o estudo deste tema, incluindo as experiências relacionadas à transformação de espaços de trabalho em espaços de entretenimento, cultura e lazer, ou seja, a revitalização ou reutilização de antigos espaços fabris, por vezes em ruínas, adaptando-os para diferentes usos.

Logo percebemos que esse assunto tem a ver com o mundo do trabalho, com as fábricas e empresas, seus trabalhadores e patrões. Inclui o próprio espaço industrial com as suas máquinas de produção em funcionamento ou em ruínas. Inclui, também, o saber-fazer dos trabalhadores e suas funções no chão da fábrica. Vale considerar, ainda, os modos de vida daqueles que habitam os arredores da fábrica e são marcados pelos ritmos e pela organização do trabalho fabril.

Sabemos que a discussão do patrimônio industrial está articulada à reflexão sobre o patrimônio cultural de uma forma geral, como assinala Meneguello (2011, p. 1819):

O tema patrimônio industrial está inscrito como um campo de pesquisa e atuação que atinge, simultaneamente, a memória do trabalho, o estabelecimento e proteção de acervos e a presença das edificações industriais na trama urbana.

O patrimônio industrial está ligado também às experiências de trabalhadores, suas histórias e memórias, inclusive em espaços fabris já com atividades encerradas. A partir deste entendimento foi realizada, em 15 de março de 2003, na cidade de São Paulo, uma primeira reunião para se pensar neste tema, agrupando diversos profissionais da área do patrimônio e professores da Unicamp, impulsionados pelo Prof. Paulo Fontes³⁶.

No ano seguinte, foi realizado o I Encontro Nacional sobre Patrimônio Industrial, na cidade de Campinas, com a presença do Prof. José Lopes Cordeiro, da Universidade do Minho, Portugal. Neste encontro, foi oficializado o Comitê Brasileiro de Preservação do Patrimônio Industrial, articulado ao The International Committee for the Conservation of Industrial Heritage (TICCIH). Essa organização nacional (TICCIH-Brasil) possui grande importância, pois contribuiu para impulsionar a interlocução entre discussões e iniciativas envolvendo o estudo do patrimônio industrial, valorizando, fomentando e apoiando as lutas identitárias e preservacionistas. Eis um fragmento do texto de lançamento do Comitê:

A ideia de criação desse Comitê surgiu em discussões informais de profissionais das áreas de História, Sociologia, Arquitetura e outras, sobre fatos concretos de destruição / deterioração que vem ocorrendo no país, dada a velocidade das transformações que vêm atingindo o nosso parque industrial... Em todas as regiões do Brasil existem

36 A autora deste artigo participou desta reunião, ainda cursando o doutorado na PUC-SP, sob a orientação da Profa. Heloísa de Faria Cruz. O professor Paulo Fontes atualmente é professor da FGV Rio de Janeiro.

exemplos de patrimônio industrial, de grande importância histórica, econômica, tecnológica e social, que precisam ser preservados³⁷.

No Brasil, essa discussão vem sendo realizada por alguns estudiosos desta temática como a Profa. Cristina Meneguello, da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP); o Prof. Paulo Fontes, do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CP-DOC, Fundação Getúlio Vargas, FGV-RJ); a Profa. Beatriz Mugayar Kühl, da Universidade de São Paulo (USP); a Profa. Manoela Rufinoni, da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP); o Prof. Ronaldo Rodrigues, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG); a Profa. Ana Paula Bitencourt, do IPHAN de Pernambuco; a Profa. Maria Leticia M. Ferreira, da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), entre outros, além do envolvimento do IPHAN em vários municípios.

Diversos professores fazem essa reflexão nas salas de aula e fora delas, realizam estudos sobre o patrimônio industrial e acompanham as mudanças ocorridas nas discussões sobre o patrimônio de uma forma geral, articuladas a um aprofundamento dos estudos nos campos da Arqueologia e da História, bem como do próprio patrimônio no Brasil e no mundo. Cito, neste sentido, dois trabalhos da Profa. Meneguello, nos quais a autora expressa sua preocupação com a temática do patrimônio industrial: o artigo “Patrimônio Industrial como tema de pesquisa”, publicado nos Anais do I Seminário Internacional de História do Tempo Presente, evento sediado em Florianópolis, em 2011; e o texto “O coração da cidade: observações sobre a preservação dos centros históricos”, publicado na Revista do IPHAN, em 2005.

No período de estágio realizado em Portugal, tema central do presente texto, foi possível conhecer as trajetórias dos profissionais supracitados por meio da metodologia da história oral. Nesta perspectiva, os estudos e entrevistas realizadas em Portugal e no Brasil significaram mais uma ponte na busca de diálogo entre estes dois países, com pesquisadores que atuam na área de patrimônio industrial.

37 Disponível em <http://outrashistoriaspatrimonioindustrial.blogspot.com.br/2015/> Acesso em: 31 jul. 2018.

O debate é intenso, no entanto, ainda temos muito a caminhar no Brasil. Como assinala Kühl, de um lado temos o aumento de seminários e de congressos sobre patrimônio industrial; de outro lado, porém, observamos a ausência de análises aprofundadas sobre conceitos e metodologias, assim como de debates que impulsionem uma visão crítica do processo de industrialização brasileira.

É necessário que questões de método sejam retomadas, para permitir essa articulação e para estabelecer linhas temáticas que permitam indagações que aprofundem tanto aspectos específicos da questão (arquitetura ferroviária, por exemplo), quanto análises mais abrangentes, que aprofundem a compreensão do processo de industrialização (2010, p. 6).

Em Portugal, além das questões conceituais, as discussões e práticas profissionais no campo do patrimônio industrial estão cada vez mais intensas, tanto do ponto de vista da reflexão teórica como na dimensão da museologia nacional, conforme afirma Mendes:

Em Portugal, existem vários exemplos de reutilização de antigas instalações industriais ou de equipamentos colectivos, para finalidades diversas, embora com destaque para a museologia. Em numerosos casos, os museus instalados em estruturas industriais ou afins, desactivadas, integram-se no mesmo ramo das antigas funções, pelo que a questão da memória e do património são desse modo reforçados. Noutros casos, as instalações foram adaptadas a novas funções, desligadas da actividade outrora exercida, pelo que só aquelas invocam o seu passado e a sua história (2012, p. 3).

Durante o estágio pós-doutoral na Universidade de Évora, além de conviver com profissionais do patrimônio industrial, participar de congressos, seminários e encontros, foi possível, ainda, conhecer algumas experiências de recuperação de fábricas desativadas, nas quais observamos a atribuição de vários sentidos aos antigos espaços, que passaram a abrigar novas funções, como atividades educacionais ou

de formação cidadã. Referimo-nos, em especial, ao Museu do Trabalho Michel Giacometti, em Setúbal, Portugal³⁸.

Esta experiência é uma das mais conhecidas e visitadas de Portugal. O museu municipal foi criado em 1987 e renovado em 1995, ocupando uma antiga fábrica de conservas de peixe. A instituição dedica-se, predominantemente, ao patrimônio industrial e aos ofícios urbanos ligados ao comércio e aos serviços, assim como às antigas fábricas de conserva e litografias sediadas em Setúbal. Possui, ainda, a coleção de alfaías agrícolas e de ofícios tradicionais. O antigo edifício fabril é constituído por cinco andares e está integrado a um antigo bairro de pescadores, de salineiros e de operárias conserveiras que trabalhavam na antiga fábrica Perienes. Conhecido por todos por contemplar uma pesquisa etnográfica realizada nos anos de 1980 pelo músico Michel Giacometti, o museu revela um cuidadoso trabalho de coleta de objetos, canções e relatos das vivências de portugueses em diversas aldeias do país, num total de seiscentas freguesias portuguesas.

Além do processo de musealização – que contou com tombamento (classificação), preservação e projeto museológico –, o que se destaca neste espaço é exatamente a metodologia que o compôs. Foram elaboradas orientações pedagógicas e um Plano de Trabalho e Cultura, além do aproveitamento da pesquisa etnográfica feita pelo músico Giacometti, entre as décadas de 1970 e 1980.

No contexto do processo revolucionário de 25 de abril de 1974, a pesquisa de Giacometti envolveu cento e vinte quatro alunos do Serviço Cívico Estudantil que visitaram aldeias portuguesas e recolheram documentos, objetos e narrativas dos agricultores com o intuito de conhecer e registrar os modos de vida e as lutas do povo. Este museu, criado e mantido pela Prefeitura de Setúbal, conta hoje com mais de mil peças recolhidas e organizadas numa reserva técnica visitável, expressando que este valoroso trabalho envolveu os estudantes e as comunidades das aldeias, numa integração de diálogo e aprendizagem. O fruto da investigação exige um trabalho permanente de conservação.

38 <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/museus-e-monumentos/rede-portuguesa/m/museu-do-trabalho-michel-giacometti/> Acesso em: 31 jul. 2018.

A metodologia do trabalho museológico busca explicitar a realidade e o contexto do entorno e a dinâmica das funções dentro da própria fábrica. Ou seja, dentro do espaço da antiga fábrica há exposições divididas em temas, locais com painéis, réplicas de máquinas e de trabalhadores. Há, ainda, painéis que explicitam a própria organicidade do Museu, divulgando o mundo fabril a partir de uma interação com o visitante: espaço do trato do peixe, o local de tirar da salmoura, de tirar as cabeças das sardinhas, de encaixar e enlatar. Enfim, é um trabalho minucioso.

Também no Brasil sabemos que há iniciativas de ação no campo do patrimônio industrial em vários lugares. Importa considerar as trajetórias diversificadas, a pluralidade de protagonismo nessas empreitadas, bem como os diferentes processos de discussão acerca da reutilização dos espaços fabris. Nesta dimensão, vale ressaltar uma experiência de política pública relacionada a um processo de reutilização do espaço fabril como espaço cultural, ou seja, uma ação de preservação do patrimônio industrial em que houve a opção pela utilização de narrativas de antigos trabalhadores sobre o próprio processo de transformação do espaço fabril em espaço cultural. Destacamos, neste sentido, o Centro Municipal de Educação Adamastor, localizado na cidade de Guarulhos, Estado de São Paulo, vinculado à Secretaria de Educação, Cultura, Esporte e Lazer de Guarulhos³⁹.

Essa iniciativa do poder municipal apontou para um processo de reutilização do espaço fabril desativado que, em certa medida, tem conseguido articular o diálogo entre diversos profissionais de áreas como História, Antropologia, Sociologia e Arquitetura, em torno da constituição de um espaço de formação e entretenimento que se tornou significativo para a população. Este espaço foi uma fábrica têxtil importante no desenvolvimento da cidade de Guarulhos, que funcionou no mesmo local entre 1946 e 1980 e se tornou famosa, sobretudo na década de 1940, por sua linha de produtos finos e de qualidade. Faz parte, portanto, da história da industrialização paulista, acompanhando o 'boom' industrial brasileiro.

39 <http://grucultura.guarulhos.sp.gov.br/espaco/13241/>. Acesso em: 31 jul. 2018.

Diante da preocupação com a preservação patrimonial, a Prefeitura Municipal de Guarulhos aprovou o tombamento das antigas instalações fabris no ano 2000, por meio do decreto nº 21.443/2000 e, no ano seguinte, declarou o terreno de utilidade pública e a desapropriação do edifício, com base no Decreto n. 21.226 de 11 de abril de 2001, com o objetivo de iniciar o projeto de recuperação e a instalação do Centro Municipal de Educação Adamastor, um espaço público com teatro, auditório e salas de formação. Eis as características da obra arquitetônica, retiradas de um informativo da Prefeitura de Guarulhos:

A obra da prefeitura não descaracteriza a imagem histórica e afetiva guardada entre os habitantes da cidade. Apropriou-se de um ícone das edificações industriais da época que é a chaminé de 50 metros de altura, que, visível à distância, constitui símbolo do conjunto. Com quase 8 mil metros quadrados de construção, o centro educacional e cultural é formado, além do pavilhão industrial, por um edifício novo destinado à administração e a secretarias. O pavilhão, cuja face externa é marcada por colunas em tijolo aparente, tem sua parte central e a chaminé tombadas pelo município. É constituído por três longas águas com duas cabeceiras, que, assim como a chaminé, foram recuperadas⁴⁰.

Além da linguagem arquitetônica, eis o que nos chama atenção: o Centro Adamastor possui uma *Sala de Memória* que, com exposição permanente, retrata algumas imagens dos antigos trabalhadores em seus espaços de trabalho, bem como no lazer. Além disso, apresenta um documentário, no formato de um curta metragem, que contém depoimentos recolhidos de pessoas diversas, especialmente antigos trabalhadores, a respeito da história da fábrica, da importância desta nas suas vidas e a opinião destes sobre a mudança de espaço fabril para um espaço público voltado para a cultura. Essa exposição foi elaborada a partir de narrativas de trabalhadores, fotografias que revelam como

40 Sobre o projeto arquitetônico de Ruy Ohtake, consultar: Ruy Ohtake: Centro Municipal de Educação Adamastor, Guarulhos, SP: convergência entre o antigo e o contemporâneo. *Revisita Projeto Design*, edição 290. Disponível em: <http://arcoweb.com.br/arquitetura/ruy-ohtake-centro-cultural-03-05-2004.html>. Acesso em: 26 jun. 2014.

viviam o cotidiano da fábrica, a relação com os chefes e as amigadas no local de trabalho.

Tais dimensões estavam presentes nas experiências dos trabalhadores, situadas no momento de crescimento do setor industrial, em especial, no Estado de São Paulo e na cidade de Guarulhos. A exposição permanente sobre a fábrica e os trabalhadores convive com as muitas atividades educacionais e culturais desenvolvidas no Centro Adamastor. Com a estrutura da fábrica e a permanência da chaminé, o Centro transformou-se num marco de memória para a população da cidade.

Fruto do envolvimento com o tema do mundo do trabalho e com a metodologia da história oral, a autora deste artigo participou da produção do documentário: "Memórias de Trabalhadores", exibido na sala de memória e que contém narrativas de antigos operários sobre o espaço de trabalho. A participação dos trabalhadores durante o processo de construção do Centro Adamastor – expressando as vivências dentro da fábrica, as utilizações dos espaços envoltórios e o modo como desempenhavam as funções em cada setor de produção – foi, portanto, fundamental. Enfim, a realidade do mundo fabril tornou-se conhecida por meio das narrativas de trabalhadores, que as expressaram num momento de transformação da estrutura do prédio da antiga fábrica em centro de cultura.

No caso de Guarulhos, foi formada uma equipe multidisciplinar para a condução deste processo (arquiteta, sociólogo, advogado, historiadora e pedagoga), e também houve a participação da comunidade e dos profissionais que trabalharam na transição de um espaço fabril para equipamento cultural. Por meio de reuniões e seminários, os profissionais envolvidos iam executando e decidindo o trato com a arquitetura, o uso de cada parte da fábrica e, além disso, o que seria possível preservar ou não.

É importante refletirmos, portanto, sobre a metodologia deste processo e a presença e participação de antigos trabalhadores deste espaço que, junto com os técnicos e professores, discutiram a melhor maneira de agir frente às mudanças. Eis fragmentos das narrativas de antigos trabalhadores que participaram da elaboração do documen-

tário feito para a inauguração do espaço do Centro de Educação. A palavra é da Sra. Erotides Lacerda e do Sr. Oscar Giorgetti:

Telma Bessa: A senhora poderia nos contar sobre seu trabalho na fábrica Adamastor?

Erotides Lacerda: o que mais me chamava atenção era a chaminé, que era muito bonita, e o apito que na hora do almoço, de manhã, fazia aquele barulho, tipo uma sirene, avisando da entrada dos funcionários do horário. No horário do almoço, também tinha a sirene que avisava do horário de saída e da volta e à tarde também. Aliás, aquilo era um relógio até pra cidade, quando tocava o apito, as pessoas até distante, diziam: olha, é tal hora a sirene da Adamastor já apitou... Hoje, com essa construção, vai continuar produzindo, não mais tecidos, mas conhecimento.

Telma Bessa: O senhor poderia nos contar sobre seu trabalho na fábrica?

Sr. Oscar Giorgetti: Entrávamos mocinhos, 12 anos, e ficávamos mais ou menos 30 anos, todos os dias, com as mesmas pessoas, se vendo, e era um tempo diferente, uma vida mais calma, hoje você trabalha, não sabe a vida de ninguém, não dá nem pra conhecer a pessoa bem. Mas foi muito bom, a gente tem contato até hoje⁴¹.

Após mais de dez anos da inauguração deste centro de cultura, constatamos a importância desta mudança para a população, em especial, para os antigos trabalhadores e suas famílias, que após a inauguração eram os que mais frequentavam e se reconheciam no novo espaço. Essas e demais narrativas são importantes para se compreender as subjetividades, as experiências dos sujeitos investigados, conhecer as histórias, as vivências, os conflitos, enfim, não 'perder o fio da meada' de nenhuma dessas intervenções humanas nos espaços fabris e culturais.

41 Entrevistas realizadas por Telma Bessa, no espaço da antiga fábrica Adamastor, Guarulhos, em 2003. Para mais detalhes sobre este projeto, consultar SALES, Telma Bessa. Conversando sobre patrimônio industrial. *SÆCULUM: REVISTA DE HISTÓRIA*, n.35, João Pessoa, p. 61-76, jul./dez. 2016.

Os pensamentos aqui apresentados podem ser provisórios ou consideram apenas certa temporalidade, mas trazem interessantes e importantes ideias e ideais. Conhecemos, assim, algumas narrativas de estudiosos sobre o tema do patrimônio industrial e sobre antigas fábricas que foram transformadas, recuperadas e reutilizadas de formas diferentes, em Guarulhos (Brasil) e em Setúbal (Portugal).

A constituição do patrimônio industrial, não esqueçamos, está inserida em discussões teóricas e práticas, implicando muitas lutas. E, nada melhor que o diálogo e o embate das ideias e a problematização do próprio conceito de patrimônio industrial para se compreender melhor as políticas de preservação do mesmo, a ausência de iniciativas neste segmento social, bem como as formas de acesso e de participação da população na gestão deste patrimônio cultural.

Referências

KÜHL, Beatriz Mugayar. Problemas teórico-metodológicos de preservação do Patrimônio Industrial. *In: Seminário de Pesquisa Patrimônio: um debate multidisciplinar*. São Paulo: FAU-Maranhão, 25 de maio de 2010.

MENDES, Amado. *Revista Ubimuseum*, n. 01, 2012.

MENEGUELLO, Cristina. Patrimônio industrial como tema de pesquisa. *Anais do I Seminário Internacional História do Tempo Presente*. Florianópolis: ANPUH -SC, 2011, v.1, p. 1819-1834, 2011.

MENEGUELLO, Cristina. O coração da cidade: observações sobre a preservação dos centros históricos. Patrimônio: *Revista Eletrônica do IPHAN*, nov.-dez., 2005.



Patrimônio industrial: palavras, imagens e práticas⁴²

Se ouvirmos e mantivermos flexível nossa pauta de trabalho, a fim de incluir não só aquilo que acreditamos querer ouvir, mas também o que a outra pessoa considera importante dizer, nossas descobertas sempre vão superar nossas expectativas (Portelli, 1997, p. 22).

A ideia central para a elaboração deste artigo refere-se à experiência da realização de uma pesquisa no ano de 2015, a partir de estágio na Universidade de Évora (pós-doutoramento), em diálogo com estudiosos no Brasil e em Portugal. Estes possuem uma longa caminhada nos estudos sobre os mundos do trabalho e dedicam-se ao tema patrimônio industrial, dentro e fora dos muros acadêmicos.

Uma das riquezas em realizar intercâmbios e participar de eventos nacionais ou internacionais é ampliar a visão sobre as culturas, as experiências acadêmicas, conhecer estudiosos valorosos e gente que se dedica a pesquisas com temáticas afins. Isso ocorreu durante todo o ano em que participei de variadas iniciativas a respeito do patrimônio industrial, dentro e fora da universidade, além das fronteiras de Lisboa.

É pertinente hoje uma reflexão sobre as concepções da categoria *patrimônio industrial*. De que formas são abordadas as discussões so-

42 Originalmente publicado em *Revista Historiar*, v. 07, n. 13, p. 80-101, Ano 2015.

bre patrimônio industrial e quem são seus expoentes, quais os estudiosos portugueses e brasileiros que se dedicam a esta temática e em quais projetos patrimoniais estão envolvidos.

O estágio pós doutoral em Évora contribuiu enormemente para a ampliação da compreensão do que seja patrimônio industrial, categoria pouco aprofundada no Brasil, no Nordeste também e, mesmo que já tenhamos uma reflexão sobre o mundo do trabalho, por exemplo, ainda são incipientes estes estudos na universidade em que leciono.

Dentro da Universidade de Évora e no Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades da Universidade de Évora (CIDEHUS) vivi uma experiência que criou condições para o diálogo interdisciplinar, para a troca de informações e para a integração dos investigadores que a compõem. A temática do patrimônio industrial está vinculada à Linha 2 (Patrimônio e Diversidade Cultural) do CIDEHUS, que procura desenvolver a reflexão teórica através de interdisciplinaridade, abordagem comparada e história aplicada, acerca do Patrimônio Cultural. Também contribui para preservar, difundir e potencializar os valores patrimoniais demonstrativos da diversidade cultural do Sul que, mais do que um espaço geográfico, é um espaço simbólico. Produzir conhecimento, potenciar projetos, promover a cooperação, contribuir para a disseminação de resultados, transferir conhecimento são alguns dos objetivos do CIDEHUS.

Neste aspecto, a estadia em Portugal abriu um campo de possibilidades concretas de convivência e realização de entrevistas com estudiosos do tema do patrimônio industrial em diversas universidades como: o Instituto de História Contemporânea, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa (UNINOVA), Universidade do Minho (UNIMINHO), Universidade Autónoma de Lisboa (UNIAL), Universidade de ÉvORA. Também entrevistei profissionais da Biblioteca Nacional de Lisboa e do Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL). Vale destacar que este artigo faz parte do Relatório enviado à Capes, apoiadora do estágio, em elaborações junto a Ana Cardoso de Matos, supervisora do referido estágio.

No Brasil, esta discussão vem sendo realizada por alguns estudiosos, na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Fundação Getúlio Vargas (CPDOC- FGV-RJ), Universidade de São Paulo (USP), Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) e Universidade Federal do RS (Pelotas – Maria Leticia Z. Ferreira).

Como constatamos, diversos professores fazem esta reflexão nas salas de aula e fora delas e nesta perspectiva as entrevistas realizadas em Portugal e no Brasil significam mais uma ponte em busca de diálogo entre estes dois países com profissionais que atuam na área de patrimônio Industrial.

Narrativas

Como se pode ver na epígrafe do texto, na prática do ouvir e falar durante uma entrevista, nossas descobertas sempre vão superar nossas expectativas. É uma experiência prazerosa e transformadora. Cada entrevistado revelando suas trajetórias, emoções e análises.

As entrevistas realizadas durante o estágio pós-doutoral em Portugal (seis meses) e no Brasil, no ano de 2015, revelam dedicação e compromisso de intelectuais com o estudo do patrimônio cultural. Especialmente a problemática das transformações na arquitetura industrial, focando na análise de antigos espaços fabris, revelando o contexto e realidade dos cenários diversificados de cada lugar.

Importa considerar que a história oral “tem o grande mérito de permitir que fenômenos subjetivos se tornem inteligíveis – isto é, que se reconheça, neles, um estatuto tão concreto e capaz de incidir sobre a realidade quanto qualquer outro fato” (Alberti 2004, p. 9). Esta autora parte da perspectiva de que isso ocorre, por exemplo, no presenciar do aflorar das sensibilidades do narrador, evidenciado nos sentimentos de alegria, de emoção, de pesar, ao trazer as suas experiências do passado.

Nesta perspectiva, num trabalho com história oral, há envolvimento pessoal, há vozes que contam, sentem, expressam poesia, emoções, verdades, imaginações. A fala é diferente da escrita, são falas mistu-

radas, rápidas ou lentas, volume alto ou baixo, enfim, são narrativas parciais, variáveis. Bem diferente da linguagem escrita, que é regular, pontuada, que segue regras gramaticais.

As narrativas podem ser compreendidas como um ato que desperta emoções. Expressam a subjetividade latente ou os sentimentos que fazem rir, chorar, recordar, sonhar. Ao mesmo tempo, uma lembrança pode revelar uma interpretação da realidade, uma referência do real, com ludicidade ou não, porém, busca representar a realidade e cria a ilusão de que é possível apreender o tempo e espaço.

Nesse sentido, decidi reproduzir algumas dessas histórias que revelam as emoções, os medos, as alegrias que viveram os estudiosos para realizar sua atividade profissional. Acredito que é muito importante as histórias contadas pelos seus protagonistas. Por isso, a reprodução foi transcrita tal como os narradores falaram, mesmo que seus gestos, emoções, lágrimas e risos não possam ser transmitidos no texto. Quem são estes narradores da pesquisa que trilharam caminhos por vezes parecidos, por vezes bem distintos, até se envolverem nas ações desenvolvidas em torno do assunto profissional no contexto do patrimônio industrial.

Foram muitas dificuldades, percursos com euforias, decepções, sempre “de olho” no cumprimento dos prazos. Enfim, a organização do estágio buscou dialogar e envolver os professores, para que o fruto e desdobramentos deste seja uma ferramenta dinâmica a ser utilizada no cotidiano profissional, dentro e fora da universidade, por meio de textos plurais e abrangentes, quiçá pudesse haver documentários, filmes, revistas com esta temática. Vamos aguardar a publicação bilíngue das falas destes profissionais, embora traga em destaque neste artigo algumas reflexões oriundas do diálogo realizado com os estudiosos acima citados.

Para conhecimento de todos, eis a fala da Prof.^a Graça Filipe assinalando que Portugal possui uma longa tradição na discussão e prática de preservação, em especial na criação de museus referentes

ao Patrimônio Industrial. Para ela, Coordenadora da Levada de Tomar⁴³, o conceito de Patrimônio Industrial é abrangente, como afirma em entrevista realizada por mim, em dois de junho, durante o estágio pós doutoral:

Telma Bessa: ... E o que vem a ser Patrimônio Industrial...

Graça Filipe: O patrimônio industrial, por tudo o que sabemos e o que as convenções dizem, patrimônio industrial não são só as máquinas, os edifícios, a arquitetura, não são só os arquivos, mas enfim, é tudo isso... Perceber a sociedade contemporânea, a exploração, problemas ambientais, situações de crise, o valor social do trabalho, e que os museus ligados à técnica, a indústria, considerem estes aspectos e estejam ligados a uma dinâmica social.

Esta experiência da relação dos museus com os contextos sociais é uma realidade para esta profissional. Ela desenvolve um trabalho na cidade de Tomar, relacionado com patrimônio técnico industrial e reabilitação urbana. Ela mesma afirma: *“estou de novo, enfim, com as mãos na massa, tentando inventar algo de diferente, com suas fragilidades no sentido de ter mais riscos também, por ser mais dinâmico e social”*.

Para esta professora, trabalhar em projetos interativos é mais estimulante, ensaiando neste contexto da ação patrimonial e dinâmicas territoriais.

Neste processo de valorização/musealização do patrimônio industrial, a Nova Museologia, movimento nascido entre os anos de 1971 e 1974, sob a orientação de Marcel Évard com o apoio de Hugues de Varine e de George Henri Rivière, introduziu conceitos e práticas que se tornaram referência, e contribuíram para a visão renovada que se passou a ter não só na forma de musealizar o Patrimônio Industrial, mas também, do papel que estes museus assumem nas comunidades em que se inserem.

43 A Levada de Tomar é um projeto da Prefeitura Municipal de Tomar, Portugal. Trata da recuperação dos antigos “Lagares e Moinhos da Ribeira da Vila” e da Moagem austro-húngara. Cf. Musealização da Levada de Tomar: subsídios para a conservação do património industrial da moagem A Portuguesa Cláudia Sofia Petulante Duarte. Cf. site da Associação Portuguesa de Arqueologia Industrial (<https://apaiaassociacao.wixsite.com/apai>).

Faço um destaque também para a Prof.^a Beatriz Magaya Kuhl, que acompanha esta discussão mundialmente, e afirma que vários países têm estas discussões de forma sistemática e organizam-se com filiação ao TICCIH (*The International Committee for Conservation of Industrial Heritage*), comungam das mesmas ideias e seguem princípios comuns de preservação do Patrimônio.

Há que se considerar que, no Brasil, esta discussão é uma demanda para além do centro-sul do país, e há necessidade de uma articulação mais profunda com as instituições de ensino superior ou entidades da sociedade civil que têm ligação com esta temática.

Há várias pesquisas no Nordeste e Norte brasileiro que são desenvolvidas e que ainda não contam com amplo conhecimento dentro da comunidade acadêmica. Interessa, neste sentido, perceber quão incipiente é este debate no nosso meio. Ao indagar sobre patrimônio industrial, assim nos afirma Kuhl:

Eu costumo sempre partir de uma visão mais alargada do que seria o patrimônio industrial... engloba não apenas a unidade de produção, os produtos e a comercialização e a forma como esses produtos foram feitos. Então patrimônio industrial é entendido de maneira bastante abrangente ligado a um processo de industrialização. Acho importante sensibilizar o olhar dos estudantes a respeito da estrutura complexa que é, um organismo muito complexo que é, uma cidade como São Paulo, a industrialização, que teve um papel muito importante. Enxergar a estruturação dessa cidade como se transformou ao longo do tempo e o papel de tudo aquilo que é relacionado a indústria nesse contexto.

Considerando as reflexões sobre o patrimônio que vêm sendo desenvolvidas no Brasil, reafirmamos ainda o que Beatriz Magaya Kuhl, assinala em seu texto:

Ainda inexistente uma discussão teórica aprofundada voltada à realidade brasileira e uma carta de princípios nacional, que deveria inquirir e integrar os preceitos da carta de Veneza, não foi elaborada. O intuito seria torná-la adequa-

da e atual em nosso meio, pois se verifica uma ampliação crescente e legítima daquilo que é considerado bem de interesse cultural (Kühl – Portal IPHAN, 2009).

Os espaços recriados

Além de entrevistas, a prática da pesquisa possibilitou conhecer algumas experiências de patrimônio industrial na cidade de Setúbal, Lisboa. Visitei diversos museus relacionados ao mundo do trabalho. Ao lado de Janaína Bueno (doutoranda, que desenvolvia pesquisa sobre os museus do trabalho na Universidade Nova de Lisboa), conheci o único Museu do Trabalho português (assim denominado), localizado numa antiga fábrica de conservas de peixe, e assim iniciei visitas neste espaço. Causou-me surpresa e interesse o ambiente, pelo fato de apresentar uma proposta diferente, do ponto de vista da metodologia e organização dos espaços interiores e ainda promover diversas atividades.

Figura 13 - Maquete do espaço fabril.



Fonte: <https://museus.mun-setubal.pt/10352/museudotrabalho>.

Para além da visitação ao próprio Museu, aos seus espaços e espólio, este organiza para o grande público Tardes Interculturais, com música, dança, gastronomia, entre outras iniciativas, a decorrer nos últimos sábados de cada mês. As Visitas Guiadas são também possíveis,

permitindo uma abordagem diferente aos vários espaços do Museu, com introdução de diferentes temas.

Refiro-me ao *Museu do Trabalho Michel Giacometti, em Setúbal*: esta experiência é uma das mais conhecidas e visitadas de Portugal. O museu dedica-se predominantemente ao patrimônio industrial e ofícios urbanos ligados ao comércio, serviços e às antigas fábricas de conserva e litografias sediadas no *Concelho de Setúbal*, possuindo ainda uma coleção de alfaías agrícolas (Michel Giacometti) e de ofícios tradicionais. É um museu municipal, criado em Setúbal em 1987. Sediado numa antiga fábrica de conservas de peixe que foi adaptada a museu em 1995. O edifício é constituído por cinco andares e está integrado a um antigo bairro de pescadores, salineiros e operárias conserveiras que trabalhavam na ex-fábrica Perienes.

Conhecido por todos por contemplar uma pesquisa etnográfica realizada nos anos de 1980 pelo músico Michel Giacometti, revela um cuidadoso trabalho de recolha de objetos, canções e relatos das vivências de portugueses em diversas aldeias dentro do país, num total de seiscentas freguesias portuguesas.

Este músico estabeleceu-se em terras portuguesas, no Alentejo, no ano de 1959, tendo nascido em Córsega no ano de 1929. Sua formação é considerada sólida, pois concluiu e foi licenciado em Letras e Etnografia na Sorbonne, França. Desenvolveu atividades diversas, fez o programa de rádio "Povo que canta", pois possuía uma coleção de arquivos sonoros, músicas. Constituiu uma coleção de instrumentos musicais e escreveu e editou "Cancioneiro popular português" para o Círculo de Leitores.

Além do processo de musealização, que contou com tombamento (classificação), preservação e projeto museológico, o que se destaca, a meu ver, neste espaço é exatamente a metodologia que o compôs. Há orientações pedagógicas, Plano de Trabalho e Cultura, e o aproveitamento da pesquisa etnográfica feita pelo músico Giacometti. Esta pesquisa envolveu cento e vinte quatro alunos do Serviço Cívico Estudantil, que visitaram aldeias portuguesas e recolheram documentos, narrativas e objetos dos agricultores, uma maneira de, no processo

revolucionário do 25 de abril, conhecer e registrar os modos de vida e lutas do povo.⁴⁴

Este museu, criado e mantido pela Prefeitura de Setúbal, conta hoje com mais de mil peças recolhidas, organizadas numa reserva técnica visitável, expressando que este valoroso trabalho envolveu os estudantes e as comunidades das aldeias, numa integração de diálogo e aprendizagem. O fruto da investigação exige um trabalho permanente de conservação. Há descrição da arquitetura do museu e outras informações no Jornal "Publico magazine" de 05.08.1990.

A metodologia de trabalho busca explicitar a realidade e contexto do entorno e da dinâmica das funções dentro da própria fábrica. Ou seja, há, dentro do espaço da antiga fábrica, exposições divididas em temas, locais com painéis, réplicas de máquinas e trabalhadores. Como exemplo, há painéis e objetos de uso cotidiano para se conhecer os modos de vida de agricultores, suas máquinas de cultivar a terra, a máquina de fiar, os teares utilizados pelas mulheres dentro de casa, além de textos claros abordando a temática do espaço. Há ainda, painéis que explicitam a própria organicidade do Museu, como é divulgado o mundo fabril com uma interação com o visitante: espaço do trato do peixe, da sardinha, local de tirar da salmoura, de tirar as cabeças das sardinhas, de encaixar e enlatar.

Figura 14 - Metodologia do Museu.



44 Estudantes e povo na revolução: o serviço cívico estudantil (1947-1977), Oeiras: Celta, 2004. A autora, Profa. Luísa Tiago de Oliveira realizou pesquisa de campo com jovens nas aldeias durante o 25 de abril, utilizando a metodologia de história oral.

Figura 15 - Painel de tarefas das operárias.

OPERAÇÃO	AGENTES (IDADE E GÊNERO)	CATEGORIA INSTITUCIONAL	ATITUDE CORPORAL GESTUALIDADE
Descabeçar (retirar cabeça e vísceras).	Operárias.	"Trabalhos de mesa" manipuladora de peixe.	Trabalho manual auxílio de pr faca, executa com agil

*Termo indígena **Segundo o sindicato corporativo

Figura 16 - Cravadeira.



Enfim, é um trabalho minucioso que conta ainda com a réplica de uma Merceria, doação de um empresário, com os objetos relativos a uma venda, onde estão presentes as botijas, recipientes, cestas de pães, balanças para pesar o queijo, instrumentos para medir o azeite, tudo comprado pela comunidade, em pequena quantidade.

No Brasil, há algumas iniciativas bem interessantes, como o *Centro Municipal de Educação Adamastor* – localizado em Guarulhos, São Paulo, que representa uma experiência que desenvolveu e assumiu a mudança de uma fábrica têxtil (Adamastor) para centro de cultura. Esta fábrica tornou-se famosa por sua linha fina e de qualidade, na década de 1940, e no ano de 2001 o espaço mudou para um centro cultural.

Esta tecelagem foi importante no desenvolvimento da cidade de Guarulhos e foi instalada em 1946 e funcionou no mesmo local até 1980. Faz parte da história da industrialização paulista, com o “boom” industrial brasileiro. Após a falência, o abandono e o vandalismo, e deteriorada, os galpões foram ocupados por moradores de rua, consumidores de droga e passou a ser espaço identificado com violência e sujeira.

Com a preocupação da preservação patrimonial, a Prefeitura Municipal aprova o projeto de Tombamento (classificação), no ano de 2001, declara o terreno de utilidade pública, para desapropriação e execução do projeto de reconversão pelo Decreto nº 21. 226 de 11.04.2001, iniciando a reforma do edifício e inaugurando-o, tornando-o um espaço público com teatro, auditório, salas de formação, o Centro de Municipal de Educação Adamastor.

Eis características da obra arquitetônica, retiradas de um informativo da Prefeitura de Guarulhos:

A obra da prefeitura não descaracteriza a imagem histórica e afetiva guardada entre os habitantes da cidade. Apropria-se de um ícone das edificações industriais da época que é a chaminé de 50 metros de altura, que, visível a distância, constitui símbolo do conjunto. Com quase 8 mil metros quadrados de construção, o centro educacional e cultural é formado, além do pavilhão industrial, por um edifício novo destinado à administração e a secretarias.

O pavilhão, cuja face externa é marcada por colunas em tijolo aparente, tem sua parte central e a chaminé tombadas pelo município. É constituído por três longas águas com duas cabeceiras, que, assim como a chaminé, foram recuperadas.⁴⁵

Na cidade de Guarulhos esta ação de valorização do patrimônio Cultural da cidade, ocorreu na primeira gestão do governo do Partido dos Trabalhadores, entre os anos de 2001 e 2004. Nas palavras de Heloísa de Faria Cruz, Secretária Adjunta de Educação da cidade de Guarulhos:

A restauração da antiga fábrica de casimira Adamastor e sua transformação num equipamento cultural para a cidade, ganhou uma grande força simbólica e hoje se constitui num dos principais marcos históricos de identidade urbana para a população de Guarulhos.

Para complementar as informações sobre este espaço, vale conhecer a descrição da obra, presente no site da Prefeitura de Guarulhos: “Internamente, a construção recebeu três auditórios para seminários numa das laterais e quatro salas menores para cursos, na outra – em mezanino acima destas fica a biblioteca, aberta ao público. Entre as duas alas situa-se o pátio de convivência, elemento articulador de todo o conjunto. A partir da saída do teatro, a chaminé é visualizada, em toda a sua extensão, graças a uma faixa envidraçada na cobertura do pátio de convivência. O espaço livre em volta da chaminé busca acentuar sua ligação com o centro”.

Há ainda uma *Sala de Memória* que, com exposição permanente, retrata algumas imagens dos antigos trabalhadores em seus espaços de trabalho, bem como no lazer, e apresenta um curta metragem que contém depoimentos recolhidos de pessoas diversas, especialmente antigos trabalhadores, a respeito da história da fábrica, da importância desta nas suas vidas e a opinião destes sobre a mudança de espaço fabril para um espaço público voltado para a cultura. Promove uma exposição, que foi elaborada a partir de narrativas de trabalhadores,

45 Sobre projeto arquitetônico de Ruy Ohtake: Projeto design. arcoweb.com.br/arquitetura/ruy-ohtake-centro-cultural-03-05-2004.html. Acesso em: 26 jun. 2014.

como viviam o cotidiano da fábrica, relação com chefes e amigos no local de trabalho. Tais dimensões estavam presentes nas experiências destes, situado no momento de crescimento do setor industrial, em especial, no Estado de São Paulo e na cidade de Guarulhos. A exposição permanente sobre a fábrica e os trabalhadores convive com as muitas atividades educacionais e culturais desenvolvidas no Centro. Destaque-se que o Centro, com a estrutura da fábrica e sua chaminé, transformou-se para a população num marco de memória da cidade.⁴⁶

É necessário buscar compreender o processo histórico de alteração dos espaços fabris. Alguns pontos básicos são importantes, como o próprio processo de deliberação do espaço, a recuperação, o tombamento, a restauração das referidas fábricas e a reconversão em museus ou centros culturais.

Figura 17 - Fábrica Adamastor.



Figura 18 - Interior da fábrica.



46 Fruto do meu envolvimento com o tema do mundo do trabalho, participei indiretamente do roteiro do documentário: "Memórias de trabalhadores" promovido pela Prefeitura Municipal de Educação, 2001. Ver fotos anexas do interior da antiga fábrica.

No caso de Guarulhos, houve uma equipe multidisciplinar para a condução deste processo (arquiteta, sociólogo, advogado, historiadora, pedagoga), houve a participação da comunidade na transição de uma fábrica para equipamento cultural; e por meio de reuniões, seminários, os profissionais envolvidos iam executando e decidiam o trato com a arquitetura, o uso de cada parte da fábrica, e, além disso, o que seria possível preservar ou não.

Vale ressaltar que a proposta de revitalização deste espaço foi elaborada por dirigentes da Prefeitura Municipal de Guarulhos. É bom lembrar que a equipe multidisciplinar desta ação considerava no trabalho os objetivos que foram pensados para a criação dos museus ou centros culturais em cada lugar. Durante a transição de espaço de antiga fábrica para centro de cultura, foram envolvidos todos os órgãos municipais como exemplo a Secretaria de Educação, de Cultura, Finanças.⁴⁷

Neste processo, os antigos trabalhadores também foram contatados e acompanharam as mudanças, visitaram os espaços internos da fábrica em obras, explicitando as funções que tinham. Estes trabalhadores também deixaram suas impressões sobre as transformações do espaço fabril, onde outrora viveram seus dias de labuta dentro do sistema de produção de fios de algodão e confecção.

Eis fragmentos das narrativas de alguns antigos trabalhadores que participaram da elaboração do documentário feito para a inauguração do espaço do Centro de educação. Eis narrativas do Sr. Oscar Giorgetti e Erotides Lacerda, respectivamente:

Sr. Oscar Giorgetti: Porque entrávamos mocinhos, 12 anos, e ficávamos mais ou menos 30 anos, todos os dias, com as mesmas pessoas, se vendo, e era um tempo diferente, uma vida mais calma, hoje você trabalha, não sabe a vida de ninguém, não dá nem pra conhecer a pessoa bem. Mas foi muito bom, a gente tem contato até hoje.

47 Franco Mancuso elaborou algumas considerações com sugestões do que precisa ser feito de boas práticas para a ação de profissionais na reestruturação de bens do patrimônio Industrial. MANCUSO, F. Progetto e "buono pratiche", In: RONCHETTA, C; TRISCIUGLIO, M. *Progettare per il patrimonio industriale*. Torino: Celid, p. 154-159, 2008.

Sra. Erotides Lacerda: o que mais me chamava atenção era a chaminé que era muito bonita, e o apito que na hora do almoço, de manhã, fazia aquele barulho, tipo uma sirene, avisando da entrada dos funcionários do horário. No horário do almoço também tinha a sirene que avisava do horário de saída e da volta e a tarde também. Aliás aquilo era um relógio até pra cidade, quando tocava o apito, as pessoas até distante, diziam: olha, é tal hora a sirene da Adamastor já apitou... Hoje com essa construção vai continuar produzindo, não mais tecidos, mas conhecimento.⁴⁸

Dentro de um contexto brasileiro de poucas intervenções patrimoniais, Campagnol (2011) vem desenvolvendo reflexões importantes e informa que, se percebemos iniciativas de políticas públicas – escassas - no campo da cultura e ações nos âmbitos federal, estadual e municipal constatamos, de forma simultânea, que há uma ausência de projetos para a utilização de espaços industriais desativados.

Esta constatação é atual, embora, ao ver as experiências portuguesas, percebemos que estas também têm debilidades e problemas, há demandas de profissionais, e poucos recursos (as narrativas dos profissionais da área destacam o descaso governamental, mesmo sendo 2015 o ano da comunidade europeia dedicado ao patrimônio e quase não houve investimento do poder público nessa área) e percebemos que as iniciativas para valorização e preservação se concentram no centro-sul do país. Há iniciativas de ação no campo do patrimônio industrial em vários lugares do nosso país.

No decorrer do tempo várias mudanças foram ocorrendo no tocante à prática e concepção do trabalho com conservação e preservação do patrimônio cultural. Importa salientar aqui que as mudanças e avanços das discussões sobre o patrimônio industrial, vêm na esteira dos avanços das reflexões sobre o patrimônio cultural de forma mais ampla.

Colocando em foco neste artigo as experiências de Guarulhos e Setúbal, gostaria de dialogar com as experiências diversificadas dos protagonistas que viveram estes processos. Embora exista um grande ma-

48 Entrevistas realizadas por mim, no espaço da antiga fábrica Adamastor, na cidade de Guarulhos, em 2003.

terial de imagens, reportagens, documentos das referidas instituições, o caminho privilegiado utilizado foram as fontes orais. No caminho das análises das narrativas de estudiosos é que o estudo se desenvolveu. No trabalho com fontes orais, destacando mais as significações do que os eventos, como assinala Portelli, problematizamos as diferentes concepções de patrimônio industrial, colocando as percepções atribuídas às experiências plurais de patrimônio industrial.

De um lado, estudiosos brasileiros, e de outro, pesquisadores portugueses. Como vimos anteriormente, os processos ricos e diferenciados de suas narrativas vêm corroborar com a importância desta metodologia de pesquisa. A memória do início de “carreira” destes profissionais de uma conjuntura de expansão, de investimento governamental para este setor na Europa, de um “boom” do aproveitamento e valorização dos espaços patrimoniais, contrasta com um momento atual de um certo “encolhimento”, em certa medida, uma “crise” que diminui os investimentos, reduz o número de profissionais da área, elimina uma política de preservação do patrimônio industrial.

Vale perceber diferenças de percepção, interpretação dos processos de valorização dos espaços fabris no Brasil e Portugal. O patrimônio industrial está na pauta e faz parte dos estudos europeus desde o século XIX. Em países como Inglaterra, França, Espanha e Alemanha, que enfrentaram o pós-Segunda Guerra Mundial e os desafios de reconstrução da vida, este assunto está presente desde a segunda metade do século XX.

Especialmente na Inglaterra, que foi o primeiro país a ter uma preocupação com os espaços ou instalações industriais.

Não por acaso a Inglaterra é fundadora desta reflexão, já que este país é o berço da industrialização, e os vestígios do início da indústria corriam riscos de desaparecimento, frente às transformações sociais na segunda metade do século XX.

Portugal acompanha este movimento, como demonstram as diversas iniciativas tomadas em relação ao Patrimônio Industrial. A expressão “arqueologia industrial” foi utilizada em Portugal ainda no século XIX – num estudo de Francisco de Souza Viterbo, de 1896, sobre moi-

nhos – apesar de a expressão ser consagrada principalmente através dos debates britânicos, a partir de meados do século XX (Poizzer, 2007, p. 29-218).

Este termo “arqueologia industrial” não é consensual entre os estudiosos e os que atuam na restauração e conservação de monumentos. Há, entretanto, um entendimento da complexidade e sentido mais amplo do conceito. Há um documento que adota este termo de maneira renovada e específica e assume-o enquanto método. Eis o que revela a Carta de Nizhny Tagil:

A arqueologia industrial é um método interdisciplinar que estuda todos os vestígios, materiais e imateriais, os documentos, os artefatos, a estratigrafia e as estruturas, as implantações humanas e as paisagens naturais e urbanas, criadas para ou pelos processos industriais. A arqueologia industrial utiliza os métodos de investigação mais adequados para aumentar a compreensão do passado e do presente industrial.⁴⁹

Além dos conceitos, as discussões e práticas profissionais no campo do Patrimônio, tanto do ponto de vista da reflexão teórica como na dimensão da Museologia nacional, estão cada vez mais intensas em terras portuguesas:⁵⁰

Em Portugal existem vários exemplos de reutilização de antigas instalações industriais ou de equipamentos colectivos, para finalidades diversas, embora com destaque

49 Esta Carta sobre o Patrimônio Industrial foi aprovada pelos delegados reunidos na Assembleia Geral do TICCIH, de carácter trienal, que se realizou em Nizhny Tagil em 17 de Julho de 2003, o qual foi posteriormente apresentado ao ICOMOS para ratificação e eventual aprovação definitiva pela UNESCO. A Carta do Patrimônio Industrial deverá incluir as importantes Cartas anteriores, como a Carta de Veneza (1964) e a Carta de Burra (1994), assim como a Recomendação R (90) 20 do Conselho da Europa.

50 Estas reflexões foram debatidas durante o estágio (o texto sistematizado por Ana Cardoso) e para melhor compreensão há artigos de diversos estudiosos como José Amado Mendes, José Lopes Cordeiro, Jorge Custódio, Maria da Luz Sampaio, Graça Felipe, Ana Cardoso de Matos, precursores dos cursos de Arqueologia industrial, e mestrado na área, bem como em toda discussão do processo de industrialização e patrimônio em Portugal. Há ainda jovens pesquisadores como: Janaína Bueno, Armando Quintas, Mariana Silva, Renata Faria Barbosa, e outros que continuam as pesquisas sobre esse tema. Com os antigos e jovens profissionais, estabeleci relação direta e obtive registro oral de suas práticas profissionais e experiências acadêmicas.

para a museologia. Em numerosos casos os museus, instalados em estruturas industriais ou afins, desactivadas, integram-se no mesmo ramo das antigas funções, pelo que a questão da memória e do património são desse modo reforçados. Noutros casos, as instalações foram adaptadas a novas funções, desligadas da actividade outrora exercida, pelo que só aquelas invocam o seu passado e a sua história (Mendes, 2012, p. 03).

Ainda hoje há um desejo em Portugal da constituição de um Museu da Indústria, que preserve, estude e divulgue o património industrial e tecnológico do país. Estas preocupações em preservar as antigas máquinas e objetos, o conhecimento associado aos processos de fabrico e o valor das artes e ofícios, estavam já presentes na Europa na criação dos antecessores deste tipo de museu, que remontam ao século XVIII com a criação, em 1794, do *Conservatoire National des Artes et Métiers*, mais tarde transformado em *Musée des Arts et Metiers de Paris* (Paris, 1987, p. 47-48).

As primeiras iniciativas para criar um museu da indústria em Portugal datam de 1807, momento em que o Estado encarregou a Câmara do Comércio de criar “uma coleção de livros, planos, modelos ou desenhos de máquinas e de outros objetos úteis para promover e animar os diversos ramos da indústria nacional”⁵¹, semelhante ao que havia sido criado em França, no ano de 1794. No entanto, a conjuntura política de então impediu a criação dessa coleção⁵² e, em 1819, continuava-se a referir a necessidade de se criar este museu. Onze anos depois, Alexandre António Vandelli⁵³, membro da Academia Real das Ciências de Lisboa, retomou o assunto, reforçando a necessidade de se constituir um tal museu, que considerava essencial para o progresso da indústria portuguesa.

A partir da década de 1980, fruto do reconhecimento da importância do Património Industrial em Portugal, foram fundadas as primeiras

51 Decreto de 24 junho de 1807 (Pedreira, 1994, p. 246).

52 Portugal foi invadido pelas tropas de Napoleão I em 1808 e a família real foi obrigada a deslocar-se para o Brasil.

53 Alexandre António Vandelli, naturalista Luso-Brasileiro (1784-1862).

associações que tiveram um papel importante na defesa e no estudo deste patrimônio.

Destaca-se o papel da Associação de Arqueologia Industrial da Região de Lisboa, fundada em 1980, e que mais tarde deu origem à APAI - Associação Portuguesa de Arqueologia industrial⁵⁴, e da APOREM – Associação Portuguesa de Empresas com Museus, fundada em 1992 com o objetivo de preservar o patrimônio e a memória passada das empresas e apresentá-las em espaços museológicos abertos à comunidade. Estas associações tiveram uma importante ação na divulgação do Patrimônio Industrial e Empresarial e na sensibilização das empresas e das Câmaras Municipais para a necessidade de preservar este tipo de patrimônio, impulsionando, conseqüentemente, a criação de novos museus ou núcleos museológicos.

O rápido desaparecimento dos vestígios materiais do desenvolvimento econômico verificado ao longo de século e meio levaram diversos autores a eleger “o chamado patrimônio industrial como um ‘novo território’, chamando a atenção para o seu potencial, inclusive em termos da sua reutilização para novas funções, dando-lhes uma ‘segunda vida’, entre as quais as de carácter museológico” (Mendes, 2012, p. 2).

Nos estudos sobre o patrimônio industrial, desde cedo que os vestígios materiais foram considerados essenciais para o estudo da sociedade industrial, estudo da história da indústria, da tecnologia e dos movimentos sociais. Por esta razão procurou-se preservar os vestígios da sociedade industrial e dá-los a conhecer através de diversas formas de valorização, nomeadamente através da sua musealização.

Uma parte dos museus dedicados ao Patrimônio Industrial de Portugal nasceu no seio das políticas de preservação deste tipo de patrimônio e de divulgação das grandes empresas, muitas delas com participação do Estado, enquanto outros se devem a iniciativas das Câmaras Municipais. Há ainda os museus criados por iniciativa de empresas, associações ou autárquicas a partir da década de 1990.

54 Sobre a actividade da APAI veja-se: Matos, Ribeiro e Santos (2003, p. 23-32). Para além desta foram criadas outras associações como a APPI-Associação Portuguesa para o Património Industrial.

Entre os museus de empresa, há o Museu da Água da EPAL – Empresa Pública de Águas Livres e o Museu da Electricidade (Central Tejo), da empresa EDP (energia de Portugal). O Museu da Água da EPAL tem a sua história ancorada na aprovação, em 1919, pela Assembleia Geral da Companhia das Águas de Lisboa.

No Brasil atual a reflexão do Patrimônio Industrial vem se desenvolvendo em diversas Instituições de Ensino Superior (IES). Porém nem sempre foi assim. Vários estudiosos brasileiros vêm acentuando a necessidade de se aprofundar esta discussão, considerando as demandas e ações institucionais no aspecto da preservação patrimonial. Vejamos um pouco desta história.

Em 1937 foi criado o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) e, em 1938 houve um primeiro registro no livro histórico de remanescentes de uma fábrica em Ouro Preto (MG) – Fábrica de Ferro Patriótica - que deve ser interpretado a partir dos critérios e valores característicos dessa fase. Isto é, as iniciativas de proteção de monumentos são relacionadas a feitos históricos referentes ao processo de colonização.

Em São Paulo, no ano de 1964, houve a primeira iniciativa nacional de efetiva preservação de um conjunto industrial: a Real Fábrica de Ferro São João do Ipanema (Iperó), implantada a partir de 1810. Conforme destaca Cunha, a inscrição somente se deu no Livro Histórico, acompanhando a “amargurada recomendação de Mário de Andrade” por tratar-se de: “Remanescentes de arqueologia industrial do primeiro complexo funcionante para a exploração e fabricação de ferro no Brasil” [...] (Cunha, 2005, p. 114).

Verificamos assim que as iniciativas de tombamento das ruínas da Fábrica de Ferro Patriótica em Ouro Preto (Minas Gerais; tombadas em 1938) e Real Fábrica de Ferro São João de Ipanema, em Iperó (São Paulo, tombada em 1964), foram realizadas mesmo antes do nascimento do debate sobre Patrimônio Industrial no Brasil. (Moreira, 2007, p. 276).

O primeiro artigo acadêmico sobre o assunto publicado no Brasil – “Fábrica São Luiz de Itu: Um Estudo de Arqueologia industrial” – foi escrito pelo historiador americano Warren Dean, em 1976. De lá para

cá muitas mudanças e realizações de debates vêm acontecendo, envolvendo diversos setores em níveis municipais, estaduais e nacional.

Podemos constatar um pequeno número de espaços fabris e monumentos industriais reutilizados ou preservados. Eis alguns exemplos conhecidos: a antiga estação de trem da Luz (1867), que hoje abriga o Museu da Língua Portuguesa, em São Paulo; a fábrica de vinho de caju “Tito Silva e Cia” construída em 1892 em João Pessoa (Paraíba) atualmente usada como uma escola Municipal de formação para os jovens e adultos; a “Estação das Docas”, um espaço de cultura, comércio e lazer na cidade de Belém no estado do Pará, que consistiu na adaptação de quatro armazéns obsoletos do antigo porto do século XIX. Na mesma linha de aproveitamento de galpões e armazéns do século XIX há em Fortaleza o Centro Cultural Dragão do Mar. Ao lado destas iniciativas, vários espaços fabris antigos, hoje são *campus* de universidades em diversas localidades do país.

Em seu artigo “Patrimônio Industrial como tema de pesquisa”, Meneguello (2011) assume o conceito de Patrimônio Industrial, pois além de ser mais utilizado no Brasil, entende que a expressão “arqueologia industrial”, tem a ver mais diretamente com a realidade europeia de meados do século XX, que inaugurou o campo do Patrimônio Industrial com estudos, levantamentos, inventários, realizados por arqueólogos industriais ou historiadores “amadores”. Eis sua análise expressa nos anais do I Seminário Internacional de História do Tempo Presente, em Florianópolis, Brasil:

Opto nesse texto pela utilização da expressão patrimônio industrial, mais corrente no Brasil, em detrimento de arqueologia industrial. A segunda expressão prossegue tendo extrema aceitação no exterior, onde os inventários dos “arqueólogos industriais” culminam nos estabelecimentos de rotas de Patrimônio Industrial e de museus de técnica e tecnologia, como acontece por exemplo na Cataluña (Espanha), Reino Unido, Países Baixos e Itália (Meneguello, 2011, p. 1821).

Ainda sobre esta reflexão conceitual, e a historicidade dos próprios conceitos, vale destacar que a produção do conhecimento histórico

é seletivo-provisória e em permanente construção com novos documentos, novos olhares. Os conceitos devem estar abertos ao diálogo com as determinações objetivas concretas das evidências. Importante lembrar aqui as recomendações de Williams ao discorrer sobre a cultura, no sentido de orientar que “os conceitos que participamos, não são conceitos, mas problemas, movimentos históricos ainda não definidos” (Williams, 1979, p. 17).

Referências

- ALBERTI, Verena. **Ouvir e contar**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- CAMPAGNOL, G. Industrial Archaeology and Brazilian Industrial Heritage. **Preservation Education & Research Journal**, Texas, v. 4, 2011.
- CUNHA, Claudia dos Reis e. **O patrimônio cultural da cidade de Sorocaba**: análise de uma trajetória. Dissertação (Mestrado)-Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- DEAN, Warren. A fábrica São Luiz de Itu: um estudo de arqueologia industrial. **Anais de História**, Assis, v. 8, 1976, Assis, SP: Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras de Assis.
- KÜHL, Beatriz Mugayar. **Preservação do Patrimônio Arquitetônico da Industrialização**: problemas teóricos de restauro. Cotia: Ateliê Editorial, 2008.
- MANCUSO, F. Progetto e “buono pratiche”. In: RONCHETTA, C; TRISCIUGLIO, M. **Progettare per il patrimonio industriale**. Torino: Celid, 2008.
- MENDES, José Amado. O patrimônio industrial na museologia contemporânea: o caso Português. **Ubimuseum – Revista online do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior**, n. 1, 2012.
- MENEGUELLO, Cristina. “Patrimônio Industrial como tema de pesquisa” In: **Anais do I Seminário Internacional de História do Tempo Presente**, em Florianópolis, Brasil, 2011.
- MENEGUELLO, Cristina. “Industrial Heritage in Brazil and prospects for the Brazilian Committee for the Conservation of Industrial Heritage”, **Congresso TICCIH**, Roma, Itália, Setembro 2006.
- MOREIRA, Danielle Couto. **“Arquitetura ferroviária e industrial: o**

caso das cidades de São João Del-Rei e Juíz de Fora (1875-1930).” M.A. diss., Universidade de São Paulo, 2007

PARIS. Ministère de la Culture et de la Communication. **Muséologie et ethnologie**. Paris: Editions de la Réunion des Musées Nationaux, 1987.

POZZER, Guilherme Pinheiro. **A antiga estação da Companhia Paulista em Campinas: estrutura simbólica transformadora da cidade**. Dissertação (Mestrado). Campinas (SP): IFICH-Unicamp, 2007.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

Revista Eletrônica do IPHAN dedicou seu número 4 ao tema do patrimônio industrial (Disponível em <http://www.iphan.gov.br>).



TCC's acerca do Patrimônio Industrial – Departamento de História – UVA⁵⁵

TÍTULO	AUTOR	ORIENTADOR (A)	ANO
Fábrica de produtos suínos Raphael LTDA.: sua falência sobre um olhar político, econômico e social no contexto histórico brasileiro (Mucambo: 1950-1978)	Solon de Castro Braga	Prof. Agenor Júnior	2001
“Fios na Memória”: O artesanato em Carqueijo.	Carlos Alberto Ferreira Pimenta	Profa. Maria Antônia Veiga	2003
Processo histórico de Cariré, a partir da Estrada de Ferro a sua emancipação	José Carvalho Junior	Profa. Maria Aparecida Vasconcelos	2003
O sistema capitalista e a produção da cal na localidade de Pedra de Fogo.	Maria Lucimar de Azevedo	Prof. Antônio Carlos de Oliveira	2004
A formação da classe operária na indústria têxtil de Sobral (1945 – 1955).	Francisco Estevão da Silva Eufrásio	Prof. Francisco Gleison	2005
Da agulha a máquina: o bordado no mundo feminino em Taperuaba-Sobral/CE (1985-2002)	Francisca Rosângela Teófilo André	Prof. Francisco Gledson	2005

55 Pesquisa de Cauê Sousa, bolsista de Iniciação científica do projeto Narrativas contemporâneas: patrimônio industrial na Região metropolitana de Sobral (2024/2025) orientação da Profa. Dra. Telma Bessa.

Trabalho e cultura dos (as) artesãos (ãs) de Carqueijo (Mucambo-Ceará): a importância da fala na construção de memórias	Luciane Azevedo Chaves	Prof. Francisco Gleison	2007
A Memória Operária na Fábrica de Tecidos Ernesto Deocleciano, em Sobral (CE).	Francisco Cavalcante da Silva	Prof. Raimundo Nonato	2008
As mães da Sobral “moderna”: fábricas e operários nas tramas da industrialização sobralense.	Luis Carlos de Souza Lima	Prof. Carlos Augusto	2011
A influência da indústria no desenvolvimento urbano de Sobral (1895-2011).	Antônia Samyla Mota Arruda	Prof. Carlos Augusto	2012
Calçados e descalços: memórias dos trabalhadores da Grendene de Sobral-CE (1993-2013).	Marcos Vinícius Lopes Marques	Profa. Telma Bessa	2013
Memórias dos trabalhadores da Fábrica de Tecidos Ernesto Deocleciano (1895-1970)	Allana Araújo Vasconcelos	Profa. Telma Bessa	2013
Memórias das mulheres em Aroeiras dos Maciéis, Groaíras-CE.	Antônia Rosane Dias Paula	Prof. Carlos Augusto	2015
“Cubram-se de estradas de ferro os nossos sertões”: A estrada de ferro de Sobral (1950-1980).	Robert David Baden-Powell Coutinho Marques	Prof. Carlos Augusto	2016
Trabalho, cultura e memória: a produção da rapadura nos engenhos de Frecheirinha-CE (1980-2000)	Francisco Cleano Fernandes Silva	Profa. Telma Bessa Sales	2016
O tempo do trem: a estação ferroviária de Senador Sá, um instrumento desencadeador de memórias	Kelvia Emanuely Araújo Freire	Prof. Denis Melo	2016
A mulher operária na Fábrica de Tecidos Ernesto Deocleciano em Sobral (1970-1975) PROJETO DE PESQUISA	Felipe Gustavo de Mesquita Mendes	Profa. Viviane Prado	2017

Tecendo histórias, costurando memórias: o trabalho dos tecelões da fábrica de redes "Bento" no distrito de Rafael Arruda	Kelton John Portela Vieira	Profa. Viviane Prado	2017
O trabalho fabril em Sobral: Histórias e Memórias (Sobral-CE, 1993-2015).	Afonso Éverson Silva Sena	Profa. Telma Bessa	2019
"O ciclo do bordado" em Taperuaba: Do princípio, a ascensão e o início do seu declínio (1956-2010).	Marilane Lopes Felix	Profa. Telma Bessa	2019
"Do pó a cera": a produção de cera de carnaúba em Groáiras (1970-2011)	Jéssica Melo Guarino	Profa. Telma Bessa Sales	
Patrimônio Industrial: a usina dos Irmãos Araújo (1952-1980)	Matheus Pedrosa Lima	Profa. Telma Bessa	2020
Um olhar sobre o Patrimônio Industrial de Sobral	Rebeca Lopes Pinto	Profa. Telma Bessa	2023



Posfácio

A leitura do livro de Telma Bessa Sales é interessante e agradável e consoante fomos passando as suas paginas deparámo-nos com histórias de vida, com relatos de trabalho e com informações sobre a história da fábrica de Tecidos de Ernesto Deocleciano contadas de forma viva e atrativa, mas que se apoia também em fontes documentais e em estudos históricos feitos por outros historiadores. O confronto das informações dadas pela documentação escrita, como é o caso dos documentos da empresa ou processos dos trabalhadores, e a história oral, ou o “diálogo” entre estas duas fontes, como refere a autora, é essencial para garantir a objetividade e a qualidade da investigação.

As memórias contidas neste livro e que resultaram do trabalho de campo e da recolha de testemunhos, realizados durante as visitas à Fábrica de Tecidos, não se limitam ao trabalho na fábrica, elas contam a vida social, os locais e as formas de lazer. Daí as referências ao Cassino, onde se realizavam bailes e desfiles com vestidos feitos com os tecidos da fábrica, e aos jogos do Time de futebol da fábrica.

Conjugando a abordagem histórica com a etnográfica em várias passagens do livro, o relato parece ganhar vida e o leitor quase que se sente transposto para o espaço que é descrito, para a vida que é relatada. As histórias dos trabalhadores que aí passaram grande parte do seu tempo entre trabalho, sofrimento e pequenas alegrias, num ambiente por vezes fraterno, outras vezes de grande tensão social, recordam situações e práticas do passado, como o trabalho de menores, que é preciso relembrar para que não se repitam na sociedade atual.

A história oral, que remete para a memória, é um elemento chave deste estudo e, nesse aspeto, o trabalho é de extrema atualidade. Com efeito, nos últimos anos, seguindo a esteira de autores de renome, como é o caso de Portelli, a história oral tem assumido uma importância crescente na investigação histórica e vários são os sites e as bases de dados que procuram recuperar e preservar as memórias através dos testemunhos dos intervenientes na atividade industrial do passado. Estes testemunhos orais relatam não só as particularidades do espaço físico das fábricas e do seu funcionamento, como as condições de vida dos trabalhadores, que as fontes escritas, cartográficas ou icnográficas não nos contam. São histórias de “deserdados”, de “invisíveis” que, por não terem pertencido aos grupos sociais mais favorecidos ou não terem ocupado cargos políticos e administrativos importantes, não ficaram registadas. Assim, a história oral tem sido uma importante forma de dar a conhecer a vida daqueles que não deixaram textos escritos e sobre os quais, muitas vezes, as informações se limitam à contagem do número, género e idade dos trabalhadores da fábrica.

Na segunda parte do livro, para além de retomar o tema da memória dos trabalhadores da Fábrica de Tecidos do Sobral, Telma Bessa, aborda a produção de algodão no Ceará e a forma como o desenvolvimento da indústria têxtil transformou a região quer a nível económico, quer social, baseando-se em notícias de jornais e em documentos da Fábrica de Tecidos de Ernesto Deocleciano, e retoma a reconstituição da vida dos trabalhadores da fábrica com base na história oral

Nesta segunda parte do livro o leitor depara-se também com “conversas” sobre o património industrial, ou seja, textos em que a autora reflete sobre o património industrial tomando como referência os trabalhos e a experiência de reconhecidos investigadores brasileiros e portugueses. Aborda ainda alguns casos de recuperação e reutilização do património industrial e as experiências que teve durante o seu estágio pós-doutoral no CIDEHUS-Universidade de Évora.

Composto por textos diferentes o livro lê-se com calma e interesse.

Évora, 3 de abril de 2025

Ana Cardoso de Matos
CIDEHUS - Universidade de Évora Portugal

Editora
**SER
TÃO
CULT**

Este livro foi composto em fonte Segoe UI, impresso no formato
16 x 23 cm em offset 75 g/m², com 144 páginas e em e-book
formato pdf.
Abril de 2025.

Este é um livro para ser lido e degustado. Sim, o saber e o sabor caminham juntos, no prazer de ler! As páginas narrativas e as fotografias apresentam a cidade de Sobral em diversas circunstâncias da sua realidade social, como: manifestações culturais, trabalho em fábricas, festividades. Importa tomar conhecimento da história de Sobral por meio das experiências de seus habitantes, em especial, das vivências de ex-trabalhadores da Companhia de Fiação e Tecidos Ernesto Deocleciano (CFTED).

Sobral é uma cidade de porte médio localizada a 225 km de Fortaleza/Ceará. Possui uma parte de seu núcleo urbano tombada pelo IPHAN como Patrimônio Histórico Nacional, desde o ano de 1999. O registro da história local pode ser contemplado para além de prédios arquitetônicos e ser composto pelas experiências e práticas sociais de seus moradores, pois sabemos que a história é plural e o relato oral das experiências de vida de pessoas comuns mostra que não existem somente as versões de reis, rainhas, políticos e heróis.

